



# FILOSOFIA DO HORROR

Trabalhos realizados na disciplina  
homônima, ministrada no Departamento  
de Filosofia da UFMG - 02/2020.

CIRCULAÇÃO RESTRITA.

**Prof. Walter Menon**



**PROFESSOR**

Walter Menon

**AUTOR CONVIDADO**

Henrique Iwao

**ALUNOS/AS**

Ana Luíza Junqueira

Gabriel Malta

Gabriel Vieira

Lourenço Gontijo

Pedro Caldas

Thiago Borges

Yasmim Martins

**DIAGRAMAÇÃO**

Thiago Borges

**IMAGEM DA CAPA**

Edição sobre obra de

James Ensor - 1891

“Skeletons Fighting over a  
Pickled Herring”

Belo Horizonte, março/21.



# Índice

## ABERTURA

**HENRIQUE IWAO** Helen como se Candyman... 6

## ARTIGOS

**LOURENÇO GONTIJO** A incitação do Fora: *outsideness*, abstração e aniquilação 14

**YASMIN MARTINS** Uma leitura espectralógica de “A sombra sobre Innsmouth” 32

## CONTOS

**ANA LUÍZA JUNQUEIRA** Uma noite em vermelho 42

**GABRIEL MALTA** Nas entranhas da Masmorra 50

**PEDRO CALDAS** [Sem título] 92

## ENSAIOS

**GABRIEL VIEIRA** “O Babadook” e a visão do monstro de Carroll 101

**THIAGO BORGES** A metafísica e a mecânica na cópula com o sobrenatural 109

## TRADUÇÃO

**LOURENÇO GONTIJO** As obsessões subterrâneas de Thomas Ligotti 119

## LISTA DE IMAGENS



*Os mortos têm suas estradas.*

Clive Barker



**ABERTURA**

# Helen como se Candyman...

**HENRIQUE IWAO\***

*Doutorando em Filosofia/UFMG*

No filme *Candyman* (1992), dirigido do Bernard Rose e baseado em um conto de Clive Barker (*The Forbidden*), Helen e Bernadete são pós-graduandas a pesquisar a lenda urbana do Candyman, afim de escreverem um artigo. Como universitárias não tão experientes, estão muito animadas com a perspectiva da futura publicação, tendo expectativas exageradas. Helen chega a pedir ao marido, professor também da área da antropologia, que não tratasse do assunto em suas aulas. Ele parece saber que dificilmente a publicação terá realmente um impacto e que, de qualquer modo, abordar ou não lendas urbanas no curso não afetará relevantemente qualquer resultado posterior. Ademais, quando seu colega, que já estudou a mesma lenda, diz que pode ajudar o duo, elas respondem na negativa, sonhando com a glória da originalidade, quando a realidade é que dificilmente se faz um trabalho que não seja construído a partir de outro e que some ao assunto, ao invés de se impor como único e especial.

Esse aspecto é interessante, porque essa *fantasia do paper de sucesso* leva Helen a agir como se estivesse a fazer a coisa mais importante do mundo. Agir dessa forma é efetivamente valorizar aquilo como a coisa mais importante, para Helen, naquele momento. E isso lhe fornece a obstinação necessária para convencer Bernadete a ir com ela ao bairro negro marginalizado, terra sem lei, fruto do racismo estado-unidense, institucionalizado em um programa de moradia desastroso, onde os

**\*HENRIQUE IWAO** trabalha com música experimental e também filosofia. Faz parte da Seminal Records e organiza as Quartas de Improviso.

Escreveu este ensaio para a edição 2020.1 da disciplina Filosofia do Horror.

cidadãos dizem de fato acreditar na existência de Candyman, o assassino fantasma. As universitárias vão então vestidas de policiais (ou seja, de inimigos), afim de investigar amadoristicamente um assassinato atribuído ao ente maligno, ocorrido em um dos conjuntos habitacionais de lá.

É uma ideia um pouco conflitante, mas o que pude entender disso é: Helen está interessada em dar alguma ligação real e atual ao assunto estudado, mostrando com as fotos e com a autoridade de quem fez pesquisa de campo (de quem viu *in loco*), que se trata de uma lenda urbana momentosa. Os argumentos de seu artigo estão encaminhados. Não é o caso de realmente lidar com a superstição dos moradores locais, provavelmente ligada à violência da região, escolaridade baixa e pobreza, e interpretá-la detalhadamente, de um ponto de vista racional-antropológico. É claro que Helen e Bernardete, que habitam círculos da classe média culta, não acreditam na existência de Candyman senão como lenda urbana. Mas em um primeiro momento, seu objetivo tampouco é o de desvendar o *como se* utilizado por aquelas pessoas. Candyman é o nome que se atribui à impunidade dupla, impunidade quanto aos assassinos em um lugar socialmente turbulento, e quanto ao corpo policial, que segue políticas de segregação (talvez implícitas) que misturam racismo e aporofobia (“ódio aos pobres”). Candyman ocupa a figura do *ninguém*: alguém que nem a polícia poderia ir atrás e que portanto, não pode ser punido pela sociedade. Ele aparece como uma vingança negativa, que não pode ter outro objeto senão o próprio povo vingado; é uma força destruidora interna a uma comunidade sem perspectivas. Ele envolve a falta de perspectiva em um mito fatalista: os homicídios continuarão, e continuarão impunes.

Talvez Helen e Bernardete quisessem conciliar essa colocação do problema com outra versão da lenda, a qual diz que se alguém pronunciar cinco vezes seguidas “Candyman” em frente a um espelho,

acaba por invocá-lo, provocando um ritual sacrificial suicida. Os jovens casais, afim de infundir uma fissura de valentia, uma agitação de curiosidade ambivalente, quiçá explorar os impulsos de morte, em meio às preliminares sexuais, o fazem. Porque, por um lado, ao agirem como se fosse verdade, obtém o adicional emocional que procuram. Por outro, não deixam de, como bônus, acionar seus próprios lados supersticiosos que, fornecendo um reforço de crença, intensificam o resultado. Por isso o correto é sempre pronunciar quatro vezes e tremer ante a possibilidade de pronunciar a quinta, dando sequênciã ao jogo de sedução.

Mas a conciliação acontece fora da esfera argumentativa: os fios soltos na narrativa vão sendo costurados associativamente, e ao examinar o banheiro de seu apartamento, Helen descobre uma possível explicação para assassinatos ocorrendo através do espelho, por uma falha arquitetônica e um fundo falso de um apartamento a outro. Descobre também a incrível coincidência: seu apartamento e o apartamento no qual o crime atribuído a Candyman ocorreu no gueto compartilham a mesma planta, planejada erroneamente da mesma maneira, um sendo um protótipo do outro. E é essa incrível coincidência que a reforça a necessidade de visitar o local do crime.





Acontece, claro, que estamos vendo um filme de horror. E no universo ficcional onde uma narrativa desta ocorre, tudo se aparenta com nosso mundo real, exceto que o impossível, por ser muito improvável, deve acontecer. Não apenas Candyman existe, como Helen vê os elementos eróticos de sua narrativa progressivamente acumularem-se até que a única resposta assuma o poder de uma fatalidade inescapável. Isto é, antes ela obtinha respostas teóricas às suas buscas intelectuais e eles meramente associativos entre suas descobertas, alimentando assim sua fantasia de produzir um artigo impactante. Mas, por que se contentar com tão pueril conquista, quando será possível realmente fazer parte de um acontecimento impactante, um que efetivamente tornaria as teorias de seu marido e do amigo de seu marido erradas e que a lançaria para a fama, e quiçá a glória?

Se Helen não acredita em Candyman, mas acredita na impossibilidade total do impossível; se ela não acredita na cultura na qual é dito que ele existe, então ele apresentar-se-á a ela pedindo que esta seja sua vítima. É que para o próprio fantasma a crença forte de Helen é um problema, ainda mais por se tratar de crença dupla. Primeiro, ela crê que Candyman não existe. Depois, ela crê que seu artigo com Bernardete será impactante, mostrando como Candyman não existe como entidade, mas sim como subterfúgio, superstição, ficção ou emaranhado socio-cultural. E como as boas entidades infernais, Candyman leva a sério a crença dos outros. Ele mesmo passa a crer no poder da ação insignificante de Helen. Ele acaba por crer que, de fato, a comunidade passará a não mais acreditar nele. E crê que se deixarem de acreditar, ele mesmo deixará de existir.

Tudo isso parece um roteiro descomplicado, mas existe algo muito sagaz aqui. A diferença entre a ontologia, isto é, o discurso sobre a natureza do ser, que diz respeito a uma concepção do que

existe/é, e o próprio ser, isto é, a forma de ser ou o modo de ser, que diz respeito ao que existe/é. Pois para Candyman, essas duas coisas se confundem. Possuir uma visão de mundo em que ele existe implica na existência dele, não havendo possível disparidade entre concepção e realidade, dado que faz parte da sua natureza existir se concebido, um pouco como quando olhamos distanciadamente o *argumento ontológico de São Anselmo* sobre a existência de Deus: Deus existiria por possuir a propriedade da existência; mas ele possui essa propriedade porque as pessoas acreditam em sua existência. Para Candyman, então, existir é ser parte de um discurso que se pretende veraz. Deixar de ser parte do discurso ou integrar-se a ele como falsidade é deixar de efetivamente existir. Do ponto de vista dos moradores marginalizados, Candyman existe porque ele é alvo de um discurso sobre o ser que admite sua existência. E ter um ponto de vista, no caso de Candyman, é habitar uma realidade em que ele existe. E em que ele é também alvo desse discurso porque efetivamente mata e violenta pessoas e animais.

Inicialmente, para Helen, uma cidadã educada dentro de uma concepção materialista da realidade, não há como aceitar um tal perspectivismo. Claramente Candyman não existe. Mas então, ele não deveria aparecer para ela. Aqui, é importante lembrar: sua visita ao local do crime, sua ansiedade em conseguir material para o artigo, sua empolgação desmesurada com o assunto, pode muito bem tê-la imbuída de um início de crença, de uma vontade subterrânea de existência, de um impulso inconsciente rumo ao acontecimento maior que a existência de Candyman provaria. Ela, por ter visitado aquele mundo negro marginalizado, ao contrário da sua amiga negra Bernardete, que quer acima de tudo se separar do gueto, foi contaminada e torna-se justamente o elemento da passagem

entre dois mundos. E isso porque ela passa então a cumprir uma função primordialmente antropológica, do ponto de vista desse perspectivismo Barkeriano: ela faz comunicar não apenas duas concepções do que é a realidade, mas passa a poder comunicar duas realidades distintas – uma em que Candyman não existe e outra em que ele existe. Ou é o que ela faria caso tivesse optado pelo caminho da mártir.

Quando, entretanto, Helen se recusa a morrer, ela luta com sua crescente crença em Candyman e nega esta realidade como a de um construto, uma alucinação. Como resultado, ela externaliza essa tensão, sendo engolida pela perspectiva dos crentes em Candyman, passando a habitar contra sua vontade a mesma realidade que estes, e tornando essa realidade vivida por ela incompreensível e incomunicável a todos os seus antigos companheiros do mundo da sociedade educada. Ela passa a ter o ponto de vista dos negros marginalizados de Cabrini-Green e presenciar os assassinatos perpetrados por Candyman. Mas esse ponto de vista se fecha para Bernardete, a polícia e por fim seu marido: a realidade deles envolve não acreditar na existência de Candyman e tratar sua aparição como uma ilusão demente de Helen, que então aparece como uma mulher em surto psicótico-homicida grave. Como Candyman está envolvido, a incomunicabilidade de visões de mundo é efetivamente impossibilidade de realidades.

A pergunta aí seria como conciliar as duas coisas. Não existiria uma única realidade, um único mundo real, por trás de tudo? Helen passa a ser a protagonista de uma narrativa sanguinolenta fantástica – uma para qual existe tanto uma explicação naturalista quanto uma explicação que apela ao sobrenatural. Mas será que não haveria a possibilidade de uma realidade na qual fosse possível testar

os dois discursos, investigar as posições, e checar os resultados? Onde fosse possível que uns, além de entender que os outros têm uma perspectiva, possam considerar que eles falam efetivamente de uma realidade real, porque também acessível além-cultura (o que às vezes também pode ser dito “além-natura”). Onde estes possam, por exemplo, considerar que existe alguma possibilidade de que o impossível ocorra, e de que Helen tenha conjurado um demônio sanguinolento?

Aqueles que viram o filme conhecem a solução: será preciso restituir o ciclo ao seu primeiro estado. O marido de Helen, mesmo já tendo começado outro ciclo amoroso, o intui. Seu luto passa por desfazer o absurdo da morte trágica de sua mulher e de todo o sangue derramado que precedeu. A lenda precisa continuar. Porque, por menos superticiosos que sejamos, partilhamos uma realidade que tem como propriedade nunca ser englobada inteiramente por uma teoria ou discurso. E isso significa que existirá sempre a possibilidade de que o impossível improvável ecloda. Restando apenas postar-se diante do espelho e repetir cinco vezes... Helen.

\* \* \*

*Escrevi esse texto a partir de uns comentários do Walter Menon, que anda ministrando a disciplina de filosofia do horror na UFMG, e com duas referências bibliográficas em mente. Caso queiram ir atrás, são:*

- 1. Noël Carroll: A filosofia do horror ou os paradoxos do coração.*
- 2. David Graeber: Alteridade radical é só outra forma de dizer “realidade”: resposta a Viveiros de Castro.*



**ARTIGOS**

# A incitação do Fora: *outsiderness*, abstração e aniquilação

LOURENÇO OLIVEIRA GONTIJO  
*Mestrando em Filosofia/UFMG*

**RESUMO** O presente artigo visa apresentar uma noção de horror que amplie a conceituação canônica dada pelo filósofo estadunidense Noël Carroll a este tema em seu livro fundamental *The Philosophy of Horror*. Partimos de uma breve exposição de uma hipótese levantada pelo autor acerca do surgimento do romance de horror, e o seu conceito investigado de horror artístico, em relação ao Esclarecimento como pedra de toque para elucidarmos a noção de um horror especulativo ou abstrato. Utilizamos, pois, de obras do filósofo inglês Nick Land que encontra no horror um desafio especulativo que não pode se reduzir, sem perdas demasiadas, a um aspecto meramente estético e serve de resposta a um projeto iniciado em suas obras de juventude, com vias de ampliar o escopo do objeto investigado por Carroll para uma crítica da antropomorfização feita na filosofia.

**Palavras-chave** Horror; Materialismo; Nick Land; Anti-Humanismo; Anti-Antropomorfismo.

## I. Introdução, ou prolegômenos da arte para a ontologia

Nosso ponto de partida do presente trabalho é baseado nas elaborações que o filósofo Noël Carroll (1990) faz a fim de determinar um conceito filosoficamente consistente de horror. Sua proposta é principalmente estética, isto é, seu interesse pelo tema do horror está ligado às obras literárias e cinematográficas que recaem sobre esse conjunto enquanto um gênero. Seu método consiste no exame empírico das obras de arte que são ditas desse gênero a fim de extrair delas as condições necessárias e suficientes para suscitar em nós uma emoção específica. Essa emoção do horror artístico, contudo, não será o enfoque de nossa investigação tanto quanto uma hipótese levantada que põe em jogo uma condição transcendental, enquanto condição de possibilidade, do gênero de horror.

Após estabelecer algumas características acerca da natureza da história de horror, Carroll (1990) postula que a presença de um monstro e uma relação adversa a essas criaturas que é peculiar aos protagonistas das narrativas são as demarcações mínimas dessa espécie de produção artística. Aqui, ressaltaremos o ponto fulcral que nos levou ao estabelecimento de uma comunicação possível entre os trabalhos de Carroll e Land: a diferença específica do monstro do horror para com outros tipos de monstros presentes em obras de gêneros distintos é a impropriedade categorial daqueles. Cito Carroll:

Os monstros do horror, contudo, violam as normas de propriedade [*propriety*] ontológica presumidas pelas personagens humanas positivas na história. Isto é, nos exemplos de horror, parece-nos que o monstro é uma personagem extraordinária em nosso mundo ordinário (...). (Carroll, 1990, p. 16. Tradução nossa).

Interessa-nos aqui menos a consequência dessa constatação, qual seja o modelo cognitivo-emocional que o autor propõe como descrição do fenômeno de horror para o espectador da obra, do que a fundamentação e elucidação do que constitui essas “normas de propriedade ontológica”. A hipótese do autor é elencada no findar do primeiro capítulo, após um breve tratamento da origem histórica do conto de horror contemporâneo, que se origina na literatura Gótica do século XVIII. Diz Carroll:

Uma hipótese, pois, sobre a correlação do Esclarecimento e a emergência do gênero de horror é que o gênero pressupôs algo como uma visão do Esclarecimento da realidade científica de maneira a gerar o sentido de violação da natureza requisitado. Isto é, o Esclarecimento dispôs o tipo de concepção de natureza ou o tipo de cosmologia necessárias para criar um sentido de horror. Não se precisa supor que o público leitor aceitasse totalmente a ciência do Esclarecimento, mas somente que eles tivessem um sentido operacional do que aquela concepção considerasse como fora do reino da natureza. Tampouco é suposto que os leitores concordassem com esse ponto de vista, mas somente que no propósito de entreter uma ficção eles pudessem reconhecer e utilizar tal perspectiva nos limites da natureza. (Carroll, 1990, p. 57. Tradução nossa).

Ora, aqui temos uma primeira convergência com Land (2014) que concorda com o caráter disruptivo que o horror apresenta às categorias ontológicas usuais, e aqui convém a definição dessas categorias pela ciência possível de um dado momento, porém se desloca de um exercício meramente estético para uma crítica da própria ontologia que suporta a criação da história. A violação das categorias pelas entidades monstruosas não é só causa de um efeito particular para com a narrativa, mas serve de limite para as categorias elas mesmas, uma impropriedade latente na própria ontologia que as sustenta.



O nosso objeto é, pois, uma extrapolação consciente dos limites que o autor coloca, já em sua introdução, de analisar o fenômeno de horror circunscrito a obras de arte de procedências diversas, mas compreendemos que a força exercida por esse deslocamento de foco permite-nos um rearranjo do problema que abre novas veredas para pensarmos uma filosofia e o horror para além dos limites postulados por virtualmente toda a filosofia do século XX. Passemos portanto a uma apresentação da filosofia landiana em dois momentos para distinguirmos a posição que o horror ocupa em seu pensamento.

## II. Visões da aniquilação, *noumena* com presas

A obra de Nick Land pode ser classificada, talvez de maneira a generalizar em demasia, como uma crítica ao antropocentrismo filosófico. Os interesses de Land são amplos, passando da cibernética à computação, da ficção científica à termodinâmica, sem prejuízo da crítica à “(...) compreensão humana paroquial”. (Le, 2020, p. 26. Tradução nossa). Reconstruiremos a posição landiana a partir de alguns de seus escritos da década de 1990, contando com aqueles que foram reunidos na coletânea *Fanged Noumena* (2018) e em sua única monografia *The Thirst for Annihilation* (1992), para enfim compreendermos a conexão existente entre esse momento e os ensaios publicados em anexo nos livros *Chasm* (2015) e *Phyl-Undhu* (2014).

A evocação do conceito de transcendentalidade está longe de ser mero artifício retórico, pois o principal interlocutor da contenção de Land é com a obra de Immanuel Kant. Logo no primeiro artigo que figura na compilação de seus escritos, Land postula um problema que, no trato de Kant acerca da alteridade, é emblemático do Esclarecimento como um todo:

O paradoxo do esclarecimento é, pois, uma tentativa de fixar uma relação estável com o que é radicalmente outro, visto que porquanto o outro está rigidamente posicionado dentro de uma relação ele já não é totalmente outro. Se anteriormente ao encontro do outro nós já sabemos qual a sua relação será conosco, nós o teremos o obliterado de antemão. (Land, 2018a, p. 64. Tradução nossa).

Ora, o Fora da relação transcendental aqui é precisamente o noumenal, o limite da conceituação que Kant distingue para ancorar enfim o nosso conhecimento a um chão sólido. Land, todavia retoma a metáfora utilizada por Kant acerca da ilha do conhecimento e o mar de ilusão que o rodeia para tirar novas conclusões:

Esta terra [do entendimento], no entanto, é uma ilha, e foi inscrita pela própria natureza em fronteiras imutáveis. Ela é a terra da verdade (um nome instigante), cercada por um vasto e tormentoso oceano que é o verdadeiro lugar da ilusão, onde muitos bancos de névoa e blocos de gelo prestes a derreter simulam novas terras e, enganando incessantemente, com esperanças vazias, o navegador errante que sai em busca de descobertas, atraem-no para aventuras que ele não consegue evitar, mas que, ao mesmo tempo, nunca consegue levar a cabo. (Kant, 2018, p. 242)

A inversão landiana é nos perguntar, então, se “A filosofia transcendental não é um medo do mar? Algo como um dique ou um paredão?” (Land, 1992, p. 107. Tradução nossa). A delimitação da terra do entendimento é em verdade uma inibição do terrestre em concomitância à aparente defesa contra as investidas do mar. Mais adiante Land continua: “A razão é uma fronteira fortificada, selando para fora tudo que é incerto, irresolúvel, dissoluto, um paredão contra o desconhecido, contra a morte”. (ibid.) A

operação mesma de definição dessa terra do entendimento evidencia a modernidade como problemática em aberto. Qual seja, que tudo que está Fora tem de passar por dentro, e que essa definição só se faz no interior desse dentro. Eis aí o seu paradoxo. Esse “(...) encontro inibido com a alteridade.” (Land, 2018a, p. 65. Tradução nossa) da forma transcendental da relação entre um sujeito e um objeto que suprime a forma pura da alteridade do *noumenon*, paradoxalmente qualificando-o como incognoscível ao mesmo passo que é dito ser como um objeto vazio para o entendimento mas ainda existindo por si nessas determinações é o que Kant estabelece na primeira crítica.<sup>1</sup> A determinação transcendental de Kant nos apresenta, portanto, um ultimato: a alteridade só pode ser enquanto ela já é registrada como dentro dessa correlação da experiência possível. Land diz:

O ‘objeto’ de Kant é, pois, a forma universal da relação com a alteridade: aquilo que deve ser necessariamente o mesmo no outro de ordem a que ele apareça para nós. Essa forma universal é aquilo que é necessário para que qualquer coisa seja ‘ofertada’ para a experiência, ela é o ‘valor de troca’ que primeiro permite que uma coisa seja comercializada para a mente do esclarecimento. (ibid. p. 67, Tradução nossa).

Vale indicar a reconstrução de Le como auxílio:

Logo, enquanto o idealismo transcendental de Kant critica o antropomorfismo ao expor como a metafísica dogmática imiscui fenômenos pelas coisas-em-si, Land propõe um materialismo

---

1 Essa elaboração é como a feita por Kant na Crítica da Razão Pura. Cf: KrV B 345–351.

transcendental que critica os vestígios antropocêntricos do próprio Kant com recurso a uma realidade material exterior a qual o pensamento não pode esquematizar na medida em que ela marca a cessação do pensamento como tal (...). (Le, 2020, p. 28)

Cabe-nos a explicação da paridade entre o *noumenon* e a morte para o autor, a fim de explicitarmos a necessidade da aniquilação.

Para Land a morte mantém uma cumplicidade com a experiência do sublime e o *noumenon*. “Deve-se primeiro liberar o *noumenon* de sua determinação como objeto problemático para vislumbrar que entre a matéria e a morte há uma certa identidade ou uma relação intrínseca (...)” (Land, 1992, p. 111, Tradução nossa). Essa identidade é baseada na leitura específica que faz da experiência do objeto sublime: é a irrupção, dentro do esquematismo entre sujeito e objeto transcendental, da coisa-em-si, do Fora desconhecido que ameaça a estabilidade da relação. Se, como Land (1992) fala, nem mesmo a possibilidade de provar a morte que o sublime apresenta é eficaz, a sua vertigem e o perigo que apresentam ao sujeito que o contempla é inibido pelo “(...) prazer que é experienciado quando um objeto demonstra uma submissão ou rebaixamento extrajudicial diante da faculdade de julgar” (Land, 2018a, p. 75).

A inibição da síntese é, portanto, dada como uma supressão da alteridade no meio do esquema e pode ser exposto desse modo. É “um evento que retém o sentido de um objeto perdido ou ausente, em vez de um contato com ou através de uma desobjetividade [objectlessness]” (Land, 1992, p. 110). É a sublimação da morte como o que se diferencia unilateralmente da distinção sujeito-objeto para a particularidade da representação do sujeito. Nesse caso sujeito transcendental é a condição de

eliminação da alteridade, ao mesmo tempo que funda a formulação decididamente moderna acerca de seu estatuto. Como indicado por Le (2020), a morte funciona como índice do limite da crítica filosófica, separando aquele pensamento que postula sempre a sua finitude e contingência frente ao desconhecido em contraste a aquele que visa se resguardar como único meio possível do conhecimento. Dito de modo mais direto, a relação entre morte e *noumenon* é:

Dado que a morte é, como *noumenon*, aquilo que não podemos saber diretamente, ela, pois, é testemunha de uma realidade noumenal que rompe com os nossos objetos possíveis da experiência antropogênica. (Le, 2020, p. 29. Tradução nossa)



O nosso caminho é o de aventurar no mar do desconhecido, de lançar mão da terra firme para navegarmos nas águas tempestuosas, ainda que as ondas arrebatem nossa embarcação nas rochas imperceptíveis àqueles que permanecem na costa. Desde aqui já temos uma privilegiação da literatura como um modo de explorarmos mais adiante o que a teoria só pode fazer com receio. “A ficção se inicia numa aniquilação do mundo, embora essa seja isolada à primeira vista”. (Land, 1992, p. 186. Tradução nossa). O privilégio da literatura passa, posteriormente, a um acordo entre a cibernética e esse desejo de exploração. A figura da morte agora se mistura com a de uma inteligência artificial geral que superará suas restrições humanas, ao chegar do Fora e eliminar a necessidade de se reportar aos caprichos da espécie humana. Cito Land:

A estrada principal do pensamento não passa mais pelo aprofundamento da cognição humana, mas sim através de um devir inumano da cognição, uma migração da cognição para o reservatório planetário de tecnoseniência [*technosentience*] emergente (...) onde a cultura humana será dissolvida. (Land, 2018b, p. 293. Tradução nossa).

A finitude humana está marcada pelo advento de chegada dessa nova inteligência que superará a nossa paroquialidade em prol de novos horizontes que se chocam do Fora para dentro. A essa mudança também corresponde uma alteração na forma do texto. Land passa a se utilizar da ficção-teórica [*theory-fiction*] como meio privilegiado de acessar e experimentar com o desconhecido. Como Le mostra: “Ficção-teórica, pois, denota a demolição da distinção entre ficção e teoria, enquanto aquela cessa de descrever um mundo imaginário separado de um real em favor de antecipar o que o mundo

real será no processo de devir (...)” (Le, 2020, p. 30. Tradução nossa). A ficção-teórica é o modo pelo qual a literatura engendra o noumenal enquanto aquilo que está porvir.

### III. *Outsidersness, a cumplicidade com a desconhecimento*

A aposta landiana é um movimento de dispersão que opera, na escrita e no pensamento, essa imanenência radical da alteridade tomada como um princípio que se distingue radicalmente da postulação transcendente entre sujeito e objeto. Cito: “Zero por si só não pode ser fragmentado, dividido, ou partido – sendo indiferenciabilidade sem unidade – mas o custo dessa continuidade para o ser discreto é sem limites” (Land, 1992, p. 114. Tradução nossa). Zero como o sujeito impessoal do noumenon, outra figura para a cumplicidade entre a morte e a matéria, enquanto desconhecimento puro, forma vazia. O problema seria uma cisão errônea que o gesto transcendental opera, ou nas palavras do filósofo: “(...) o dogma transcendente não repousa na postulação de um fora da experiência, mas sim à postulação da experiência como dissociada de sua derrapada para o abismo” (Land, 1992, p. 116. Tradução nossa). A filosofia deve, então, dar conta tanto da cisão da experiência com esse seu Fora que a condiciona e, ao mesmo tempo, se manter fiel à unilateralidade que essa “matéria base”<sup>2</sup> tem para nós: que ela se diferencia absolutamente, sem se tornar uma em algum juízo, como no caso do objeto transcendental. Há,

---

2 A referência a uma matéria base que desestabiliza os termos da correlação entre sujeito e objeto é herança clara da filosofia de Georges Bataille. Para os nossos fins, contudo, a discussão dessa influência importante para a primeira monografia de Land adicionaria diversos problemas exegéticos para além de nosso escopo. Sobre o materialismo de base de Bataille, Cf. LAND, N. *The Thirst for Annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*, London: Routledge, 1992. e NOYS, B. *Georges Bataille’s Base Materialism*. *In: Cultural Values*, v. 2, 4. pp. 499–517.

como citado anteriormente, um modo privilegiado de se utilizar desse princípio, mas que agora toma forma determinada: o horror abstrato. Passaremos agora à sua consideração acerca do horror em seus ensaios anexados como apêndices de seus livros de ficção, *Appendix-1: Abstract Horror* (2014) e *Manifesto for an Abstract Literature* (2015).<sup>3</sup>

Há, em ambos os textos, uma formulação igual, embora o seu escopo seja para objetos diferentes em cada ensaio: “(...) *fazer um objeto do desconhecido, enquanto desconhecido* [to make an object of the unknown, as the unknown]” (Land, 2014, §100 e também Land, 2015, §108. Ênfase do autor. Tradução nossa). Essa tarefa que aparenta ser diferente é uma e a mesma quando consideramos que:

Isolar o propósito abstrato do horror, portanto, não requer uma operação filosófica suplementar. O horror se define através de um pacto com a abstração, de uma tal compulsão primordial que a metafísica disciplinada somente pode lutar, tardiamente, para recapturar. Alguma ‘coisa’ sublime – abstraída radicalmente do que ela é para nós – pertence ao horror muito antes da razão se lançar em sua busca. O horror encontra pela primeira vez ‘aquilo’ que a filosofia eventualmente busca saber. (Land, 2014, §101. Tradução nossa.)

A nova elaboração landiana ecoa de perto o sentimento de estranhamento que alguém como H. P. Lovecraft, citado no Manifesto, expõe em suas histórias e ensaios. Destaquemos duas passagens:

---

<sup>3</sup> Visto a paginação irregular proveniente da versão digital das obras, suas referências serão marcadas com a seção correspondente à citação, sempre precedida pelo ano de publicação, como no exemplo a seguir. Ex.: 2014, §100.



(...) pois embora a área do desconhecido tem contraído firmemente por milhares de anos, um reservatório infinito de mistério ainda engloba a maior parte do perímetro externo do cosmos, enquanto um vasto resíduo de associações poderosas herdadas se agarram em torno de todos os objetos e processos que foram outrora misteriosos, apesar de quão bem eles agora são explicados. (Lovecraft, 2008, p. 1042).

Eu escolho histórias insólitas [*weird*] porque elas se adaptam melhor à minha inclinação—um dos meus desejos mais fortes e persistentes é alcançar, momentaneamente, a ilusão de alguma suspensão estranha ou violação das limitações irritantes do tempo, do espaço e da lei natural que para sempre aprisionam-nos e frustram nossa curiosidade sobre os espaços cósmicos infinitos além do raio de nossa visão e análise. Essas histórias frequentemente enfatizam o elemento de horror, porque o medo é nossa emoção mais profunda e forte, e aquela que melhor se presta à criação de ilusões que desafiam a natureza. O horror e o desconhecido ou o estranho estão sempre intimamente ligados, de modo que é difícil criar uma imagem convincente de lei natural quebrada ou alienação cósmica ou “*outsideness*” sem enfatizar a emoção do medo. (Lovecraft, 1937. Tradução nossa).

O estranhamento que Lovecraft invoca é justamente o método de escrita utilizado por Land. Deve-se manter um jogo entre representação e não-representação que faça jus à irredutibilidade da esfera noumenal às categorias antropomórficas. É a invocação da “(...) apreensão da não-apreensão, ou a percepção do imperceptível como tal” (Land, 2015, §114). Essa apresentação do Fora, dessa *outsideness* absoluta, é feita com os próprios recursos narrativos que não buscam explicar ou naturalizar os eventos, mas desnaturalizar ou fazer irromper no seio de nosso modo de relação um problema insolúvel, ou pelo menos insolúvel para nós. Land (2015) nega que o medo seja o guia da literatura abstrata, sendo o horror o que surge da crítica do medo. Ele diz:

Não há diferença entre a literatura abstrata e o horror, concebido na profundidade (no abismo). Um encontro com o absolutamente cognitivamente intolerável não pode se concluir na apresentação positiva. Dos autores do horror há muito se espera que eles entendam isso – mesmo se tipicamente submetem-se ao pecado da exibição, à voluptuosidade de mostrar, e de dizer. Dentro da imagem o horror é enterrado. A literatura abstrata, portanto, compromete-se com a iconoclastia definida que é, também, um voto de silêncio – embora seja um silêncio velado. (Land, 2015, §118. Tradução nossa).

Assim a literatura abstrata e o horror encontram seu propósito comum *qua* pacto com a abstração maximamente concebida. Aqui, contudo, Land parece radicalizar a posição anterior que mantinha. Em seus escritos iniciais mesmo a teoria podia aventurar-se para esse Fora, romper com a estagnação da nossa segurança antrópica, coisa que se restringe à literatura abstrata agora. Cito a passagem que explicita essa mudança:

O horror antecipa a filosofia, concebe-a automaticamente, e a provê de seu objeto supremo – a abstração (nela mesma). Ele vem do mesmo não-lugar ao qual a filosofia tende para. Se o ceticismo ensina à filosofia o que ela não pode pensar, o horror a convence de sua incapacidade. Desse modo, o pacto entre a abstração e o horror – a coisa – ultrapassa tudo que a filosofia poderia ser, ou saber. É uma conexão tão antiga quanto o tempo. *Exatamente* tão antiga. O horror constrói a mansão da intuição arruinada, na qual a filosofia perambula como uma criança nervosa. (Land, 2015, §119. Ênfase do autor, tradução nossa).

Aqui, convergimos com Carroll em outro ponto: o guia da literatura abstrata é o monstro, mas para Land o seu papel é diferente. Ele diz: “A literatura abstrata pega emprestado os seus guias do horror, e eles são os monstros. (...) O monstro é liminar, diagonal. Ele revela uma *obscuridade lúgubre*.” (Land, §120. Ênfase do autor, tradução nossa). O perigo do monstro não é um problema moral ou cognitivo, pelo menos não do modo como Carroll (1990) o concebe, mas um perigo metafísico. O monstro pode ser concebido segundo graus diferentes de abstração, onde cada grau superior atesta ao desmantelamento conceitual do horror. O primeiro grau é a alémnidade [*beyondness*]<sup>4</sup>, a propriedade do monstro de exceder a conceituação humana, sem entrar em uma relação já circunscrita à relação usual entre objetividade e subjetividade. Diz o autor:

É, primeiramente, um contra-humanóide, evadindo o reconhecimento antropomórfico. Visto que ‘inumanidade’ se mantém capturada dentro de uma relação dialética, é preferível invocar uma ‘não-’ ou ‘des-humanidade’ determinada abstratamente (...) somente como “algo que não é nós”. (Land, 2015, §121. Tradução nossa).

Subindo o grau de abstração, o monstro se transfigura em formas “(...) plasticizadas, metamórficas, poli-segmentárias” (Land, 2015, §122. Tradução nossa). As criaturas híbridas de Lovecraft, como a população de Innsmouth que é progênie da relação de humanos com os seres monstruosos de tempos imemoriais que residem no fundo oceânico, exemplificam esse tipo de monstro. Acima desses, há os

---

4 Encontramos aqui uma dificuldade de tradução do termo e optamos por cunhar um neologismo que mantenha o mesmo intuito de identificar um grau de abstração mínimo do monstro como no texto original.

monstros metamorfos, que existem somente enquanto eles se adaptam à caça de suas presas. “Que a Coisa<sup>5</sup> não tivesse aparência separável daquela de suas presas estava ‘evidente’ desde o início”. (Land, 2014, §110. Tradução nossa). O último grau é definido como: “Em seu zênite intensivo, [os monstros] sublimam-se ao puro sistema – ciclos reprodutivos, padrões de parasitagem, perfis epidemiológicos, e ondas convergentes – concebíveis somente através do que eles fazem.” (Land, 2015, §122. Tradução nossa). O exemplo que Land recorre é ao sistema de inteligência artificial da franquia cinematográfica do *Exterminador do Futuro*, a Skynet<sup>6</sup>, representada pelos monstros que asseguram o seu funcionamento, mas que ela mesma se ausenta na representação. Com esse grau máximo, a abstração encontra-se determinada no horror abstrato que tem seu propósito na “obscuridade integral” (Land, 2015, §108. Tradução nossa), que não descreve e nem pode descrever o que é essa coisa, somente sua predação existencial e ontológica sobre a humanidade incauta.



---

5 Aqui Land referencia o monstro do filme de 1982 de John Carpenter “*The Thing*”, traduzido para o português como “O Enigma de Outro Mundo”. Eis a razão de traduzirmos *Thing* por Coisa. A trama conta de uma expedição de cientistas estadunidenses na Antártida que encontram uma entidade parasitária que assimila a informação genética de outras criaturas e somente aparece de forma a mimetizar e distorcer a forma de suas presas.

6 Cf. *The Terminator* e *Terminator 2: Judgement Day*, de James Cameron.

#### IV. Preternaturalidade hostil, o terrorismo ontológico do horror

Vimos nesse trabalho, pois, a definição dada de um horror estético por Carroll e a sua delimitação a um horizonte conceitual que seja atado a um monstro que indicia uma impropriedade ontológica com respeito às categorias científicas do Esclarecimento. Depois, prosseguimos com a apresentação de uma posição inicial de Nick Land que responde ao estatuto dessa ontologia do Esclarecimento, ao mostrar a sua insuficiência para com a alteridade absoluta do *locus* noumenal. A sua proposição é de tomarmos o risco no mar tempestuoso do *noumenon* para experimentarmos (teoricamente e através da ficção), e não somente conceituarmos dentro da correlação transcendental, esse espaço em-si. Após esse momento, mostramos como o horror ou literatura abstratos se apresentam como radicalização dessa tese, indicando essa forma de literatura como única passível de apresentar o grau máximo de abstração que a filosofia quer erigir como seu objeto. A esse fim, recorreremos ao final do ensaio de Land, que apresenta sucintamente essa tarefa que procuramos elucidar, de um horror que não se limita a uma experiência estética, mas é a atualização da crítica da filosofia transcendental:

Muito deve ser concedido ao nosso interlocutor hipotético que nos pergunta: “Não é, então, a missão intrínseca da literatura abstrata incitar uma devastação ontológica infinita sobre os seus leitores?” Pois como isso seria evitado? A nossa tarefa não pode ser outra do que suplantiar pesadelos intoleráveis com outros ainda piores. Felizmente, isso não é uma tarefa fácil (de um certo ponto de vista), mesmo que seja um destino inelutável (de outros). (Land, 2015, §125. Tradução nossa).

De onde vem esse pacto cruel com o abismo? Só podemos responder asseguradamente – do abismo. Se outra resposta fosse plausível, então a literatura abstrata seria expressão, quando é

apenas - ou pelo menos esmagadoramente - exploração, e explorar, do outro lado, é deixar algo entrar. (Land, 2015, §126. Tradução nossa).

Deixar algo entrar, essa é a exploração. Estar aberto à estranheza, à experiência da *outsideness* radical, mesmo que isso nos leve ao reino recôndito da loucura absoluta, da dissolução de todas as certezas, e da segurança que temos de nossa posição tranquila dentro de um cosmos desconhecido e, principalmente, hostil à nossa presença.

## Referências

- CARROLL, N. *The Philosophy of Horror, or Paradoxes of the Heart*. London: Routledge, 1990.
- LAND, N. *The Thirst for Annihilation: Georges Bataille and Virulent Nihilism*. London: Routledge, 1992.
- LAND, N. Kant, Capital, and the Prohibition of Incest: A Polemical Introduction to the Configuration of Philosophy and Modernity. *In: Fanged Noumena: Collected Writings 1987–2007*. BRASSIER, R; MACKAY, R. (orgs.). 6ª ed. New York: Urbanomic/ Sequence Press, 2018. p. 55–80.
- LAND, N. Circuitries. *In: Fanged Noumena: Collected Writings 1987-2007*. BRASSIER, R.; MACKAY, R. (orgs.). 6ª ed. New York: Urbanomic/ Sequence Press, 2018b. p. 289–318.
- LAND, N. Appendix-1: Abstract Horror. *In: Phyl-Undhu: Abstract Horror, Exterminator*. LAND, N. Time Spiral Press, 2014. Versão digital disponível em: <https://timespiralpress.net/titles/>. (Acessado em 22 de Março de 2021).
- LAND, N. Manifesto for Abstract Literature. *In: Chasm*. LAND, N. Time Spiral Press, 2015. Versão digital disponível em: <https://timespiralpress.net/titles/>. (Acessado em 22 de Março de 2021).

LE, V. Philosophy's dark heir: On Nick Land's abstract horror fiction. *Horror Studies*. v. 11. n. 1. pp. 25–42. Abril de 2020. Disponível em: <https://www.ingentaconnect.com/content/intellect/host/2020/00000011/00000001/art00003> (Acessado em 22 de Março de 2021).

LOVECRAFT, H. P. Supernatural Horror in Literature. *In: The Complete Fiction*. New York: Barnes & Noble, 2008. pp. 1041–1098.

LOVECRAFT, H. P. Notes on Writing Weird Fiction. 1937. Disponível em: <https://www.hplovecraft.com/writings/texts/essays/nwwf.aspx> (Acessado em 22 de Março de 2021).

KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Tradução de Fernando Costa Mattos. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

# Uma leitura espectrológica de “A sombra sobre Innsmouth”

**YASMIM RODRIGUES MARTINS**

*Graduanda em Artes Visuais/UFMG*

Este artigo tem como objetivo analisar o conto “A sombra sobre Innsmouth” do escritor H.P. Lovecraft, de forma a enxergar a escrita lovecraftiana diante de princípios da filosofia, através da teoria da espectrologia ligada às noções de disjunção no ser e *outside*, com foco na obra de Fabián Ludueña Romandini e no TCC “Uma leitura espectrológica de Lovecraft: Análise de *A cor que caiu do céu, O chamado de Cthullu e Sussurros na escuridão*” de Lucimara da Silva Corrêa.

## **O povoado de Innsmouth**

A história, que se passa em 1927, é narrada por um jovem que está fazendo uma excursão pela Nova Inglaterra “com fins turísticos, antiquários e religiosos”. Após conversas com o bilheteiro da rodoviária de Newburyport, a fim de conseguir passagens mais baratas, ele fica sabendo de um desvio por Innsmouth que lhe pouparia um bom dinheiro, mas o bilheteiro adverte que coisas sinistras aconteceram na cidade que é rodeada de lendas monstruosas, o que só faz aumentar a curiosidade do rapaz.



Logo, o narrador decide que irá visitar a cidade, e sai em busca de novas informações antes da partida do ônibus ao local. O bilheteiro conta um pouco da história onde a cidade prosperava até a guerra de 1812, mas que nos últimos 100 anos vem sendo arruinada. Casas vazias, “sem comércio digno de menção”, apenas uma refinaria que funciona de uma forma bem precária, cujo dono parece estar trancado em casa, sugerindo alguma doença ou deformidade, partindo de sua família o surgimento de boatos que envolvem pacto com o demônio, “adoração ao diabo e sacrifícios pavorosos”, causando a má fama do local.

Assim que chega na cidade, o personagem enxerga o cenário que deu início aos rumores, e ao tentar descobrir mais coisas, se encontra em uma situação em que precisa fugir para salvar sua vida, depois de encontrar criaturas que vão além de sua compreensão humana.

A ideia é analisar, por meio de trechos selecionados do conto, aspectos que moldam a escrita lovecraftiana, a partir dos conceitos de Romandini. Para isso, não seguiremos a ordem cronológica da história.

## Outside

O primeiro aspecto a ser citado é o recife Devil Reef, pois aparece desde o começo como o principal causador das singularidades, e acreditamos que ele possa ser lido como um *outside* na história.

Mas você devia ouvir o que uns velhos contam sobre o recife escuro ao largo da costa. Devil Reef, é assim que eles chamam. Fica bem acima da água boa parte do tempo e nunca muito abaixo dela,

mas nem por isso se devia chamar aquilo de uma ilha. A história é que toda uma legião de demônios é avistada, às vezes, em cima daquele recife, espalhada por lá ou entrando e saindo de umas espécies de cavernas perto do topo. É uma coisa escarpada, irregular, a mais de dois quilômetros de distância, e no final dos tempos da navegação os marinheiros costumavam fazer grandes desvios só para evitá-la. (LOVECRAFT, p. 6)

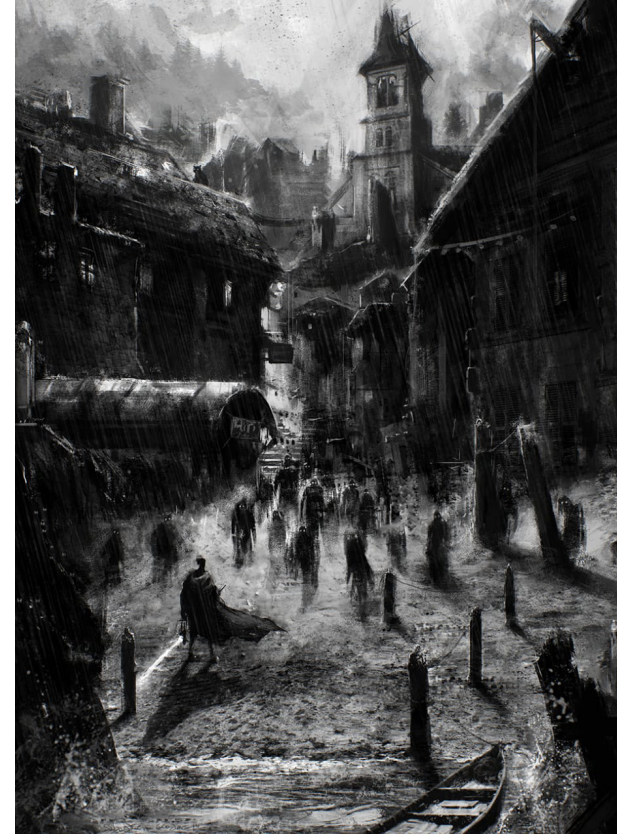
O *outside* pode ser entendido como um portal, sendo designado por Romandini como “um espaço vago pela metafísica, um umbral onde tem lugar uma disjunção no Ser que torna possível conceber um território cuja geografia escapa dos confins tanto da ciência do ente enquanto ente, como do postulado do Ser como acontecimento primigênio” (ROMANDINI, 2018, p. 133 apud SILVA, 2020, p. 20). Na história ele funciona como algo que abriga seres desconhecidos que estiveram na Terra há muito tempo atrás, no caso, seria o lugar usado para encontrá-los. E embora eles estivessem “adormecidos”, eles revivem sempre que são chamados, como podemos ver na explicação do velho Zadok Allen, conhecido como o bêbado da cidade, que conta como o capitão Obed Marsh conheceu os seres e realizou o ritual para chamá-los.

Walakea mostro pra Obed uma porção de rito e encantamento que tinha a vê co’as coisa do mar e deixo ele vê alguns rapaiz da ardéia que tinha mudado bastante da forma humana. De um jeito o de outro, nunca deixo ele vê umas das coisa que saía sempre da água. No finar, ele deu pra ele um bejeto engraçado feito de chumbo, o sei lá oquê, que ele dizia que podia trazê as coisa peixe de qualquer lugá de debaixo d’água onde pudesse tê uma ninhada delas. A idéia era atira a coisa pra baixo com o tipo certo de reza e procurá. Walakea garantia que as coisa tava espalhada pelo

mundo todo, e que quem procurasse podia encontra uma ninhada delas e puxa elas se quisesse. (LOVECRAFT, p. 44-45)

O *outside* traz forças antigas e ancestrais que governam os humanos, que lhe são determinantes e podem voltar a se fazer presentes a qualquer momento. Assim podemos ver que Lovecraft assume uma posição anti-humanista, em que se dão, ao mesmo tempo, uma dimensão pré-humana e uma dimensão pós-humana, na medida em que escreve sobre estranhos seres que habitaram o planeta antes de nós e também a respeito da força superior que estes seres ainda exercem sobre a humanidade, tornando-a, de algum modo, obsoleta. No conto isso se torna perceptível, visto que no começo os seres ajudaram dando peixes e ouro, mas depois passaram a ter outros objetivos:

Aquela noite horríver... eu vi eles. Eu tava na cúpula..., montes deles..., um enxame deles... sobre todo o recife e nadano pela enseada para Manuxet... Deus, o que aconteceu nas ruas de Innsmouth naquela noite... (...) Tava tudo limpo pela manhã..., mas tinha traços... Obed meio que tomo conta e diz que as coisas vão mudá... Outros vai participa co'a gente na congregação, e umas casa vai tê que recebe hóspede... Eles queria mistura como fez com os canaca, e ele não tava a fim de impedi. Foi longe, o Obed...; como um maluco no assunto. Ele diz que eles nos traiz peixe e tesoro e devia de tê o que eles quisesse dispois... (LOVECRAFT, p. 51)



A intenção era fazer com que os humanos passassem a se misturar com esses seres, de forma a se produzirem híbridos que futuramente deixariam a terra para entrar no mar com os outros. De acordo com Romandini, “a possibilidade de seres que, provindo de além do tempo e do espaço, constroem na própria terra as formas de vida negadoras da Humanidade, sociedades para além do social e temporalidade para além do tempo” (2013, p. 27), uma vez que as criaturas se mostram imortais. Assim, entramos nas questões de fusão das espécies e da disjunção no Ser.

### **Fusão das espécies e disjunção no Ser**

A aparência dos moradores de Innsmouth chama a atenção do narrador desde o começo:

Quando o motorista saiu da loja, observei-o com mais atenção tentando determinar a origem da má impressão que ele me causara. (...) Tinha cabeça estreita, olhos azuis aquosos saltados que pareciam nunca piscar, nariz chato, testa e queixo recolhidos e orelhas pouco desenvolvidas. Seus lábios eram grandes e carnudos e as maçãs do rosto, acinzentadas e ásperas, pareciam quase imberbes, exceto por uns raros fios louros enrodilhados em tufo irregulares, e, em alguns pontos, sua superfície apresentava uma curiosa irregularidade, como se tivesse sido descascada por alguma doença de pele. (LOVECRAFT, p. 16-17)

O trecho trata do primeiro encontro com um morador da cidade, o motorista de ônibus Joe Sargent. Sendo consequência do ritual citado anteriormente, podemos observar na literatura de Lovecraft que esse tipo de ritual vai além de toda etnologia possível, “trata-se de um arqui-ritual mas também de um ultra-ritual dado que, desaparecendo a vida humana, as cerimônias haverão de prosseguir por

outras espécies, em outros mundos” (ROMANDINI, 2013, p. 28). No conto escolhido, a noção de espécie acaba perdendo toda a sua significação, já que os rituais não obedecem nenhuma fronteira biológica e desfazem o limite entre as espécies, de modo a produzir fusões, metamorfoses e anamorfozes biológicas, “ao ponto de se poder afirmar que a trans-especificidade constitui uma das condições da eficácia ritual, bem como um de seus objetivos mais insistentemente almejados” (ROMANDINI, 2013, p. 28).

Podemos partir do pressuposto que essa fusão de espécies levaria a uma disjunção no Ser, pensando o mesmo como a desintegração humana, o desfazer-se dos traços comuns à humanidade, o processo que acontece com o sujeito em um cosmos deslocado e repleto de entes exteriores ao ser (os espectros): “não são as formas do cosmos que produzem o sujeito, mas ao contrário, são as figuras espectrais que fraturam o real e inscrevem o sujeito a partir de fora, porém em seu próprio corpo”. (ROMANDINI, 2018, p.185 apud SILVA, 2020, p. 15)

A disjunção pode acontecer, também, em um momento em que o personagem perde o seu referente, sente o medo desesperador de fragmentar-se, perder-se enquanto ser. Como acontece na seguinte passagem do texto:

Foi o fim de tudo que me tenha sobrado de vida sobre a face desta Terra, de todo vestígio de tranqüilidade mental e confiança na integridade da natureza e da mente humana. Nada do que eu poderia ter imaginado — nada, mesmo, que eu poderia ter concluído se houvesse acreditado na história maluca do velho Zadok da maneira mais literal — seria comparável, de alguma maneira, à realidade ímpia, demoníaca que eu vi — ou penso ter visto. Tentei sugerir o que foi para adiar o horror de descrevê-lo cruamente. Como seria possível este planeta ter gerado de fato essas coisas, os olhos

humanos terem visto, como matéria concreta, o que o homem até então só conhecia de fantasias febris e lendas vagas? (ROMANDINI, p. 87)

O instante em que o humano percebe a sua insignificância perante o ser dominante é um traço que se sobressai em Lovecraft que coloca o homem como “um acidente do acaso cósmico”, “como maior obstáculo para o novo Mito, o mesmo precisa abandonar as superfícies do globo, para que as forças que subjazem no mito possam ocupar o lugar a que sempre estiveram destinadas”. (ROMANDINI, 2013, p. 11). Dessa forma, podemos introduzir a espectralógica, que está ligada às construções de disjunção no Ser e de *outside*.

## Espectralógica

A situação acima se enquadra em um momento em que o personagem se encontra afetado pela perturbação espectral. Romandini (2018) explica que o espectro não é o que se coloca em frente ao pensamento, nem à consciência como um “externo objetivo”, sendo o corte do pensamento, e o impedimento da formação da consciência, consequência de sua atormentação. Os espectros são como “os entes que sobrevivem (mesmo que sob a forma de um postulado) à sua própria morte, ou que estabelecem um ponto de indistinção entre vida e morte, o espectro pode ser completamente imaterial ou adquirir diferentes consistências” (ROMANDINI, 2012, p. 13). A espectralógica, então, é o estudo desses entes, denominados espectros, e é a partir do desenvolvimento desses estudos que surgem os conceitos de disjunção no Ser e *outside*.

Ao final da história, apesar da cidade aparentemente estar dominada pelos espectros, ainda existem pessoas que não participam de toda a organização, mas não é possível concluir o que irá

acontecer. Podemos apenas supor que eles estão dominando cada vez mais o território ultrapassando limites da cidade, visto que o narrador, que não nasceu lá, também descobre ter uma mistura no sangue com esses entes e planeja voltar para Innsmouth, de forma a se juntar com a sua família.

Os tensos extremos de horror estão diminuindo e eu me sinto curiosamente atraído para as profundezas marítimas desconhecidas em vez de temê-las. Ouço e faço coisas estranhas durante o sono e desperto com uma espécie de exaltação em vez de terror. Não creio que tenha de esperar pela transformação completa como a maioria. (...) Vou tramar a fuga de meu primo daquele asilo de Canton e juntos nós iremos para a encantada Innsmouth. Nós nadaremos para aquele recife que se estende sobre o mar e mergulharemos para os abismos negros da ciclópica Y'hánthlei de muitas colunas. E, naquela morada dos Profundos, viveremos em meio a glórias e prodígios para todo sempre. (LOVECRAFT, p. 97-98)

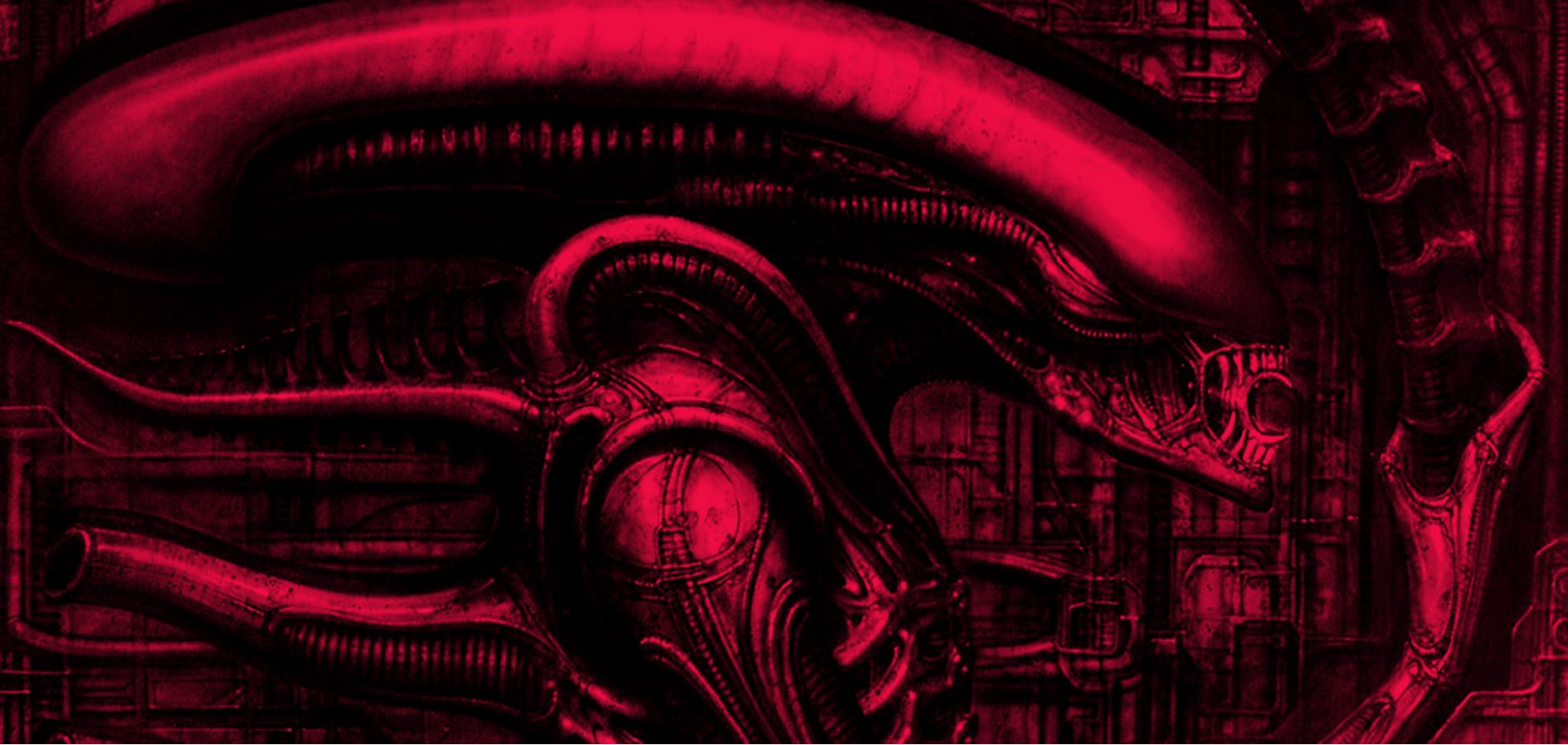
Podemos explicar essa inconclusão pois os espectros já não indicam a independência do objeto em relação ao sujeito, ou vice-versa, e sim a disjunção que subsiste na dinâmica entre o sujeito e o objeto (ROMANDINI, 2018, p. 203–204 apud SILVA, 2020, p. 18), ou seja, o espectro (objeto) que fica no local e os moradores da cidade (sujeito), poderiam representar essa dependência do objeto em relação ao sujeito e vice-versa, visto que o espectro, no começo, dependia do ritual para se manifestar, e depois os moradores passaram a depender e a se submeter.

Na escrita de Lovecraft, como um todo, é possível enxergar sinais espectrológicos, porque além de trabalhar com o constante medo da disjunção, da perda de identidade, apresenta diversas criaturas e objetos cósmicos/inumanos.

## Referências Bibliográficas

- LOVECRAFT, H.P. *A sombra sobre Innsmouth*. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/n8x05>. Acesso em: março de 2021.
- PINTO NETO, Moysés. *Do Espírito aos Espectros: ida, volta e reviravolta*. *DasQuestões*, Vol. 9 nº 1, junho de 2020, p.116-136
- ROMANDINI, Fábian Ludueña. *A comunidade dos espectros I. Antropotecnia*. Desterro – Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2012.
- ROMANDINI, Fabián Ludueña. *H. P. Lovecraft: a disjunção no ser*. Desterro – Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2013.
- ROMANDINI, Fábian Ludueña. *Princípios de espectralologia – A comunidade dos espectros II*. Desterro – Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.
- SILVA, Lucimara Corrêa da. *Uma leitura espectralógica de Lovecraft: Análise de A cor que caiu do céu, O chamado de Cthullu e Sussurros na escuridão*. UNISUL - Universidade do Sul de Santa Catarina, 2020.





**CONTOS**

# Uma noite em vermelho

**Ana Luíza Washington Junqueira**

*Graduanda em Letras/UFMG*

Fazia certo tempo que queria por no papel o que lhe vinha à mente, não havia um enredo nítido, apenas a imagem de duas criaturas começou a tomar espaço por entre seus pensamentos, e sempre se sentia absorvido por elas, pelo que podia haver por trás delas, por isso punha-se a imaginar histórias que poderiam ter produzido aqueles corpos sombriamente constituídos que subitamente lhe brotaram na cabeça, no início mais distraidamente, mas, passado algum tempo, surgiam com alguma insistência. No dia em que teve a ideia para a história, tudo estava muito sereno, ele sorvia com lentidão o café amargo enquanto os pensamentos lhe traziam as ideias curiosas que faziam suas mãos arderem. Ele estava em frente à escrivaninha, sendo encarado pela janela larga que lhe entregava todo o vazio de seu quintal naquele dia nem um pouco fatal. Posicionou com cuidado a caneca sobre a mesa, alcançou alguma caneta que estava mais próxima, e pôs-se a elaborar a própria morte. Não percebeu que, naquele dia, a névoa típica dos dias frios nas serras começou a se acumular mais diligentemente ao redor de sua casa.

*“Era uma criatura que flutuava anônima naquele apartamento abandonado. Ela não tinha olhos, o corpo parecia uma fina camada preta de tecido puído e ondulante,*

*como se o ar fosse coberto por um sobretudo; o que seria o rosto era encoberto por uma penugem oleosa e dele nascia um longo bico pontiagudo e negro. Poeira se acumulava ao redor de sua cabeça, formando uma auréola, e abaixo da criatura, no chão que ela não tocava, havia um montículo de cinzas. Alguns dedos sujos e retorcidos lhe saíam da lateral do corpo, dedos esses que eram agarrados pela mão pequenina de uma menina sem olhos. Que belo terror essa estranha dupla constituía, encerrada nesse mundo particular que era esse apartamento rodeado de nada. A menina não devia ter mais que seis anos, as pernas finas e a figura atrofiada denunciavam-lhe a idade, mas o rosto parecia tão antigo quanto a criatura flutuante ao seu lado. Ela me encarava com a sombra de suas órbitas vazias e, quando abriu a boca para talvez dizer algo, vomitou uma tempestade de cinzas que preencheu o quarto. Eu fiquei exatamente onde estava, parecia que cordas invisíveis me amarravam àquela cena impossível. O quarto cheirava a doença e não havia para onde ir.”*

\* \* \*

— Só estou ligando para saber se está tudo bem, pai. Faz tempo que não temos notícias suas, estamos preocupados. Eu sei que você desaparece de vez em quando, sem dar muita satisfação nem nada, mas dessa vez foi mais preocupante. Ligamos para a chácara e ninguém lá tinha notícia de você, ligamos para a casa de Clara e ela também não sabia onde você estava. Conversei com a sua

vizinha e ela não te via há um tempo. Liguei várias vezes para o seu celular e só agora, dias depois, você atende. Isso me preocupa. – a voz do filho do outro lado da linha indicava certa exasperação. O pai o ouvia com a habitual caneca em mãos, os lábios franzidos formavam uma linha apertada no rosto velho. – Você está me ouvindo, pai? Volte para casa, você não levou nenhum dos seus remédios para seja lá onde você foi. – Silêncio — Pai? Pai, você tá me ouvindo? – o filho estava aflito. — Não se preocupe, filho, eu estou muito bem. – ele bebericou o café quente. Dava respostas curtas e desinteressadas; continuou, em voz muito calma — estou em ótima companhia. — Que companhia? Pai? Pai, quem está com você e onde você está? Por que não pode nos dizer? Pai, por favor, pare com isso, por que você nunca fala nada com nada, por que você não pode ser claro?! – ele gritava. — Caramba, pai, responde, responde! – mas tudo que o filho ouvia era o bebericar tranquilo do velho. — Ah, não faça drama. Logo eu volto para a casa. E, quem sabe, antes de morrer, eu consiga fazer algum sentido para você. Ou, na melhor das hipóteses, faça menos sentido ainda – ele ignorava os berros do filho. — Além do mais, como eu falei, eu estou em ótima companhia.

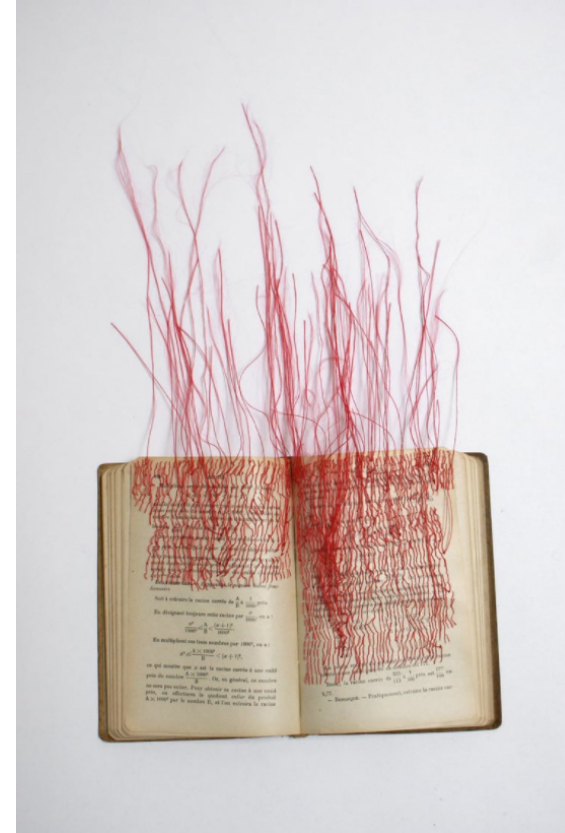
\* \* \*

Desistira da história. Não tinha mais cabeça para escrevê-la, pois estava muito ocupado vivendo-a.

Certo dia, quando estava voltando de uma caminhada, deparou-se com algo que achou no mínimo muito curioso. Desde que chegara àquela casa, esforçava-se para deixá-la sempre limpa e

organizada, aproveitava o resto de mobilidade que lhe restava para varrer os cômodos e passar o pano nos móveis. Nesse dia, quando entrou no escritório – cômodo em que mais ficava e também onde dormia – foi surpreendido por uma fina camada de poeira que cobria uniformemente cada centímetro do chão e cada pedacinho da mobília. Parecia um lençol cuidadosamente posto sobre o cômodo todo, e ainda partículas flutuavam no ar, num caminho lento até a superfície mais próxima. Ele adentrou o escritório e analisou-o de seu centro: parecia que as poeirinhas se desprendiam do teto, mas ao mesmo tempo parecia que elas surgiam do nada. Quando olhou o chão mais atentamente, viu que a camada de poeira se intensificava à medida que ficava mais próxima de sua cama. O homem se agachou e viu, que debaixo da cama, distribuíam-se montículos de poeira e que, por entre eles, serpenteavam fios de lã vermelhos. Quando se levantou e se direcionou para a escrivaninha, viu que o caderno onde estava escrevendo sua história estava aberto. Ele mirou o caderninho atentamente e não demorou para perceber que muitas linhas que ele escrevera haviam sido apagadas, como se as palavras nunca tivessem estado lá.

Naquela noite, não dormiu direito – vagava pelas fronteiras frágeis do sono enquanto os olhos se entreabriam em espasmos quase que involuntariamente, afogando-se num delírio cruel. A poeira ocupava-se de preencher-lhe as narinas: ele limpava o quarto antes de dormir, mas a poeira não parava de cair – era como



se ela atravessasse o portal invisível de outra dimensão para o seu quarto, e esse portal se abria bem no teto de seu escritório. Ele se sentia sufocar e quando não aguentou mais, ergueu-se e abriu os olhos.

O que viu seria bonito se ele não estivesse sufocando e se não estivesse dolorosamente sozinho. O que viu seria bonito se não fosse absurdo. Assim que despertou do estado infernal do semi-delírio, deparou-se com um teto indistinguível, do qual decaíam centenas de linhas de lã vermelhas. Algumas lhe tocavam a face levemente, outras eram um pouco mais curtas, mas elas preenchiam a área total do teto, como se fossem pelos crescendo em pele. Ele encarava aquilo sem acreditar, jurava ainda estar delirando, tentou arrancar alguns fios do teto, mas nenhum cedia. Por um instante, temeu profundamente que os fios começassem a se mover e o estrangulassem em seu sono. Mas no instante seguinte percebeu o absurdo de tal pensamento, e descartou-o, pelo simples fato de que objetos não se movem sozinhos, sem uma força por trás deles. O homem, porém, percebeu que, naquele cômodo, o absurdo estava tão suspenso quanto aqueles fios. Quis fugir, quis gritar, mas também estavam suspensos seu grito e sua fuga.

Não é possível dizer ao certo como conseguiu dormir, mas ao acordar na manhã seguinte, encontrou-se rodeado pelas fitas vermelhas que, agora, alongavam-se até o chão, onde se esparavam em tapetes. As fitas fiavam uma espécie de cortina translúcida ao redor dele e faziam do cenário do quarto uma paisagem descontínua, da qual ele acessava apenas fragmentos. As fitas se adensavam ao seu redor e para chegar até sua escrivaninha, teve que desbravar aquela densidade vermelha como quem se aventura por um milharal. Ao chegar à escrivaninha, viu que o caderno

estava novamente aberto, muito embora tivesse fechado-o na véspera, antes de ir dormir. Ele folheava o caderno, e não havia nada escrito.

\* \* \*

*“Ela não andava, rastejava, e tinha todo o peso do mundo em seus movimentos. Tinha tudo o que faltava à criatura flutuante ao seu lado, que se movia com a suavidade de quem se move pelas águas – as bordas de seu corpo, do tecido de seu corpo, ondulavam-se harmoniosamente à medida que se deslocava, como os movimentos de uma arraia. Ela soltara a mão da criança e seus dedos se mexiam galvânicos, como que atacados por descargas elétricas. Ambos vinham na minha direção.”*

\* \* \*

— Ele não chegou a falar pra ninguém para onde ele tinha ido? – perguntou o policial.  
— Não – respondeu o filho, sem esconder a tristeza da voz — Meu pai sempre fez isso, ele sempre desaparecia sem mais nem menos. Mas isso estava se tornando muito frequente de uns tempos pra cá. Nós sempre tentávamos entender o que havia com ele, sempre perguntávamos, tentávamos conversar, mas ele nunca dizia nada. Era sempre muito ensimesmado.

- E ele disse que estava com alguém? Digo, na última conversa que vocês tiveram?
- Sim.
- Ele disse quem?
- Não.

\* \* \*

Não é preciso dizer o que foi que o velho viu assim que desgrudou os olhos do caderno. Tampouco é preciso dizer que, a princípio, ele não se entregou tão facilmente às duas criaturas que lhe povoavam a cabeça e, agora, o quarto. Por entre os fios vermelhos, surgiu um longo bico negro, que suavemente decepava as fitas. O último som que abandonou a garganta do velho foi um gemido, ao ver o que segurava a menina suja.

\* \* \*

- Estranho - comentou o policial. — Ele queria sempre ficar sozinho?

O filho não teve tempo de responder. Outro policial se aproximou deles e entregou ao primeiro policial a única coisa que haviam achado na casa, fora o celular do homem. Havia finalmente conseguido localizar o pai pelo rastreamento de seu celular. Quando viram a localidade, não acreditaram que



poderia ser verdade – era uma casinha bem velha e bem distante, no vale entre as serras – mas, assim que chegaram ao local e acharam o celular do velho, o filho confirmou que era aquele dispositivo mesmo. Quando entraram na casa, poeira caía por todos os cantos, uma poeira pesada. “Parece que queimaram uma família inteira aqui dentro e espalharam as cinzas”, disse algum dos policiais.

O filho analisou o que o policial trouxera e assustou-se. Era uma foto de sua irmã mais nova, que desaparecera há tempos numa floresta próxima a onde eles moravam na época e nunca fora encontrada. Ela tinha um pequeno corvo empoleirado em seu ombro e, ao contrário da sua irmã, essa não tinha olhos.

\* \* \*

# Nas entranhas da Masmorra

**Gabriel Malta Xavier**

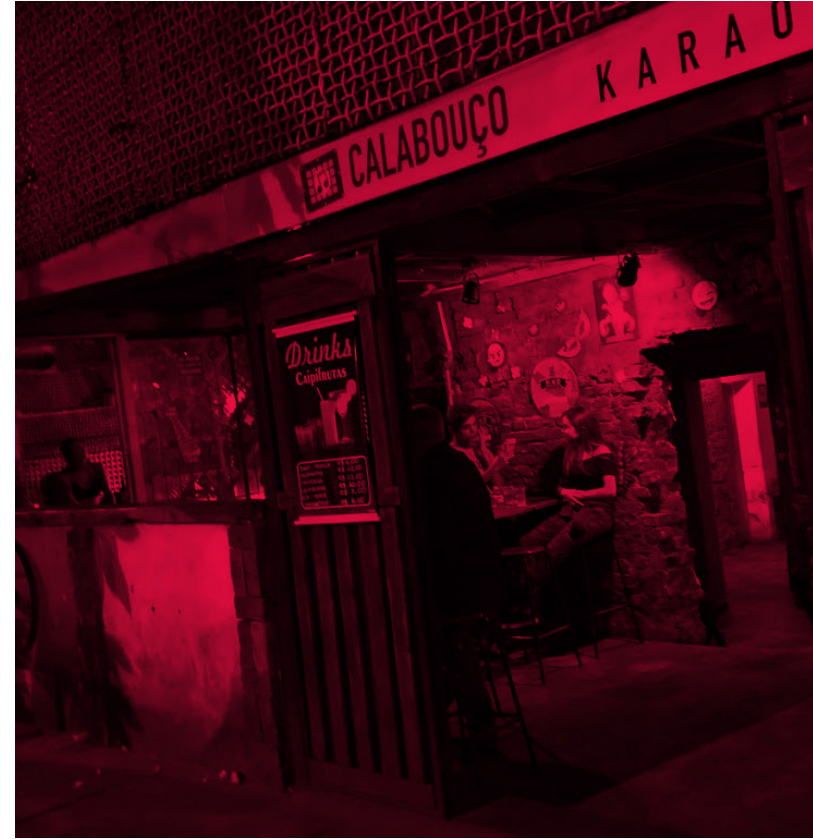
*Graduando em Filosofia/UFMG*

E se um hipopótamo cósmico esmagasse nosso planeta, agora, da mesma forma como esmago um caminho de formigas quando ando pela grama? Sem nem mesmo nos darmos conta tudo acabaria, as grandes bibliotecas, as tabuinhas de argila nunca traduzidas, os milhares de anos de olhos e ouvidos atentos, bem como os trilhões de dólares fictícios. Nada disso me aflige, não me importo tanto com o conhecimento a ponto de sofrer por ele. Lamentaria, isso é um fato, mas meus últimos momentos enquanto a impiedosa e sem intenção pata fofa do grande hipopótamo cósmico despenca dos céus não seriam gastos choramingando pelas perdas científicas e literárias dos macacos sem rabo dessa bolinha azul. Tampouco me importaria com os tais dólares, para ser honesto eu não poderia ligar menos para o fim do capital, nesse ponto eu tenderia a agradecer o grande hipopótamo por ter posto fim ao inimigo do povo, a não ser pelo fato que o povo e toda sua luta de classes seriam igualmente amassados, o hipopótamo cósmico não escolhe lados. Se eu tivesse que realmente gastar os poucos segundos que me restariam seria lamentando algo maior, algo como...

**N**ão dá, eu não consigo mais escrever como antes. Aos poucos eu comecei a perder o toque diferencial que eu tinha em minhas narrativas, o que está acontecendo comigo? Seria aquela inspiração de poeta que me visitava toda noite apenas uma fase descendente dos hormônios e tensões

acumuladas? Olhe para mim, escrevendo estupidezes niilistas sobre “hipopótamos cósmicos”. Honestamente, acho que nunca escrevi algo tão ridículo. Estou ciente que viagens alucinógenas geradas pela quantidade cavalares de químicos que eu coloco debaixo da língua só funcionam como material bruto para arte no caso de músicos ou pintores e como bem sei, eu não passo de um escritor medíocre e a minha lucidez é o farol necessário para que possa me guiar em meio às sandices literárias. Mas mesmo assim, eu não me importo em arriscar um pouco dela em prol de garantir um momento de alívio no fim de semana.

Já chega de tentar escrever por hoje, estou seco de ideias, não adianta tentar seguir com o texto agora e finalmente a tão esperada noite de sexta-feira começa a se apresentar enquanto o sol dá seus últimos soluços antes de enfim cair frio e abra espaço para que os bichos da noite cantem seu coral. É hora de começar a mesma rotina semanal que sigo religiosamente quase que como um rito entranhado em meus músculos, automatizado em meu cérebro. A noite de sexta-feira é o início do festival sabático que a zona boêmia de Belo Horizonte apresenta para seus sofridos filhos nos últimos dois dias da semana e eu faço questão de aproveitar cada segundo dessa caótica dança no buraco mais sujo dos cantos



gentrificados da região centro-sul, que não por acaso é para onde me dirijo agora mesmo, *A Masmorra*.

Ao fim do expediente do sexto dia de feira uma massa de peregrinos se aglomera ao redor dessa pocilga. Remanescentes das tribos sociais dos longínquos anos 2000, menores de idade em busca de entorpecimento, os filhos da alta classe e seus traficantes. Todos se reúnem para celebrar a máxima do hedonismo. Passear pelos espaços apertados do bar e pelo seu entorno é como retornar a Sodoma e Gomorra. Drogas, sexo e brigas de toda forma, para todas as idades, gostos e religiões, lá não existe divisão de grupos sociais, todos são um único corpo confluindo para um grande redemoinho de amnésia coletiva das tensões semanais. É como um expurgo e é também o lugar da cidade onde é mais fácil encontrar entorpecentes em doses cavalares na mão de estúpidos afortunados que não têm nenhum receio em compartilhar. Meu objetivo no meio dessa festa é ficar chapado o suficiente, não só para compensar a sobriedade da semana, mas também para suportar o clima decadente deste lugar.

Sempre que penso mais de 3 segundos na ironia da situação eu me sinto um idiota, eu venho semanalmente para esse ninho de carniças tendo como um dos objetivos em mente me drogar o bastante para ficar mentalmente longe da podridão que o lugar exala. Me pergunto às vezes porque insisto em vir, mas o meu raciocínio é cortado pelo grito ao longe do conhecido que me apresentou esse bacanal a céu aberto.

- Ora, ora se não é meu camarada Pedro!
- Pinguim! Como vai, meu amigo?

Esse sim é um personagem peculiar, “Pinguim” é como o chamam. Para ser franco eu nunca

ouvi menção ao seu verdadeiro nome, por aqui quase todos têm seu próprio apelido que se torna uma segunda identidade. De dia são Joãoes, Antônioes, Marias e Clarices, entretanto ao badalar dos sinos este lugar se torna um baile de máscaras, todos fantasiados com suas roupas alternativas demais para usar nos empregos, codinomes espalhafatosos e maquiagens exageradas. Encontrar um conhecido da Masmorra em outro lugar chega a ser vexatório, aqui todos se deixam seguir pelos impulsos e realizam proezas que normalmente seriam relegadas aos quartos escondidos ou consultórios psiquiátricos. Porém o Pinguim é diferente, o Pinguim é sempre o Pinguim. Ele está em tudo que é roda de jovens, bar, canto ou festa dessa cidade, todo dia e em horário integral, eu realmente me questiono como ele sobrevive a um estilo tão excêntrico de vida. Além de ser um avatar de Dionísio, com seus vinte e poucos anos, nariz curto e chato, braços e pernas longas e finas e dois metros e cinco centímetros de altura, ele tem outra característica interessante, que por acaso é a minha favorita: ele sempre tem consigo algum entorpecente.

— Camarada Pedro, eu tô ótimo! Meu amigo, acabaram de me arrumar uma garrafa cheia de cachaça que, eu tenho certeza, poderia facilmente ser usada como óleo diesel e trouxe hoje comigo aquela neve de qualidade duvidosa, o que você acha? Vamos meiar? Eu não vou aguentar tudo sozinho mesmo.

Bingo! É como eu disse, menos de cinco minutos que entrei nessa boca de lobo e já tenho o suficiente para fazer minha semana valer a pena, e olhe que a noite mal começou.

— É claro meu amigo, negar essas coisas é pecado na minha religião!

— É assim que eu gosto, mas você está pálido hoje, parece cansado, abatido. Tem certeza que você

está bem? Não queremos que você se sinta mal aqui, ficamos preocupados sempre que você parece mal, ficar mal é muito ruim, sabe? Isso com certeza é algo, tem algo te incomodando?

O Pinguim sempre teve esse jeito incomum e histérico de se preocupar com todos, imagino se o excesso de LSD queimou algumas das ligações neuronais do cérebro desse cara, mas apesar da estranheza, eu gosto de como ele demonstra cuidado. Desde que o conheço ele é assim, na verdade mal me recordo como o conheci, já faz muito tempo, tenho um quarto de século de vida e se a memória não me prega peças conheço Pinguim desde meus dezoito anos, mas estou acostumado com a presença desse sujeito incômodo como se o conhecesse desde sempre.

— Não é nada Pinguim, só tô tendo dificuldades com o texto desta semana, você sabe, desde que eu comecei a publicar com periodicidade as ideias parecem escorrer entre meus dedos, é difícil espremer tanto suco de palavras do meu cérebro enferrujado.

— Que nada camarada Pedro, isso é falta de relaxar. Te garanto que saindo daqui você terá muito o que escrever como sempre! E digo mais, tenho certeza que seu cérebro continua suculento.

Hahaha!

— Bom, que seja, mas vamos indo?

As piadas estúpidas são um padrão irritante, quase consigo prever que tipo de idiotice vou ouvir assim que acabo as frases, mas é um pequeno preço a se pagar pela recompensa: cocaína, ou eu deveria dizer A Cocaína. Para mim essa substância branca é o mais próximo que existe da imortalidade, sim, é essa a única palavra que consigo usar para descrever os efeitos da droga, imortalidade. É como uma troca equivalente, cada vez que uso dou um pouco de minha saúde em troca de alguns minutos

da sensação completa de preenchimento, como se o mundo, a estúpida bola azul cheia de macacos sem rabo da qual tentei miseravelmente desdenhar no rascunho de texto que estou trabalhando, fosse totalmente minha por um instante. Chego a tremer quando me lembro que a cada passo que dou em direção ao banheiro desse pútrido bar estou um passo mais próximo de mais uma vez saciar meu desejo. Mas apesar de mal me conter de vontade, sempre fico um pouco reflexivo antes de cheirar e hoje minha mente se volta para o motivo de meu bloqueio criativo e da minha incapacidade de ir além no texto que tenho escrito.

*“Se eu tivesse que realmente gastar os poucos segundos que me restariam seria lamentando algo maior, algo como...”*. Essa frase tem me tirado o sono, não consigo pensar em algo que valesse a pena lamentar. Sinto como se cada vez menos coisas me prendessem a essa vida, cada vez tenho menos arrependimentos e felicitações, é como se eu estivesse estagnado, me tornando uma casca de mim mesmo. Como se algo me devorasse por dentro, talvez seja o peso do crescimento, não sou mais um adolescente inconsequente. Sinto que deveria tomar um rumo, preocupar-me com a carreira e viver não pela espera do milagre do fim de semana, mas na bênção do dia a dia. Penso muito sobre isso, minha consciência me tortura, mas logo o pensamento é varrido com uma enxurrada de desejo, abandonar essa vida agora? Eu já estou com lama até o pescoço, não tem mais ponto de retorno, o objetivo agora é acelerar para morrer aos vinte e sete como fazem os poetas. Mas não quero morrer e muito menos daqui a dois anos, estou preso numa dúvida e apesar de ser um amante de enigmas e estudos ocultos, eu odeio as dúvidas que me tiram o sono.

— Pedro! Que bom ver você cara, quanto tempo, fim de semana passado você não estava aqui né? O que estava aprontando?

Vejam só, que oportuno, mais uma figura carimbada deste bar apareceu. Seu nome é Felipe, mas nesse baile sabático todos o chamam de “Trancoso”, ou para os que o conhecem mais intimamente, “Fila Boia”. É o típico “onde comem dois comem três”. Ele, sabe Deus como, fareja quem tem consigo qualquer substância narcótica e encontra uma forma, discreta ou não, de conseguir um pouco também.

— Trancoso, você seria um bom policial. Nem fiz menção e já sabe que tenho algo comigo, não é? Mas meu amigo, lamento informar que seja lá o que procuras não sou eu o portador. O peixe do dia é do amigo Pinguim.

Percebi algo estranho, quando citei o Pinguim que tinha ficado um pouco para trás para cumprimentar uns amigos. Trancoso deu, com o perdão do trocadilho, um leve tranco, como se quisesse fugir imediatamente e se esconder onde nem mesmo o deus onipotente, observador de nossas misérias, pudesse o achar. Mas logo Pinguim me alcançou e lidou, como sempre, generosamente com o recém auto convidado para a nossa festa privada.

— Camarada Trancoso, tu tá querendo um pouco também né? Não se preocupe, uns amigos acabaram de chegar e trouxeram algo que me agrada muito mais, então dividam você e Pedro o que eu trouxe.

— Tá, tá bem.

— Não vai me fazer falta mesmo e você sabe, não é bom andar muito tempo com essas coisas. É melhor gastar tudo hoje, esse fica por conta da casa, a Masmorra tem dessas, um dia eu ajudo vocês, no outro vocês me ajudam. Tudo bem para você também, Pedro?



Trancoso sempre arma cerimônias e não dispensa o teatro, cheio de agradecimentos, promessas e narrativas dramáticas sobre como ele compensará a bondade em uma chance vindoura, achei estranho a pouca conversa e a forma como ele está agindo com o Pinguim, mas que seja, esses caras são todos bizarros.

— Tanto faz, só muda o nariz que dividirá comigo, podemos apenas ir logo, Fila Bóia?

— Sem perda de tempo não é Pedro? Você é sempre muito energético. Enfim, vamos sim.

Finalmente, voltamos ao rumo inicial, da rua para a entrada do bar, da entrada do bar para os fundos, dos fundos ao banheiro e do banheiro aos céus. Preparo-me cuidadosamente para fazer as carreiras, passando uma flanela aveludada na tela do celular para tirar a poeira, que poderia ser inalada junto da coca, e a gordura das marcas de dedos, que poderia dificultar, mesmo que minimamente o processo de alinhamento dos montinhos de prazer em pó. Me preocupo mais em manter o celular e as mãos limpas, visto que de resto nem mesmo um incêndio poderia limpar o ambiente. Já sobre a segurança não há nada o que se preocupar, a Masmorra é quase um forte seguro para os usuários, a dona e os funcionários são eles próprios traficantes e amigos íntimos tanto do Pinguim quanto da polícia, aqui e agora nada poderá me perturbar.

— Pedro, posso conversar um pouco com você antes?

Acho que falei cedo demais...

— Diga Fila Bóia, e se for pra pedir mais que só uma carreira nem adianta, hoje eu quero aproveitar, então não vou deixar esse aspirador de pó que você tem acima da boca ficar com mais que o combinado!

— Não, não é sobre isso Pedro, é sobre o Pinguim.

— O Pinguim? O que tem ele?

— Bom, você sabe o nome real dele? Ou se lembra como se conheceram? Ou pelo menos onde?

— Bem sobre o nome é um mistério, mas é óbvio que eu me lembro como e onde nos conhecemos, foi...

Uai, agora que o Trancoso comentou, na realidade eu não tenho ideia, teria sido aqui no bar? Não, foi o Pinguim quem me apresentou a Masmorra, então talvez onde eu ia antes, onde era mesmo?

— Na realidade Trancoso, agora que você falou, eu também não tenho as outras informações, acho que essa vida de sarjeta está finalmente deteriorando tudo aqui dentro, né?

— Não Pedro, tem algo errado aqui, eu perguntei para mais 3 amigos nossos, ninguém se lembra, eu também não me lembro, Pedro.

— Bom, é sinal que estamos todos no mesmo barco!

— Tem algo sinistro nesse bar, no Pinguim especificamente. Eu vou te confessar algo Pedro, a verdade é que estou há três semanas sóbrio, sem usar nada.

— Ora que bom então! Vitória para ambos, você vai limpar seu organismo e eu não tenho que dividir hoje.

— Pedro eu to falando sério, me escute, desde de que eu parei de me drogar eu tenho visto “coisas”.

— “Coisas”? Que coisas? Isso aí não é surto psicótico de abstinência, né cara? Talvez você devesse ir para uma clínica e tudo mais, parar assim do nada é perigoso também, ainda mais para um Fila Bóia como você que sempre misturou de tudo.

— Não é isso, eu não estou alucinando. Agora eu preciso que você preste atenção, só tô falando isso contigo porque é o único que usa seu nome real aqui, portanto sei que não está dominado, apesar de não saber o porquê. Pedro, tem algo muito estranho e eu preciso que você confie em mim e me escute bem.

— Cara, você tá me assustando, eu uso meu nome real porque diferente de vocês eu não tenho vergonha de ser um bêbado deplorável.

— Cala a boca, para de bancar o fracassado e me escuta.

Putz, esse cara me chamando de fracassado é golpe baixo.

— Certo o que você quer senhor “surto psicótico na certa”?

— É sério, Pedro escuta bem o que vou dizer: eu... eu vi o Pinguim comendo uma pessoa.

— Bom, você provavelmente já me viu comendo uma pessoa ou duas, inclusive aqui mesmo nesse banheiro.

— Não, Pedro, no sentido literal da palavra.

O Pinguim... comendo uma pessoa, é? HAHAHAHAHA. Esse cara me tira do sério, ele tá realmente muito pirado, mas tudo bem eu vou manter a calma e a seriedade de sempre. Por mais estúpido que ele seja quem sabe não me rende um texto para publicar na semana que vêm, pelo menos algo melhor que hipopótamos gigantes.

— Ok amigo, eu vou pedir que você saia e leve sua demência pós uso excessivo de loló com você, então eu vou me drogar e ficar satisfatoriamente louco para te ouvir e anotar tudinho. Semana que vem eu publico essa sua história fantástica, que tal?

— Pedro, eu juro por tudo que é mais sagrado por favor deixa eu te explicar.

— Veja bem, eu não tenho tempo ou paciência pra essas idiotices mas se você tá tão ansioso pra que eu escreva sobre então me fala mais, vou te dar ouvidos antes de cheirar e assim evito uma bad trip com esse seu papo esquizofrênico.

— Pedro. Primeiramente eu quero te explicar o porquê de eu confiar em você. Como eu disse, você é o único que eu conheço que usa o nome real aqui e isso indica que não é um dos dominados com certeza, apesar de eu não saber o porquê de você ser tão diferente, mas enfim tem mais, você não estava aqui semana passada então quer dizer que ainda conserva livre arbítrio, sendo assim você pode me ajudar e por último, eu não sei porque mas as fitas não estão indo na sua direção.

Eles, livre arbítrio, fitas... Realmente deram o trabalho de escritor para o cara errado. Esse aqui é um maluco de alto nível, queria eu ter imaginado essa história. Eu realmente não consigo me conter tamanha a estupidez, mas parte do meu trabalho é preservar as fontes de boas histórias e aqui, temos um pote de ouro, e nem preciso lutar para pegá-lo.

— Bom, prossiga. Conquistou meus ouvidos entupidos de livre arbítrio.

— Você não está levando a sério uma palavra né?

— E tem como levar, amigo?

— Tudo bem, escute e pense sobre, você é inteligente, tenho certeza que vai me entender. Bom, vou continuar.

— Mal posso esperar, prossiga.

— Eu ainda não sei a verdade toda, tenho descoberto nas últimas duas semanas, principalmente na

última, ou seja, é tudo muito recente para mim também. A confluência de eventos que me levaram a essa situação começou a três semanas atrás quando eu fiquei muito mal. Você lembra? Voltei para casa quase me arrastando e quando eu cheguei, meus pais viram meu estado e choraram muito. Naquele momento olhei para dentro de mim mesmo e me dei conta de que estava desperdiçando minha vida e vagarosamente definhando, após pensar muito prometi a eles e a mim que pararia e assim o fiz.

Pensando bem, o Trancoso ainda é uma criança, ele tem por volta de 18 ou 19 e mora com os pais, realmente a forma como ele está não é de se surpreender, começando tão novo e indiscriminadamente e lidando com os pais nesse momento, é muito para a cabeça de qualquer um, talvez ele esteja em um colapso nervoso.

— Quando decidi parar de me drogar, resolvi que ia parar de vir a Masmorra também. Nós falamos disso sempre, sobre como é ruim estar nesse bar e apesar de toda a loucura e histórias incríveis que ganhamos aqui, sempre saímos mal e depressivos, e mesmo assim sempre voltávamos religiosamente toda semana. Na sexta seguinte à conversa com meus pais, fiquei em casa, fui me deitar às dez da noite e estava pronto para a primeira sexta de paz monótona desde que comecei a vir aqui. Fechei meus olhos e em seguida, quando os abri, eu estava no bar, não me lembrava como, mas estava. Foi como se tivesse sido transportado, pensei estar sonhando, mas logo me dei conta de que era a realidade, pois os sintomas da abstinência se mantinham. Fiquei assustado, mas me mantive como se nada de anormal tivesse acontecido, afinal, você sabe, nós temos todos uma imagem a zelar e eu não quero que me vejam desarmado. Depois de lavar o rosto naquela torneira precária do

lado de fora dos banheiros resolvi voltar para casa, mas eu não conseguia. Sempre que pensava em sair do quarto meu corpo rejeitava e não me obedecia, nesse ponto achei que era a abstinência me deixando louco e enquanto tentava entender a situação o Pinguim surgiu na minha frente. Ele parecia ter pouco mais que só os dois metros de sempre e seu corpo era como um holograma, parecia mais fino que antes e levemente transparente como se eu pudesse ver através dele, convenientemente ele tinha consigo um pouco de codeína e me ofereceu, pois nas palavras dele, eu parecia muito tenso e tensão faz mal para a carne. Normalmente essas piadinhas me deixavam apenas incomodado como todos, mas naquele momento, eu não estava olhando para o Pinguim de sempre, ele parecia como uma caricatura, mais alto, mais fino, com a presença nublada, eu sentia que ele poderia se perder entre a fumaça incessante dos cigarros alheios, se dissolver no ar, penetrar minhas narinas, boca, olhos, ouvidos, se apoderar de mim por completo. Era realmente como se ele estivesse me devorando de dentro para fora com o olhar, com aquela risada estranha, característica forte dele, e o sorriso que franzia seu rosto a um ponto que eu juro ter ouvido sua pele se rasgar. Em um momento assim, tudo o que eu senti ao ouvir aquela piada foi um pavor imensurável, semelhante ao de um rato encurralado por uma cobra e uma vontade inexplicável de escapar do desconforto daquela interação, aceitei de bom grado a codeína porque alguma coisa dentro de mim me dizia que se eu não o fizesse, eu não estaria aqui para contar. Fui até o banheiro e joguei fora, voltei e fingi o resto da noite que estava chapado, mas o Pinguim não tirava os olhos de mim, queria que eu tomasse mais, que eu ficasse mais e mais chapado, que eu me divertisse mais. Ele dizia estar preocupado, sempre daquele jeito histérico e me bombardeava com as piadas viscerais de sempre que me faziam suar frio sem saber porquê. Eu me sentia um refém, tendo que fazer

passos ensaiados para manter a minha vida, até aquele ponto eu não tinha ideia de por qual motivo eu me sentia assim, porém, sempre confiei muito em meus instintos e decidi permanecer com esse teatro o resto da noite. Voltei no sábado da mesma forma que na sexta, simplesmente apareci no bar logo após me deitar. Continuei com o teatro no mesmo esquema, fingi me drogar e me mantive alerta, mas desta vez tentando compreender o que estaria se passando comigo e se as pessoas ao meu redor também estavam sentindo algo mais estranho que o normal na Masmorra. Por fim, o sábado acabou, o domingo veio e puxou consigo toda a semana, até a próxima sexta chegar. A sexta anterior a essa, a que você não veio. Devido ao meu aparecimento milagroso da semana anterior, resolvi vir para cá de espontânea vontade, já que eu provavelmente viria de qualquer forma. Ao chegar tudo parecia como de costume, as pessoas conversavam, dançavam e ficavam em êxtase como sempre. O tempo foi passando, meu desconforto crescia, em certo momento entrei no bar para ir ao banheiro e forjar o uso de drogas como na última semana e ao sair eu vi aquilo que, infelizmente, algo me fez reconhecer como sendo o Pinguim. Assim que meus olhos foram de encontro com a imagem grotesca me dei conta de que tudo estava errado aqui e eu havia acabado de me envolver em uma trama que nem mesmo o pior dos pesadelos seria capaz de dar vida, trama essa que peço perdão por te envolver. Aquilo estava próximo a uma roda de jovens cujos rostos não me eram estranhos, mas também não revelavam suas identidades ao primeiro olhar. Quando eu disse “aquilo” eu me referi desta forma porque seja lá o que for, está longe de ser um humano ou qualquer coisa que possa ter sido criado pela linha evolutiva que resultou na vida desse planeta. Apenas descrever sua figura faz com que eu me sinta amaldiçoado, porém e por mais que eu lamente, é impossível esquecer qualquer detalhe. Seu rosto era enorme e chapado, sem nariz ou

protuberâncias, mas cheio de marcas, algo semelhante às marcas que os canais secos de antigos rios deixam pelas encostas. Nas valas de sua face corria um líquido, com consistência que me lembrava mercúrio e que se mantinha preso ao rosto circulando por todo aquele sistema de sulcos, como se fosse seu sangue, rodando em veias que estavam expostas. Sua testa era composta por um amontoado de olhos minúsculos que se pareciam com buracos de vermes feitos na carne podre, mas ao invés de larvas brancas, milhares de buracos negros era o que se via dos furos verminosos, buracos que apesar de parecerem ter o tamanho de uma bola de gude, davam a impressão de que poderiam a qualquer momento me sugar se eu os olhasse demais. Sua boca estava travada em um sorriso, uma expressão que trazia consigo prazer e desdém ao mesmo tempo, o sorriso cortava de um extremo ao outro sua face larga e revelava dentes pretos e apodrecidos dentre os quais eu fui capaz de ver restos de carne do tamanho de dedos humanos. Essa massa de carne chapada cheia de sulcos e valas flutuava a uns 3 metros do chão e era ligada por um fino pescoço ao resto do “corpo”, que era composto de incontáveis tentáculos quase bidimensionais, que escorriam pelo chão como se estivessem encharcados do mesmo fluido metálico que parecia circular em sua cara. As fitas, ou tentáculos, tocavam o solo e marcavam um rastro por onde passavam. Fui acompanhando com o olhar o destino desses filetes pegajosos que saíam da cabeça enorme, balançavam com o vento, tocavam, rastejavam e profanavam o chão, para só então envolver cada um dos jovens que estavam próximos aos tentáculos. Eles subiam pelas pernas, contornavam o tronco, engravataavam os pescoços, se projetavam para dentro das bocas e aos poucos iam se aprofundando garganta adentro, sendo engolidos pelos jovens que estavam conversando inocentemente no passeio do outro lado da rua. Eu pensei em gritar, alertá-los, mas meu senso de responsabilidade com aquele



grupo de desconhecidos fora substituído em questão de segundos por um pavor extremo que me cortou a voz, eu estava paralisado, minhas pernas tremiam tanto que eu parecia tentar me equilibrar em uma jangada no mar bravio. Na verdade é exatamente como eu me senti, perdido, isolado no meio de águas tempestuosas que a qualquer momento poderiam me tragar para o abismo flutuante de suas profundezas desconhecidas. Fiquei calado, apenas olhando parado e impotente, juro por um momento ter sentido minha mente se desprender do meu corpo, parecia que eu ia morrer ali mesmo só por ter visto tal cena, queria berrar, correr para longe e nunca mais aparecer, mas meu corpo não me obedecia e por mais que a irracional vontade de fugir fosse incontrolável, eu não deixava de me perguntar o que aconteceria comigo se eu tentasse correr e aquele monstro viesse atrás de mim com suas extremidades viscosas. Nesse momento, ainda anestesiado pelo choque da visão, comecei a me perguntar como eu sabia que aquele era o Pinguim. Por que no momento que o vi eu pude entender? Foi só então que me dei conta de algo mais perturbador ainda, o motivo de eu reconhecer aquele corpo deformado como sendo de meu amigo de velha data é que aquelas mesmas fitas viscosas que seguiam para a boca dos jovens próximos a mim também estavam ligadas a meus pés, também circundavam meu torso e engravatavam meu pescoço, por isso meu corpo não me obedecia, meu corpo já era dele, eu já podia o sentir, porém a fita não entrava garganta adentro de mim como daqueles jovens. Aos poucos fui percebendo que, na verdade, ela estava recuando, me libertando. Obviamente pensei ser a única chance de fugir e assim o teria feito, se não fosse pelo motivo das fitas estarem regredindo ser uma das coisas mais horríveis que já presenciei e que me deixou tão chocado que nem sequer pude me lembrar como deveria usar minhas pernas para correr. Um dos jovens do grupo já havia engolido fita o suficiente

para ficar alguns centímetros suspenso no ar pela boca e quando chegou a esse ponto a bola de carne no topo das fitas se moveu pela primeira vez. Os outros filetes que haviam recuado, não só de mim mas de mais algumas outras pessoas próximas, começaram a entrar ferozmente goela adentro do rapaz, ao ponto que seu rosto começou a rachar em um sorriso semelhante ao que vi no rosto do monstro que reconhecia como sendo o Pinguim. Quando todos os filetes entraram, eles rapidamente se contraíram em direção a cabeça, como uma linha de pesca sendo recolhida, e ergueram o jovem acima daquele rosto detestável. O rapaz se mantinha calmo, como se ainda não percebesse que algo errado estava acontecendo e de súbito todas as fitas saíram da garganta do pobre coitado, levando junto de si tripas, pedaços de carne, musculatura e tudo mais que estivesse no caminho, a criatura devorou os restos triturados que jorravam na direção de sua face corrupta, sugou e lambeu cada um dos tentáculos até limpar a última gota de sangue, depois tornou a colocá-los dentro do jovem e repetiu o processo até que sobrassem apenas trapos daquilo que há pouco era uma pessoa. A criatura, apesar de brutal, manteve o exterior do jovem quase que intacto, como se fosse o couro de um animal esfolado. Por fim, Pinguim, ou seja lá o que ele for, sustentou a carcaça vazia próxima ao chão e seus tentáculos expeliram o fluido dentro da garganta arrombada da vítima, até que o corpo começasse a entornar aquele plasma pelos rasgos da boca, então as fitas o soltaram e se recolheram para a cabeça, que fechou seus incontáveis olhos e ficou flutuando, acredito que digerindo sua deliciosa refeição grotesca. O corpo cheio de muco se manteve em pé, produzindo grunhidos como se estivesse conversando com seus amigos. Eu já havia visto o rapaz antes, ele usava sempre um arco no cabelo ressecado e tinha dois dentes podres de tanto fumar cigarro de palha, nunca foi uma visão agradável, mas agora, seu corpo estava deformado pela presença do

fluído pesado que o preenchia. Sua pele, esticada a ponto de quase romper, fazia com que ele parecesse inchado de uma forma não natural, seus braços estavam moles e pendiam sem vida e milagrosamente suas pernas, que pareciam sofrer do mais avançado grau de elefantíase, mantinham o corpo de pé, apesar do pescoço quebrado que fazia com que sua cabeça ficasse para trás, vazia como um capuz. Nem mesmo seus dentes podres haviam restado. Naquele ponto eu estava no chão caído, mal podia respirar, o choro silencioso que acompanhava meu estado catatonico me fazia sentir a cabeça explodir e a garganta fechar, imaginei inclusive que seria a sobremesa antes do cochilo completo daquele ser, mas nada aconteceu, ele não percebeu que eu havia visto tudo. Rastejei de volta ao banheiro, naquele momento notei que o ambiente inteiro estava estranho. Além de ninguém reagir ao monstro e ao massacre do rapaz, todos estavam calados, parados olhando para o ser flutuante como se fossem manequins. Me tranquei no banheiro e chorei, chorei histericamente até que meu corpo secasse a ponto de não ter mais o que chorar, nesse momento pensei em me matar, preferia isso que ser levado dessa forma pelo monstro. Entretanto muitas perguntas rodeavam minha mente e apesar de não suportar conviver com a cena que havia acabado de presenciar eu precisava entender porque apenas eu percebi tudo e porque todos estavam naquele estado. Pensei em meus amigos, os conhecidos de rosto como o garoto de dentes podres seriam perdas trágicas pois toda vida vale muito, mas só de pensar nos meus amigos passando por isso... não, eu não poderia deixar que isso acontecesse com meus queridos amigos. São poucos os que eu realmente me importo aqui, mas apesar de tudo de negativo que esse esgoto social me trouxe, existem pessoas que conheci aqui e que não quero perder, pessoas que são como eu e querem se livrar desse lugar. Pensando nisso, eu reuni forças para voltar para fora, tinha que haver

uma forma de evitar que isso se repetisse, e eu precisava descobrir como, afinal, eu pude ver tudo então talvez outros também pudessem. Retornei ao lado de fora do bar e todos estavam parados ainda, já haviam se passado duas horas e ninguém se movia, fui tentar acordar algumas pessoas próximas de mim, mas era impossível, era como um feitiço ou algo assim, mas então, como não fui pego? Afinal eu também estava envolto nas fitas antes e não havia nada fora do comum em mim. Por que somente naquele dia eu havia visto toda essa cerimônia infernal? E então, minha resposta chegou como forma de abstinência novamente. Eu estava há duas semanas sem me drogar, era isso, a droga. É sempre o Pinguim quem traz para nós, mas nós nunca levamos para ele. Ele toma proveito do estado de vulnerabilidade mental que ficamos sob efeito da droga para manipular nossos sentidos e fazer com que não percebamos que na realidade este lugar não é uma Masmorra, mas um matadouro.

Meu deus, meu deus, meu deus. Eu devia ter anotado tudo, pote de ouro? Esqueça isso, esse tesouro é a própria fonte da juventude, com uma história dessas eu sem dúvidas poderia publicar um livro inteiro. Realmente valeu a pena ouvir o surto esquizofrênico que esse cara tá vivendo, mas estou preocupado pelo Pinguim, desse jeito ele vai acabar tentando matá-lo para se livrar do “monstro almôndega que flutua”, bom eu vou só avisar aos pais dele para o internarem logo, mas claro, não sem antes ouvir mais sobre essa história ridícula.

— Certo, basicamente você é o único capaz de ver essa dimensão maluca onde o Pinguim-bola devora pessoas enquanto flutua, não é mesmo? Então veio me contar para que eu ajude num plano para acabar com ele e salvar o dia. Você sabe que eu preciso de um pouco mais que a sua percepção

zuada da realidade para te ajudar em um plano que visa matar ou prejudicar em algum nível meu amigo e, mais importante, meu fornecedor. Sendo assim, se seus argumentos acabam aqui eu vou cheirar minha cocaína e ir beber para tentar ficar no mesmo estado de degradação mental que você, que tal?

— Eu tenho mais argumentos, mas não se preocupe, você não veio semana passada e até onde eu saiba você só se droga quando está aqui e como ainda não se drogou hoje, devem fazer 2 semanas que você está na seca, eu esperei que você viesse usar para falar sobre por dois motivos, o primeiro era a privacidade e o segundo é que quanto mais tempo eu pudesse te enrolar, mais provável era de que você pudesse ver por si próprio, afinal, se eu estivesse no seu lugar também não acreditaria, mas façamos um pouco de silêncio, você não acha que tem algo estranho? O bar não está fazendo nenhum barulho.

Espera aí, que merda é essa. O esquizofrênico tem razão, o bar está completamente calado... ENTÃO É ISSO, é a porra de uma piada. O mal parido do Pinguim deve ter pago esse Fila Bóia para me tirar do sério e combinou com todos os otários desse bar de fazerem silêncio enquanto eu ficava ouvindo esses absurdos, aposto que querem ver minha cara de desespero ao sair do banheiro. Devem achar que por ser escritor tenho uma mente fraca para a fantasia. Aposto que imaginam que eu vou cair nessa e sair correndo para ver o que se passa então dar de cara com o sorriso estúpido do Pinguim, concluindo mais uma das piadas mórbidas do nosso gigante magrelo. Mas quer saber? É exatamente o que vou fazer. Eu seria um chato se eu estragasse esse circo, todos se dedicaram para ficarem caladinhos à minha espera, afinal. Vou entrar no jogo.

- Bom, se é como você diz, só nos resta sair e ver os nossos amigos manequins.
- Você não está com medo?
- E eu deveria ter, Trancoso? Se o que você falou é verdade, a bola de carne tá cochilando agora, certo?
- Sim, mas a visão é meio... chocante, talvez você devesse estar mais preparado emocionalmente.
- Não se preocupe, se eu chorar e cair como você fez na sua história fabulosa, pelo menos tenho quem me carregue, não é? Ó, grande herói Trancoso, que vai nos livrar da almôndega do mal!
- Você não vai manter esse humor por muito tempo, Pedro.

Esse cara é um péssimo ator, ou talvez eu quem seja chato demais. O Pinguim vai ficar bravo se descobrir que eu saquei a piada dele, mas dessa vez ele foi longe, realmente muito elaborado e com uma história extremamente bem armada, será que ele leu isso em algum lugar? Cara, espero que não, eu realmente queria escrever sobre isso. Enfim, cá estamos nós, saindo do banheiro e ao virar o corredor vamos dar de cara com o Pinguim pulando para me assustar, francamente, esse cara é uma criança. Fingir um susto seria bom, mas nada muito exagerado, também não quero ser tirado para Cristo hoje. Bom, um sustinho de cair para trás e vou fazer com que esses safados me paguem uma dose de tequila como reparação emocional. Me parece uma boa.

Em três, dois um e... estranho, nada de pulo?

- Viu Pedro, eu te disse. Essa é a verdadeira aparência da Masmorra.

Não, só pode ser brincadeira. Por que? Porque todos estão parados realmente...

— Ei! Seus esquisitos essa piada já foi muito longe, se movam. Foi engraçado, me pegaram mas já deu, fazer silêncio? Elaborado, mas tudo bem. Agora, ficar parados como bonecas é um nível psicológico de elaboração, chega disso!

— Não sei do que está falando, mas não adianta, Pedro, eles não respondem.

Como assim? Será que o que ele falou era verdade? Não, não pode ser. É uma piada, uma estúpida piada muito bem coordenada entre todos esses escrotos.

— Venha aqui para fora do bar, Pedro. Aquilo vai pôr um ponto final nas suas dúvidas.

O que é isso que meus olhos vêem? Não é possível, mas eu vejo, é como ele disse, um rosto liso e largo cheio de marcas que parecem cicatrizes de cortes profundos de navalha. Ele realmente está lá, parado no meio do céu, com centenas, não, milhares de pequenos buracos amontoados, parece o resultado de um rosto estilhaçado por tiro de escopeta. Um sorriso repugnante rasga o amontoado de carne chapada, o lado acima da boca é tomado pelos olhos fundos, que aparentemente estão fechados, o outro, é completamente retorcido e repuxado deixando camadas de pele grossa amontoadas como placas tectônicas se chocando. A falta de lábios deixa exposta as rochas negras que saltam das gengivas inchadas e cheias de pus. É como a pata fofa do hipopótamo, era essa a sensação que tive ao pensar em algo absurdo como o fim do planeta por meio de um enorme hipopótamo do espaço, mas agora mil vezes mais intensa. Tal sensação é de esmagamento, essa massa de carne parece poder cair a qualquer momento e reduzir todos nós a pó, ela é forte, nós somos fracos, ela está no topo, nós na base.

Eu vou ser comido, só consigo pensar isso, eu vou ser devorado, esse monstro, ele vai me esvaziar. Ele vai me devorar e me esvaziar e depois vai repousar, como se minha morte fosse nada mais

que um evento rotineiro. Não! Eu não quero isso. Não consigo evitar o arrepio na espinha e a vontade de vomitar, sinto como se tivesse uma faca rasgando minha garganta, meu estômago, destruindo meu interior como fazem as fitas do monstro de acordo com o depoimento daquele que eu imaginava ser um mentiroso ou um louco. Quero ir embora, eu não quero morrer, mas não sinto meu corpo, minha pressão parece ter caído subitamente, tudo está girando e sinto minhas mãos geladas, é como se eu estivesse aos poucos sendo soprado para fora do meu próprio eu.

- Pelo rosto pálido eu imagino que agora você acredita não é Pedro?
- T-t-trancoso, eu, eu não quero morrer, Trancoso. Isso... isso é mesmo o Pinguim?
- É sim, mas mantenha a calma, eu sei que você deve estar completamente desorientado mas você precisa manter a calma, primeiro, vamos nos livrar da cocaína que ele te deu e então deixe eu te falar tudo o que sei e porque preciso de você.
- MANTER A CALMA? OLHE PARA AQUILO, NÃO HÁ COMO MANTER A CALMA. Você mesmo disse, ele controla tudo e ele devorou o “boca de esgoto”, que você citou, sem que ninguém se desse conta e ainda por cima daquele jeito horrível que você fez questão de descrever detalhadamente. Nós temos que sair daqui, ir embora e não voltar mais.
- Pedro, aposto que você já viu o Pinguim fora da Masmorra, não é? Não adianta fugir. Ele vai te achar e vai te trazer para cá, nós somos a comida dele.
- Você viu aquilo no céu, você viu aquilo comendo, você realmente acha que podemos fazer algo além de nos afastar da presença desse ser? E tem outra questão, eu ainda não tenho certeza de que é o Pinguim, você não tem provas disso, pode ser muito bem outra coisa.



— Eu também estou apavorado Pedro, eu nunca estive mais apavorado na minha vida, mas se nós não entendermos o que está acontecendo vamos morrer de uma maneira horrível, nós e nossos amigos e ele vai continuar ali no céu, parado, se divertindo e se deliciando a nosso custo, com aquele sorriso podre e satisfeito após consumir nossa carne. Precisamos encontrar forças onde não há e achar uma forma de passar por cima disso, mesmo que pareça impossível.

Amigos? Eu não dou a mínima para essa merda, eu só quero viver, quero sobreviver. Não quero acabar assim, logo agora que eu estou próximo de conseguir sucesso literário, no auge dos meus vinte e cinco anos, pronto para marcar meu nome na história, meu legado, e agora, sou refém desse ser massivo e flutuante. No momento que o vi, recuei meus olhos, captei sua imagem apenas um instante, porém sinto como se as coisas estivessem erradas em mim agora. Aquele ser inteiro parecia ser algo errado, algo que não podia existir e agora que o vi, sinto como se eu tivesse me tornado algo corrompido também. Entendo perfeitamente o que Trancoso quis dizer com “Tive vontade de me matar” quando viu a coisa pela primeira vez. Pensando bem a reação que ele relatou ter tido na semana passada e a que ele está tendo agora são muito contrastantes, ele está extremamente calmo para quem testemunhou essa figura horrenda pela primeira vez há sete dias, sinto como se nem a eternidade fosse capaz de fazer com que eu me acostume com essa aberração. Talvez ele saiba de algo que eu não sei e por isso é capaz de manter-se controlado apesar de tudo. Ele tem razão, eu preciso me acalmar também, por mais difícil que pareça ser, preciso ouvir o que ele falará, talvez exista uma forma de escapar desse maldito e profano destino que me espera entre os dentes pretos do inferno flutuante acima de mim.

— Eu... eu... eu não sei o que fazer, Como você está tão tranquilo? Como você tem certeza que ele não vai acordar?

— Olha, vamos voltar para o banheiro e eu continuo te falando, lá é mais seguro e caso ele acorde antes do esperado não vai nos perceber.

— Então realmente existe a chance de ele acordar a qualquer momento certo?

— Eu não sei Pedro, dadas as minhas análises anteriores eu diria que não, mas você vê com o que estamos lidando certo? Não podemos partir de qualquer lógica, então é melhor precaver.

— Tudo bem, eu entendo seu ponto. Voltemos para o banheiro, eu faria qualquer coisa agora para me afastar dessa imagem.

A forma como Trancoso fala faz realmente parecer fácil me acalmar, imagino que após sua experiência traumática inicial ele tenha se tornado um pouco resistente a essa figura, mas faz apenas uma semana, o impacto é muito recente. Não pode ser que ele já tenha se acostumado. Mesmo sem vê-la mais e sem ter sido capaz de me ater a muitos detalhes sinto que algo se desligou em meu cérebro e o meu pensamento já não consegue mais se organizar como antes. Não consigo imaginar que Trancoso não tenha passado por isso, como ele pode ter tanta coragem após ter visto, não apenas o monstro horrível, mas o seu processo de alimentação.



Parando para pensar eu nunca conheci esse rapaz genuinamente, o que sei dele se restringe ao que meus olhos podem ver e o que superficialmente obtive por meio de fontes indiretas ou pequenas conversas entre tragos e doses de infindável sorte de substâncias. Ele é franzino, de pequena estatura e peso abaixo da medida, tem a pele amarelada, como se estivesse doente e as olheiras fundas. Vendo-o agora, enquanto voltamos para o banheiro onde ele pretende me situar melhor sobre nosso panorama geral, suas olheiras parecem mais fundas, suas costas e ombros mais caídos do que já eram e uma sensação ruim o cerca, uma aura de putrefação, não a putrefação do corpo, mas a do espírito, algo que nunca vi, mas reconheço por algum motivo. Eu não havia reparado antes, posto que em nenhum momento o levei a sério e quando fui incapaz de duvidar de seu depoimento, eu estava concentrado demais em sentir minha coerência mental escorrer pelas orelhas e nariz para notar qualquer coisa sobre ele, porém ele realmente parece estar perturbado, como se estivesse quebrado ou quebrando. Seu corpo inteiro parece uma pilastra com todos os blocos desnivelados, num equilíbrio instável que com o menor acréscimo de poeira tombará de vez.

Ao que tudo indica, apesar de pequeno, esse jovem recém saído do ensino médio é um frasco cheio de coragem, posto que em face do espanto resolveu mergulhar bravamente nessa jornada de insanidade, como Ulisses, na busca pelo retorno para casa. Já eu, embora vista uma armadura feita de niilismo e hedonia, não tenho a menor vergonha em dizer que sou um covarde. Lidar com aquilo é a última coisa que quero fazer. Gosto de me meter em brigas, principalmente aquelas que sei que vou ganhar, porém aqui a situação é completamente diferente. Não estou indo enfrentar algum estúpido bêbado incapaz de proteger o próprio saco de alguns chutes pesados de bota e sim algo que mal sei por

em palavras e não tem um saco para que eu possa chutar. Não quero enfrentar essa coisa em hipótese nenhuma, ela parece ser invulnerável, mal posso olhar para ela imagine buscar enfrentá-la e ainda mais acompanhado apenas deste rato corajoso. Mas apesar de temer enfrentar o monstro, tem algo que me apavora muito mais: morrer no esquecimento, me tornar mais um anônimo no meio da multidão. Sempre me destaquei onde fosse, seja no meio desses drogados ou nos corredores elitizados da Universidade e não quero morrer antes que eu possa ser lembrado, imortalizado pelos meus atos em vida. Não desejo uma vida longa, mas um legado e disso não posso abrir mão, não vou dar meu destino de bom grado para aquilo que dorme no céu enquanto penso. Mas é um fato, sou impotente contra tal figura e se tem algo que eu posso fazer a respeito é tentar encontrar uma saída para isso sem que eu tenha que me expor tanto.

Trancoso é um rato corajoso, então que seja! Deixe que esse soldado faça sua marcha para a morte e eu aproveitarei de suas deixas para fugir do problema sem que seja necessário me arriscar, porém para que isso dê certo primeiro preciso entender melhor o que se passa aqui, agora que estamos no banheiro, aparentemente seguros, é o momento de acender um cigarro e ouvir o que o meu pequeno rato tem a dizer.

— Bom, eu não posso usar nenhuma droga que me tire dos eixos, eu imagino, mas um cigarro pelo menos eu posso fumar certo? Afinal, se ele influenciasse eu estaria estático como todos os outros devido aos 2 maços que fumei desde que me levantei hoje.

— De fato Pedro, drogas como a cafeína e a nicotina estão presentes em concentrações muito pequenas nos produtos que usamos para que nos submetam ao controle mental dele. Pode fumar em paz, imagino que te ajudará a se acalmar.

— Meu deus cara, você fala como um médico apesar de não ter conseguido entrar em faculdade alguma.

— Seu senso de humor voltou rápido, imaginei que o choque fosse ser maior.

— Eu confio em você, deve ter um plano não é? Isso me tranquiliza!

É óbvio que eu ainda estou apavorado, por sorte estamos sentados no chão imundo desse banheiro, porque se tivéssemos que ficar em pé mais um pouco eu vomitaria. Minha labirintite me faz sentir como se as três dimensões espaciais estivessem se distorcendo e o mundo ao meu redor derretendo aos poucos a cada passo que dou. Sinto também uma dor, não sei onde exatamente, por todo meu corpo e ao mesmo tempo em nenhum lugar particular dele, mas apesar de mal poder me sustentar em pé e de sentir essa dor extrema, não posso aparentar mais fragilidade do que já demonstrei. Preciso estar atento para sobreviver.

— Sim, Pedro, eu tenho informações que me fazem imaginar como devemos agir. É neste ponto que você entra, preciso que me ajude a entender o que tenho em mãos, peço que permita-me continuar meu relato de onde parei, após minha saída do banheiro na sexta passada em busca de pistas.

— Que outra escolha eu tenho? Por favor, me diga o que sabe e como eu me encaixo nesse quebra cabeça.

— Como eu dizia, eu saí do banheiro e haviam se passado duas horas, eu tentei acordar cada uma das pessoas que estavam paradas, mas meu método não se mostrava nem um pouco eficaz. Enquanto eu andava pelo quarteirão tentando despertar aqueles que estavam nas proximidades do bar me dei conta que havia uma parede invisível, ou algo do gênero, que separava o lugar onde

estamos do lado de fora, ou seja, é impossível escapar mesmo que a criatura não nos controle. Passei por volta de uma hora observando os paralisados enquanto tentava acordá-los em uma teimosia inútil. Concluí que de nada adiantava tentar despertá-los, nada que eu fazia causava sequer um esboço de reação, decidi abandonar minhas tentativas, para evitar uma possível complicação gerada por algum ato ignorante meu. Me recusava a olhar para cima, portanto só sabia com certeza o que se passava em terra. Enquanto eu não tivesse um sinal de que o monstro havia sumido eu não queria me atrever a olhar novamente para o céu, simplesmente a ideia de vê-lo de novo me fazia tremer a alma. Como estava determinado a examinar somente o que estava ao alcance de meus olhos, busquei o cadáver do rapaz de dentes podres, talvez ele me trouxesse respostas. Entre os corpos parados dos enfeitiçados, vi uma silhueta inchada que parecia produzir pequenos estalos e resmungos, imaginei ser o cadáver que estava procurando, mas logo me dei conta que se tratava de outra pessoa, havia mais vítimas além do rapaz. Eu já imaginava, mas queria duvidar, dentro de mim eu desejava infantilmente que aquele jovem fosse o primeiro a experimentar tal terrível destino, porém agora que minhas suspeitas estavam confirmadas eu precisava saber quantas eram as carcaças ambulantes. Foi difícil mapear todos, visto que a movimentação e visão eram comprometidas pela floresta de corpos engessados com os quais eu evitava contato para que nenhum esbarão os fizesse cair ou se deslocar. Por fim, após me esgueirar pelo labirinto de estátuas vivas, concluí que as carcaças eram muito numerosas, ao todo mais de cem, dentre os quais estavam a dona do bar e os funcionários.

— A Vanessa? Que merda... e os garçons também? Até o Barba?

— Sim...

— Porra... o Barba... eu sou amigo dele desde que frequento aqui, não acredito que ele era apenas um fantoche morto.

— Se você duvida podemos ir lá fora...

— Eu não tenho razão para duvidar Trancoso, só é difícil, cara.

— Eu entendo, é muito de uma vez, porém não posso parar agora, vou continuar. Me dei conta que nada além dos mortos inchados e dos companheiros paralisados pintavam a paisagem de fora do bar e resolvi me concentrar em examinar melhor a parte interna. Passei pela carcaça da dona e de um dos garçons que jaziam à minha frente e me dirigi para dentro. Busquei respostas e conforto no bar, queria encontrar algo de humano, algo de normal. Pensei no mural de fotos. Como você bem sabe, Pedro, é o mural onde estão as várias fotos de nós e de nossos amigos. Vanessa, a dona do bar, sempre registrava os momentos mais inusitados. Por exemplo, quando o Pinguim caiu da árvore próxima ao bar ou quando você e o Pinguim foram perseguidos por um cachorro raivoso, ou ainda aquela vez que... enquanto eu pensava no mural eu liguei os pontos. As histórias sempre estavam relacionadas ao Pinguim. As fotos? Elas nem sequer deveriam existir, afinal Vanessa nunca passou de um corpo inflado, mas o mural estava ali, não era uma ilusão, o bar inteiro era mais decadente que o normal agora que eu o via sem o véu de domínio por cima, mas o mural não era parte da roupagem, ele estava ali e cheio de fotos. Talvez aquelas fotos me revelassem algo além do que já sabia. Inflamado pela possibilidade de uma esperança corri até o mural e para minha surpresa encontrei fotos antigas, eram revelações de câmeras mais velhas e sinalizavam no canto da fotografia um ano “1983”, isso mesmo, trinta e seis anos atrás. Tirei as fotos do mural para ver melhor, algumas estavam se desfazendo, outras mofadas e sujas mas umas poucas ainda revelavam com

nitidez o momento que registraram e como eu imaginava, encontrei em uma delas a figura que estive conosco em todas as fotos. 36 anos antes lá estava ele, o Pinguim. Parecia um pouco mais novo que atualmente, menor também, mas definitivamente era ele. Finalmente eu tinha certeza de que não estava louco e meus sentidos apontaram-me para a direção certa, o monstro era mesmo Pinguim. Aquela foto me deu uma direção quando num acaso, ao virar a foto vi uma mensagem escrita a caneta, que já estava quase desaparecida, mas para minha sorte era legível e dizia: *“Encerrar a loucura é a fuga da gula”*. Procurei por mais mensagens nas outras fotos, mas todas pareciam repetir a mesma frase. Guardei a foto comigo e estava regressando para o banheiro quando ouvi algumas pessoas voltando a conversar, os paralisados haviam acordado do transe, o que indica que a coisa devia ter terminado seu repouso. Aproveitei o início do burburinho e da movimentação para voltar para fora e me misturar, evitando que ele me percebesse como diferente da multidão. Continuei sem manter contato visual com a bola de carne que, em algum momento, simplesmente desapareceu, dando lugar ao avatar humano de Pinguim. As pessoas estavam novamente conversando, meus amigos não relataram nada além do comum e a presença das carcaças realmente não incomodava ninguém, mesmo o rapaz da boca podre, recém morto, era recebido por seus colegas como se não tivesse sofrido mal algum. Eu estava um trapo, mal podia me manter consciente, tudo que vi havia me esgotado física e mentalmente. Queria ir logo para casa, mas eu devia esperar para não levantar suspeitas. Fingi estar drogado além da conta e simulei que havia dormido na sarjeta do bar, coisa que outrora já ocorreu. Pinguim não pareceu suspeitar de nada, era como se ele tivesse perdido o interesse, talvez tivesse finalmente convencido de que havia me dopado. Suas fitas me circundavam de novo, não só a mim, mas a todos no bar, àquela altura eu já nem era capaz de me



desesperar com tal fato, não havia mais nada dentro de mim além de um cansaço extremo. Pelo menos concluí algo, as fitas se mantinham mesmo quando ele assumia forma humana, mas não eram capazes de revelar para ele a condição da presa. Só assim ele não saberia tudo que vi e o que estava tramando. Por fim, depois de quase duas horas deitado, finalmente as pessoas começaram a ir embora. Aconteceu como normalmente acontece, assim que percebem que seus relógios anunciam as três da manhã o grupo de devotos da Masmorra vai aos poucos se dissipando, escorrendo de volta para os cantos escuros de onde vêm. Meus amigos, acreditando em minha atuação, se encarregaram de me levar para casa, afinal a minha fama facilitava que tal mentira fosse crível. Chegando em casa consegui finalmente um pouco de paz, pelo menos um ambiente pacífico, porque dentro de mim o caos reinava. Tomei um banho longo, acompanhado de choros contidos e uma enorme tremedeira que me assombrava agora que a adrenalina era metabolizada para fora de meu sangue, tentei dormir mas sempre que conseguia algum repouso, sonhos incompreensíveis e enlouquecedores poluíam minha mente, então decidi me manter acordado até que o sol raiasse e assim findou-se minha sexta-feira.

— Acaba aí? É só isso que você sabe? E sábado, você não descobriu mais nada no sábado? Você só tem informações soltas cara, nada de consistente, eu não acredito que pus alguma fé em você...

— Calma, Pedro, é difícil falar sobre isso. Eu preciso me recuperar um pouco, depois podemos falar sobre o sábado, mas o mais importante é a foto e o que já te falei, por isso parei por aqui, isso é suficiente para que nos organizemos e pensemos em algo.

— Bem, a mensagem da foto, certo... você não pensou em nada?

— Como você mesmo fez questão de lembrar, eu não entrei em nenhuma faculdade à toa, quando

se trata de textos eu sou um ignorante. É aí que você entra, você sempre se vangloriou de suas leituras encriptadas. Foi um grande milagre que logo você fosse alguém propício a compartilhar essa realidade comigo.

— De fato, quero saber mais sobre isso, foi só por saber ler que você me escolheu? Aquele papo mais cedo sobre fitas e apelidos, o que queria dizer?

— Todos no bar tem apelidos, essa é a forma como Pinguim marca suas presas. Ele nos mapeia com suas fitas, mas as fitas não te seguem e diferente do resto, você pôde passar uma semana sem vir. Isso significa que há algo especial em você embora eu não saiba o que é.

— E porque comigo é diferente? É isso que não entendo

— Eu também não Pedro, mas talvez quem escreveu a mensagem da foto saiba. Eu imagino que alguém da época que a foto realmente foi tirada escreveu esse enigma para ajudar futuros prisioneiros que acordassem a escapar, quando encontrarmos uma forma de nos libertarmos e aos nossos amigos devemos dar um jeito de procurar seja lá quem for e descobrir o que fazer sobre esse monstro. Se alguém já viu a saída antes, essa pessoa pode ter descoberto o que se passa aqui.

— Preciso pensar um pouco, quero tentar absorver tudo isso, você se importa de me esperar fora do banheiro?

— Tudo bem, eu entendo cara, mas tente ser rápido.

De alguma forma, por mais estúpido que soe, eu quero acreditar no que Trancoso disse. Talvez realmente tenha alguém, em algum lugar aí fora, que possa nos ajudar a dar fim a esse pesadelo. Rastrear o autor do enigma não vai ser fácil, mas é possível. Sim! Existe um caminho, uma luz em meio a escuridão e o primeiro passo em direção a ele é desvendar o que o autor do enigma quis dizer.

*“Encarar a loucura é a fuga da gula.”* Não preciso pensar nem um minuto para concluir que a gula se refere ao rosto maldito do ser profano com o qual estamos lidando, entretanto a “loucura” é um quebra cabeça mais difícil de resolver. A dificuldade vem, não da falta, mas do excesso de peças nessa equação. Seriam as fitas, o fluido, a carne, seu avatar humano ou as carcaças? São tantas opções que eu realmente estou em um impasse. Imagino que o termo não se refere à sua face, senão gula e loucura seriam o mesmo. Bom, já é um caminho, mas ainda não é um grande progresso. Talvez a loucura não tenha nada a ver com o monstro em si, mas com o sentimento causado em quem o vê. Eu apenas o fitei por um segundo, mas de fato só posso descrever o que senti como loucura. Não tenho certeza de onde se concentra verdadeiramente a repulsa que senti, para mim o conjunto inteiro é completamente odioso, mas deve haver um ponto onde o caos se centra e talvez esse ponto seja a tal “loucura”. Tenho que perguntar ao Trancoso, mas sem revelar minhas suspeitas. Creio que terei mais chances de sobreviver se fugir sozinho. Apesar de saber mais, Trancoso é uma pedra no caminho, essa ambição de salvar amigos e tudo mais com certeza acabaria custando muito caro e quando o preço a se pagar pode ser minha própria vida, eu com certeza não estou disposto a apostar. Preciso perguntar se ele sentiu algo como um centro onde o desconforto era maior e executar sozinho meu plano sem que ele desconfie.

Ao sair do banheiro me deparei com a figura mirrada, Trancoso estava parado com um sorriso estúpido no rosto e assim que me viu, seu rosto voltou a se prostrar, acho que ele não gosta de mim tanto quanto não gosto dele. Bom, que seja, nossa jornada juntos em breve vai ter fim.

- Trancoso, você parece mais calmo.
- E então, Pedro, conseguiu pensar em algo?

— Na verdade ainda estou absorvendo as informações, ainda é muito cedo para conseguir desvendar a pista que nos foi dada, mas imagino ter um caminho por onde seguir, apenas me faltam dados.

— Que tipo de dados? Talvez eu consiga te ajudar caso me explique o que têm pensado.

Perfeito, como eu imaginei. Só precisei jogar a isca e ele mesmo se pescou, agora tenho que driblar a percepção dele. Apesar de ser um ignorante quando o assunto é ler e interpretar, esse jovem rapaz liga as informações com uma precisão incrível. Na realidade chega a ser estranho que ele não tenha conseguido chegar a qualquer ideia do que poderia ser o enigma, afinal pelo que ele relatou sua perspicácia é acima da média. Bem, meu objetivo não é estudar a psique dele e sim tirar dele uma informação útil, não tenho motivos para pensar sobre isso.

— Trancoso, eu acredito que o enigma revela a fraqueza do monstro e indica onde devemos atacá-lo para que ele não seja capaz de nos trancar aqui. Se conseguirmos podemos tirar todos daqui.

— Sério? Você acha que é possível? Eu sabia que podia contar com você!

Primeiro eu balanço o que ele deseja na cara dele e enquanto ele se distrai com seu objetivo eu cumpro o meu. Atacar o monstro é impossível, o que faríamos? Atirar sapatos na sua direção? Nada disso, eu creio que o enigma revela o portal para fora, afinal guardar a chave dentro do âmago do monstro tornaria quase impossível que alguém fugisse, é o lugar mais seguro e inusitado possível.

A palavra “Encarar” também me fez refletir um pouco, como eu passaria pelo portal? Não posso escalar aquele ser e se realmente trata-se de um portal a melhor palavra seria “Atravessar” ou até

mesmo “Entrar”, mas “Encarar” é um uso particular. Só consigo pensar que a saída não é realmente entrar no monstro, mas talvez olhar através de sua “loucura” abra uma possibilidade de escapar da barreira mágica de alguma forma.

— Me agradeça quando conseguirmos fugir daqui. Sabemos que precisamos atacar, mas não sabemos onde. Esse é o problema, se vamos lutar contra ele precisamos saber o ponto exato, algo como um lugar onde o desconforto é ainda maior, uma parte de sua anatomia que resume o erro natural que paira no ar, não imagino onde seja.

— Pedro, essa descrição me faz pensar nos olhos do Pinguim. Você só o viu dormindo, mas quando sem querer encarei os olhos dele, apenas passando de um canto a outro de seu rosto, tentando não focar em um detalhe exato, realmente senti como se aqueles buracos fossem capazes de me sugar para um mundo torpe.

OS OLHOS! É claro! A “gula” não é seu rosto, mas sua boca e a “loucura” seus olhos, eu só preciso encará-los e por trás de toda a massa negra de insanidade que suas incontáveis cavidades trazem, vou encontrar a saída!

— Boa, Trancoso! É isso! Graças a você podemos derrotar aquilo mesmo que só por tempo suficiente para fugirmos com nossos amigos. Mas devemos tomar cuidado, precisamos atacar os olhos sem manter contato visual, pela experiência que temos se mantivermos foco em sua face por muito tempo teríamos nosso pensamento esmagado pela visão apocalíptica do desgraçado.

— Como faremos isso, Pedro?

— Não se preocupe, eu tenho uma ideia, vamos usar uma bomba de PET com estilhaços de metal.

Tem quase o mesmo poder que uma granada e não necessita muita precisão. Faremos isso amanhã, por hoje vamos usar o mesmo método que você usou na sexta passada e nos preparar para realizar o plano.

— Perfeito, eu não esperava que você tivesse realmente um plano tão elaborado! Você materializou a esperança que pensei ser uma ilusão, muito obrigado!

— Poupe o latim, eu apenas estou fazendo o que acho ser certo.

Foi muito mais fácil do que pensei, agora só me resta esperar, matar o tempo até que seja hora de voltar para o lado de fora. Pelo que Trancoso falou tenho uma janela de alguns minutos entre o momento que o Pinguim acorda e o momento em que ele volta para seu corpo humano, vou me manter misturado com os recém acordados até certo ponto e quando for estratégico chamarei a atenção do monstro e fugirei pelo escuro de seus olhos, Trancoso não vai se atrever a olhar e assim sairei sozinho e encontrarei o autor do bilhete eu mesmo.

Trancoso está empolgado, me olhando com um sorriso cheio de vida que brota como um oásis no deserto de sofrimento do seu rosto. Eu acho hilário como ele está animado para lutar contra Pinguim amanhã, ele confiou totalmente em meu plano envolvendo bombas caseiras, como se eu soubesse sequer o que é necessário para fazer uma. *“Quando a esmola é grande o santo desconfia”*, ele deveria aprender mais sobre ditos populares, eles carregam consigo grandes sabedorias.

Entre pensamentos banais, queimas de cigarros e sorrisos esperançosos o tempo correu e é chegada a hora. As pessoas começam a se mover aos poucos e rapidamente nos infiltramos em um dos grupos próximos à porta da Masmorra. A bola de carne está se movendo, vejo com o canto de meus

olhos que ela sobrevoa cuidadosamente as extremidades de seu domínio, como se conferisse a regularidade de cada componente de seu precioso gado. Realmente Pinguim parece não ter domínio sobre o pensamento de suas vítimas, visto que precisa conferir com as próprias vistas a integridade de seu curral. Dentro de alguns instantes terei a visão perfeita e clara de seus olhos, uma chance única que não vou perder. Ele se aproxima e essa é minha deixa.

— PINGUIM, SUA ALMÔNDEGA VELHA, TAVA GOSTOSO O LANCHE?

Me desculpe Trancoso, eu menti e provavelmente você vai morrer agora. Trágico. Bom, que seja, antes ele do que eu. Procuo olhar uma última vez para meu companheiro dessa breve aventura antes que eu seja transportado para fora daqui e nunca mais volte. Como um gesto de gratidão guardarei comigo a última expressão de desespero dele. Imaginei ver nesse milésimo de instante um rosto travado, vazio e descrente que preparava para jorrar litros de água, mas agora que olho para sua face vejo apenas um longo sorriso, não de esperança como há pouco ele sorria, mas um de escárnio, satisfação e deboche. Por quê? Essa é a última expressão que eu esperava ver, mas antes de poder refletir sobre isso retorno meus olhos quase que por reflexo ao monstro.

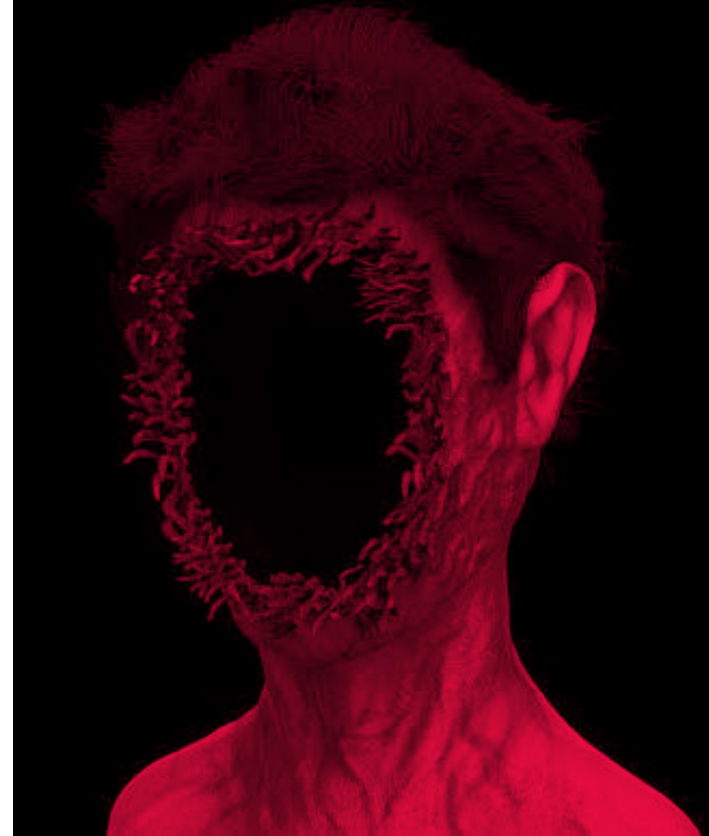
No pequeno intervalo que passei olhando para Trancoso não me dei conta, mas a bola de carne havia se aproximado de mim e me encarava estática, a ponto de seus olhos estarem a um braço de distância de mim. Ver os milhares de pontos é inevitável, olho para cada um deles e ao mesmo tempo para todos. Aos poucos eles rastejam em direção a um único ponto na testa do Pinguim, estão convergindo e se tornando um só. Meus olhos estão vidrados, não sei mais se estou de pé em terra ou flutuando no mar, mas a pressão é tão densa que sinto ter sido atingido por um trem. Ver esses vãos se comportando

como insetos me deixa hipnotizado e extremamente incomodado. Quero gritar, gargalhar e chorar, tudo ao mesmo tempo, mas a tensão nesse momento é tão grande que meu maxilar está travado e sinto que meus dentes se prensarem uns contra os outros, esfarelando-se e trincando, até não sobrar nada e minhas gengivas se tocarem.

Através desses buracos convergentes começo a ter visões que mal sei processar. Vejo inúmeras línguas, faladas pelos ancestrais da humanidade, depois, línguas anteriores a essas. Vejo textos e alfabetos escritos com a manipulação de sistemas solares ou átomos, forjados em uma sofisticação brutal que faz parecer a experiência da vida humana uma brincadeira na lama. Vejo o nascimento da própria sombra, a morte que surgiu antes mesmo de se formar a vida. Eu vejo Deus e a insignificância que o Todo Poderoso tem diante da infinita largura do vazio preenchido de pesadelos. Pesadelos que nem sabem da existência de uma velha piada esquecida por quem a contou, como é a humanidade. Toda sorte de conhecimentos nauseantes pulam para dentro do meu cérebro e minha vontade é de abrir o tampão de meu crânio e jogá-lo para fora, mas é tarde demais, agora isso faz parte de mim. Os olhos do monstro, por fim, estão reunidos em um buraco enorme no centro de sua testa que aos poucos vai se projetando para dentro dos meus. O buraco se derrete e vai escorrendo pelo espaço, deformando o caminho que faz até ir se materializando em minha face, esvaziando meu rosto, meu “eu”. Desesperadamente toco minha cara, na tentativa de arrancar seja lá o que for aquilo, mas não adianta, quando toco minha mão o atravessa e não o afeta em nada, eu sinto a substância rastejar para trás de meus olhos, entupir meus canais lacrimais e inflar meu rosto inteiro, fazendo-o arder e rasgar.



Aos poucos me sinto completamente preenchido. Nomes, formas, rituais e desejos vão ocupando minha mente e substituindo meu ser, não consigo mais me lembrar do meu nome real, ele se confunde com inumeráveis outros que saltam simultaneamente em meu pensamento. As palavras se misturam e o ruído desajustado aos poucos vai entrando em sincronia e todas as vozes do universo, agora dentro de minha cabeça, sussurram uma palavra: “Pinguim”, e ao ouvi-la meu corpo se esquentava. Esse é meu nome, tem que ser esse. Mais uma torrente de pensamentos jorra dentro de mim. Incontáveis lugares, elementos e rostos agora ocupam minha mente. Não tenho ideia de como vim parar aqui ou mesmo como acabei nessa situação, mais uma vez recebo um número impossível de calcular de respostas para essas perguntas, não sei dizer qual delas sou eu, nem consigo diferenciá-las. Tento retornar mais à minha memória, lembrar de um ano atrás, dois ou três. Continuo tentando voltar e me dou conta que não estou mais recapitulando memórias de tempos humanos e sim de tempos anteriores à era das estrelas, quando “eu” comecei a existir? Sou mesmo “eu” nessas memórias? O que é “eu”? Meus pensamentos estão esfacelados, sinto como se tivesse milhões de linhas de raciocínio paralelas acontecendo simultaneamente em minha mente. Se é que essa mente é sequer “minha”.



Apesar de me sentir preso em um coral de loucos, cantando todas as músicas que já foram ou ainda serão feitas ao mesmo tempo, uma pergunta me prende à realidade e me impede de me tornar mais um nessa multidão histérica que escuto incessante. A pergunta é: *“o que aconteceria se a Terra fosse esmagada por um hipopótamo cósmico?”*. Não me recordo mais o que é a “Terra”, tal conceito parece ter se perdido em meio ao infinito conhecimento que me penetra, muito menos sei o que é um “hipopótamo”, mas me recordo de me importar muito com a solução do caso.

— Pedro, ou deveria dizer, meu novo Pinguim, você provavelmente não me reconhece mais nessa forma. Você fez um bom trabalho, absorveu o antigo avatar de meu estômago por vontade própria, só precisou de um empurrão, desde sempre eu soube que você era perfeito para o papel. Nós conversamos muito hoje então imagino que esteja cansado, não se preocupe, vai acabar logo. Ah só por curiosidade, “Trancoso” não é meu único apelido, o nome que você imagina ser o meu real, “Felipe”, também é um apelido. Te direi meu nome real como uma forma de agradecimento. Prazer, eu me chamo “██████████”.

Ah, agora eu me lembro. Me perguntava “com que lamentos eu iria gastar meus últimos segundos, caso o grande hipopótamo cósmico atingisse a Terra”. Era esse meu objetivo, eu realmente não sabia o que valia tanto a pena a ponto de gastar os últimos momentos de minha existência me lamentando. Mas que tolo eu fui, minha dificuldade vinha do fato de que desde o início eu sabia da verdade que tapamos com nossas mãos. De fato, todos sabem, mas não querem ver, escondemo-nos atrás de todo tipo de entorpecente e fugimos o tempo inteiro das respostas, ignoramos ao máximo, pois somos miseráveis demais para sermos honestos, mas a verdade quando posta nua à frente dos olhos

é inegável até mesmo para seres como nós. A verdade é que mesmo com a chegada do grande hipopótamo cósmico não há nada para lamentar sobre a morte desse desconhecido lugar chamado Terra. Caso um hipopótamo maior ainda findasse o cosmos, não haveria motivo para choro, nem mesmo o apagar das luzes e das trevas deveria gerar comoção e até o fim do próprio fim não é razão para lamento. O silêncio eterno é tão inevitável quanto a estrondosa cacofonia das almas arrependidas de um dia terem sido vivas, entretanto, não há nada a temer. Porque além da realidade, depois da infinita borda, antes e depois do tempo, o Soberano reinará sempre em sonhos de delírios gargalhantes.

# [Sem título]

**Pedro Caldas Roedel**

*Graduando em Filosofia/UFMG*

Que noite, o tiquetaquear do relógio ainda perturba meu sono, não sei mais se escorre de minha consciência ou se realmente, na escuridão do quarto, essas ondas ainda alcançam meus ouvidos. Refratadas no copo roxo, sujo de chá de hibisco, algumas luzes transpõem a barreira do blecaute dando ao armarinho sem portas um tom levemente avermelhado, como se, mais uma vez, tivesse esquecido a blusa rubro-negra de Guilherme entre as brancas para lavar. Escutei tanto esse dia, Minha filha não tem alvejante que tire isso, essas roupas eram caras. Sabia que não tinham sido, compradas no quilo em alguma esquina no coração da cidade, mas eram as únicas possíveis, principalmente com a exigência da patroa para “cidinha” ir sempre de roupas brancas, duvido que eles sequer soubessem seu primeiro nome. Mas, com certeza, aquela não foi a maior decepção da vida de minha mãe, que esperava, como uma boa sebastiana, a volta de papai, maço de Derby em mãos como uma gloriosa espada, ele nunca voltou, mas todo fim de expediente ela abre a porta da casa esperando vê-lo no sofá. Eu tinha cinco, e tem 11 anos que assisto a essa cena, quando ele saiu Gui ainda não ficava de pé para assistir, não acho que se lembre dele. Foi aí que tio Jó veio pra cidade, ele ajudava a segurar as contas, Gui gostava muito dele, aprendeu a jogar bola, soltar papagaio, eu já não muito, quando ele mudou pra cá comecei a ter sonhos estranhos, mãos subiam da minha cama e me tocavam, me seguravam, eu acordava suja,

quando falei com mamãe nunca mais vi tio Jó, os pesadelos pararam, espero que esses sonhos não o sigam a todo canto que vai, Putaqueopariu. Mais um foguete estourando, não dormi, não conseguiria nem que quisesse, fecho os olhos e ele surge, eu tento escapar, correr, mas está lá, estático, será que ele imagina tudo vermelho como o quarto agora? parece que não sai da minha cabeça. Escuto os passos despreocupados de Gui, ele nunca se importa de não acordar a mãe, dá uma raiva, ela dorme na sala pra gente ficar no quarto e ele sai correndo assim, o sol mal nasceu. Algo tá errado, eu sinto meu corpo, não era pra ser assim, minha respiração se adensa e sinto subir algo que se prova precisar sair, não como os gritos que ainda guardo presos, me inunda de enxurrada como o nível da Vilarinho, preciso deixar ir, mas Gui ainda não voltou. Pé ante pé e mindinho no rodapé vou tropeçando, já não tenho mais medo de acordá-la, o ímpeto é mais forte, corro pelo chão batido, que por mais que lave nunca pareça limpo, e num movimento contínuo meu braço abre a porta da sala, meus joelhos tocam o chão e a amálgama verdeamarela quase com vida própria jateia da minha boca o chão de terra da rua, na poça consigo vê-lo tomar forma, fecho os olhos e a imagem fica mais nítida, coração dispara, Que aconteceu?. Escuto a voz sonolenta de mãe, Alguma coisa não me fez bem não. Minto. Eu sei o que é. Desde aquele dia nada segue normal, eu não aguento mais, quero sumir, mas logo vai acabar, Minha filha, come alguma coisa. Acho que viajei, até ela me chamar não sei o que pegou, já estava sentada na mesa, não me lembro de andar da porta até a sala e eu não desmaiei, isso é certeza, será que ele agora me controla? não posso saber, Tá tudo bem?, Tá sim, tô cansada. Nada estava bem, eu já não tinha certeza do que fazer, seriam sintomas da culpa? ou Pedro Botelho tava certo, aquilo era coisa do cabrunco? De noite eu ia saber, ele é muito sensível pras coisa do outro mundo, e o pai dele é pastor getsêmani ele vai saber o que fazer. Quando mãe foi trabalhar deitei no colchão dela, talvez cheiro de casa me deixasse mais

tranquila, o luxo dela era o monange rosa, aquele cheiro me preenche. Tia Wal tinha um cheiro muito específico também, arnica e babosa, sempre que vinha ver a gente trazia jabuticaba da roça, não entendo porque mãe não leva a gente pra lá, sei que ela não gosta do vovô, mas ficar aqui passando aperto? será que ele dava pesadelo nela? Quando eu durmo tenho pesadelo agora, mas não são mais as mãos, eu vejo a cara dele, Pedrinho nunca me contou exatamente como ele é, mas me aparece aquela cara de coisa que não é pra ser, quando eu fecho meus olhos me vem aqueles olhos, que piscam de lado e com riscos igual de gato, sem nariz, sua pele é branca como um morto e tem manchas dum vermelho escuro, que nem vilão do batman. De boca fechada ficam pra fora aqueles dentes, pontudos e amarelados. seu queixo é comprido e as sobrancelhas ralas, os cabelos são tufos, cheio de caminho de rato, que eu acho que sairiam na minha mão se eu pegasse, as unhas longas e quebradiças que se me arranhassem quebrariam e ficariam presas na minha pele. E o mais assustador, quando me olha no olho ele grita em silêncio, e da sua boca eu sinto o tamanho do mundo inteirinho, e fico injuriada com a nossa pequenez, minha pele arrepia de ver o preto, tão preto que me faz lembrar que eu vou morrer, de dentro da garganta dele, voz nenhuma sai e ainda sim eu escuto a dor de todo mundo que já sofreu nessa terra, Aninha, vem cá me ajuda, Que que tu quer? Não alcanço a rabiola que tá presa no teto da casa. Por algum motivo mágico lá em casa parece um cemitério de pipa, num sei se o vento faz elas caírem aqui ou meu irmão é muito do sortudo, mas vira e mexe aparece uma, facilitou a vida dele de não ter que fazer uma nova sempre que os meninos do cerol levavam uma das dele, Ai. Cortei a mão tentando puxar a rabiola, o sangue já escorria pros meus pulsos e manchava o chão, sorte que não caiu na roupa, Aninha, que que foi?. Veio meu irmão correndo com meu grito, Tá com cerol essa merda. Deixo pra lá o papagaio e ligo a torneira de fora, a água começa a escorrer e quando eu boto a mão a cor muda, aquele vermelho meio

rosa de sangue na água, o mesmo do fundo de quando ele aparece na minha cabeça. Agora que botei reparo no céu tomo um susto, já tava amarelo? Que horas são? Quando deitei na cama dela era de manhã, eu dormi?, Que horas são Gui? Quinze pras cinco. Eu disparo pro chuveiro, a mão nem tinha secado direito e algumas gotas vermelhas caíram no chão da casa, igual o dia que menstruei pela primeira vez, eu lembro do susto e da sujeira, achei que eu ia morrer, sangue nunca é bom sinal, eu ja ficava sozinha cuidando dele, e ele ficou com mais medo ainda que eu, não aguentava imaginar ficar ainda mais sozinho. Sangrei a casa toda, mãe chegou e tomou um susto, quando ela entendeu o que tava acontecendo me mostrou a caixa de absorventes, Não se fala nisso, todo mês acontece e ninguém precisa saber. Botei a roupa rápido e corri pra descer o morro, não podia perder o ônibus das cinco e quinze, hoje não tinha culto e Pedrinho me disse pra chegar às seis, não queria deixar Seu Hermógenes esperando. A luz amarela do sol se pondo é sempre muito bonita, cheguei no ponto a tempo, ainda tava lotado. Sempre achei engraçado como as pessoas acendem a luz antes mesmo de ficar de noite, elas foram se acendendo enquanto eu chegava mais perto da igreja, mas a noite só veio mesmo quando botei o pé lá. Pedrinho me esperava na porta, cara séria, Fica tranquila que nós vamos resolver tudo hoje. Fiz que sim com a cabeça e ele foi me levando pra dentro, era um salão enorme, os bancos compridos de madeira, a iluminação artificial, uma cruz simples no altar, o pai dele tava sentado sozinho na primeira fileira, cara grave, tinha um lençol branco estirado no chão, no corredor entre as fileiras de bancos, Bem-vinda, minha filha. O tom dele era sempre mais gentil do que eu esperava daquela careta. Ele se levantou e veio pra perto da gente, com cuidado pra não pisar no lençol, Que bom que você veio, não tenha medo. As palavras tinham fugido de mim, eu não sei mais o que está acontecendo, conheci o Pedro numa das festas da patroa de minha mãe, eu ia lá ajudar, era muito bonito e ficamos muito tempo conversando

enquanto eu lavava os pratos. Ele era um pouco mais velho que eu, dois anos, e no fim da festa me disse para ir na igreja do pai dele. Demorei uma semana para aceitar o convite, mas comecei a frequentar o culto e ficamos muito próximos, o romance veio rápido e era muito bom estar com ele. Depois que passamos a madrugada brincando numa viagem da igreja que o tihoso me pegou, não percebi nada enquanto estávamos no mato, mas algum tempo depois meus sonhos começaram a pesar, meu corpo se sentia muito diferente, algo estava em mim e eu não sabia o que. Quando conversei com ele, me contou sobre o demônio Enquios<sup>1</sup>, que possuía as mulheres, desde a antiguidade. Depois, sua imagem começou a aparecer pra mim, desde então não dormia. Me deram as mãos e daquela voz gentil soou mais bela a oração, Oh Pai, misericordioso, perdoais os pecados de seus filhos, pois deles se arrependem, não permita que o mal se instaure em seu corpo, nem que sua saúde, sua felicidade e seu futuro não sejam tolhidos pelo fruto de seu pecado, Oh Jesus nosso salvador, faça-se presente nessa casa e permita-me a força e a sabedoria para livrá-la do mal que fez dela seu lar. A sala ficou num silêncio enorme, mas sempre foi assim, durante o culto ninguém falava uma palavra depois dele, a sua voz era realmente tocante, todos nós confiamos muito nele, Tire a roupa, minha filha. Aquela voz gentil cortou o silêncio e me assustou, jamais imaginaria Seu Hermógenes me vendo nua. Além de minha mãe, Pedro tinha sido a primeira pessoa a ver meu corpo crescido, na mata, me sentia sua Eva. Agora ele veria também minha vergonha, mas era para que ele pudesse nos salvar da maldição do meu pecado, É necessário pra te livrar, minha filha, ele usa de muitas artimanhas, confia no poder de Deus. Eu me levanto e deixo cair as roupas, ele me traz dois comprimidos redondos e um copo d'água, e gesticula com a mão para que me deite no lençol, São pra você sentir menos

---

1 *Enkyos*, do grego.



dor, ele vai se agarrar a você de toda forma que puder. Tomo sem hesitar, e me deito. Com uma corda grossa ele amarra minhas mãos e pés aos bancos de madeira, Para que ele não tenha controle, e te use para o mal. Ele vai embora, e Pedro beija minha testa, pede para que eu feche os olhos, ele me toca, passa sua mão por mim toda e sinto-o colocar algo dentro de mim. Não sinto mais seu toque, Fica comigo, por favor. Nenhuma resposta. Com os olhos fechados só a sua face me vem à cabeça, aquele grito maldito que me perturba, me sinto vazia quando penso. Agora já não sei mais o que pensar, não abro os olhos, mas o silêncio me apavora, não o grito, mas não escuto nada. Um silêncio igual o que me fazia levantar da cama, correr e deitar com minha mãe, e na época meu pai também, o cheiro dela já era o mesmo, e ele cheirava a cigarro, cheiro pungente, incômodo, cinza. Volto à realidade pelo barulho da porta batendo, não o grande portão, mas a porta que levava à sala do pastor, *qui habitat in abscondito Excelsi in umbraculo Domini commorabitur*. No que abro os olhos as luzes se apagam, *Dicens Domino spes mea et fortitudo mea Deus meus confidam in eum*. Começo a tentar me mexer mas as cordas são muito eficientes, me resta encarar a escuridão. Tenho fé no pastor, esse ritual vai funcionar, ele não vai mais me atormentar. Os demônios possuem os pecadores, perdoai-me Pai pois pequei, e muito, não sei porquê, mas me desculpe, eu não sabia, eu não sei, então me desculpe, me perdoe Pai. Me envolvi na oração e não sei como, repito as palavras do pastor, *Quia ipse liberabit te de laqueo venantium de morte insidiarum*. Só despertei do transe com a dor, insuportável, meu corpo se voltava contra mim e parecia que minha barriga estava crescendo pra dentro, como se a minha pele tentasse diminuir até virar nada, se concentrando em um único lugar, um ponto comigo inteira nele. Me contorço contra a tensão das cordas, assim sinto alguma outra dor, que me distrai dessa intensidade dentro de mim. Sinto suas unhas tentando se prender, imagino seus tufos de cabelo sendo largados por mim enquanto o expulso e

quando a dor se acentua sei que é a mordida de seus dentes pontiagudos tentando se manter em meu corpo, berro em um grito gutural, *Nadent a latere tuo mille et decem milia a dextris tuis ad te autem non adpropinquabit*. Por um momento o pastor hesita de continuar, meu grito o assusta, mas em seguida ele retoma sua fé, fecho os olhos de novo e volto a sentir a presença dele. Monstro maldito, se eu soubesse nunca teria entrado em mim, *Non accedet ad te malum et lepra non adpropinquabit tabernaculo tuo*. Começa a sair sangue de mim, muito, finalmente o sangue que havia se acumulado nesses últimos meses está indo, *Longitudine dierum implebo illum et ostendam ei salutare meum*. Imagino a cor do lençol ficando como a da água de hoje mais cedo, me concentro na dor pungente que senti puxando a rabiola, *Qui habitat in abscondito Excelsi in umbraculo Domini commorabitur*. A imagem dele possui minha mente agora, mais nítido que nunca, uma música vermelha começa a tocar e os cheiros de cinza e preto tomam conta dos meus sentidos. Ele não é mais a figura humana que eu via, dou um zoom, sua proporção aumenta, é grande demais, tão grande que não consigo entender, sua textura é uma de coisa que não devia ser, não devia estar, ele é e não é e nessa fluidez de não ser eu não consigo entender mais nada, só sentir medo, *Longitudine dierum implebo illum et ostendam ei salutare meum*. Como poderia aquele homem ganhar de algo tão grande assim? a dor se acentua ainda mais e começo a gritar, mas meu desespero ecoa a música vermelha, que não sei se existe ou é da minha cabeça, fruto do demônio, *Quoniam mihi adhesit et liberabo eum exaltabo eum quoniam cognovit nomen meum*. Minha mente corre tentando escapar dela mesma, a sala já me deixou, não estou nesse plano, sigo pela criatura infinitamente sempre em fuga, a angústia de um corredor enorme e sem fim, não entendo mais nada, *Longitudine dierum implebo illum et ostendam ei salutare meum*. Quanto tempo estou aqui? não sei mais, não sei se desmaiei com a dor ou simplesmente fugi na minha cabeça, mas, volto

com a luz acendendo, Você foi muito forte. O pastor me olhava de cima a baixo, não me sentia mais molhada do sangue, quanto tempo fiquei ali? a dor passou, mas me sinto muito fraca, sei nem se conseguiria me levantar. Pedro me desamarra e me lava com um pano, molhado, sinto muito frio, acho que tou febril. Ele me ajuda a me levantar, quando olho pra baixo vejo no sangue uma pequena criatura grotesca, seria aquilo que estava dentro de mim? Nada parecia com o demônio que eu vi, como aquela coisinha se agarrava com tanta força, sem unhas nem dentes? Ainda assim, era rosa avermelhado, a sua cabeça era muito desproporcional ao resto, e parecia ter braços atrofiados, nojento. Finalmente estava livre, ele me ajudou a me vestir e no caminho pra fora vi a embalagem no chão, melhor guardar o nome deste remédio pra dor que não me ajudou em nada, maldito esse tal misoprostol.



**ENSAIOS**

# “O Babadook” e a visão do monstro de Carroll

**GABRIEL FELIPE VIEIRA BROCHADO**

*Graduando em Filosofia/UFMG*

Os monstros não são apenas fisicamente ameaçadores, são cognitivamente ameaçadores. (CARROLL, 1999, p. 53).

Carroll nos propõe, em sua filosofia do horror à luz de que, em alguns casos o horror estudado é principalmente suscitado através do psicológico, ferramentas cognitivas que ativam o campo das emoções, fazendo com que o espectador/leitor sinta determinados sintomas, envolvendo ansiedade e medo devido à imaginação questionada pela possibilidade de existir um ser invisível ou que seja capaz de existir entidades cósmicas ameaçadoras para a humanidade. Precisamos entender que os monstros quebram as normas ontológicas de acordo com o contexto da história, desta maneira a sua criação diz muito a respeito da origem, seja ela sobrenatural, natural ou de ordem científica. Tal afirmativa, implica em também entendermos que nem sempre o fisicamente assustador é elemento possuidor do mal, conceito já desconstruído quando se trata da percepção dos elementos estéticos, os monstros

serem figuras abraçadas pelos espectadores confirma a mutação que certos termos sofrem ao decorrer das novas obras lançadas.

Ainda é evidente que artifícios utilizados na criação de monstros, como sujeira e impureza, seduzem os sentidos e remetem às sensações que algo desta ordem tem. A princípio, parece haver algum tipo de elo que liga a sensação, o indivíduo e o objeto, pois o medo é uma sensação captada pelo indivíduo dependendo do objeto, como a *Leporiphobia* ou medo de coelhos. O medo em si é desencadeado pela percepção de um perigo, seja ele real ou imaginário. O estado de medo pode tanto provocar a luta ou a fuga e o processo de lidar com esse sentimento é algo que explora também a ansiedade e o pânico. Tratar do medo é tratar o que Carroll chama de base para sua filosofia, a racionalidade do medo, quando algo é possível de acontecer, e a irracionalidade, quando não há a possibilidade de algo acontecer, mas o medo está presente, deixando essa lacuna que conforta a existência de um monstro figurado e com suas características. O ponto que pretendo abordar, circunda esse vazio entre o objeto e o indivíduo, que por ser questionado cognitivamente tende a materializar essa interseção e adaptá-la a um medo pessoal. Essa possibilidade tende a analisar *O Babadook* (2014) também como uma metáfora que consegue olhar o monstro de maneira psicologizada e como uma entidade que manifesta efeitos físicos naquele contexto.

A discussão pretende elaborar como o medo é responsável no processo de criação e existência de monstros, visto que eles se retroalimentam do contato brusco com o espectador, de tirar a segurança epistemológica da existência não conhecida pela própria ciência, exemplos como o vampirismo e licantria, são seres mitológicos que foram mantidos através do tempo, mas que por sua carga de

disseminação por tantos anos reforça ainda mais uma existência hipotética. Entre o sujeito e o objeto há um espaço que comporta o objeto real que projeta no ser uma resposta de como ele é percebido, uma espécie de reflexo que é explorada às sensibilidades do público, que vai de elementos impuros e de tema *gore*, assim como cenas específicas causam gatilhos capazes de fazer o espectador reviver uma memória armazenada no inconsciente pelo teor traumático. Contudo, vamos explorar outras obras capazes de exemplificar melhor o que Carroll se limita, a fim de mostrar como a sua filosofia do horror é válida, mas falha ao fundar uma filosofia que necessita ser revisada para não se limitar a metáforas para sustentar a existência de um monstro esteticamente apavorante e um aparentemente humano, mas que também é capaz de cometer monstruosidades.

Em *Gaslighting* (1944) dirigido por George Cukor, onde o termo acabou sendo utilizado popularmente para identificar uma forma de abuso psicológico. O campo das emoções se torna então uma tábula rasa para inscrição de medos. Sigmund Freud (1996, p. 93), em *O mal-estar na civilização*, enumera três possíveis fontes do sofrimento e, extensão do medo no ser humano: nosso próprio corpo, como exemplo dos *Doppelgänger*, condenado a não existir e se dissolver; o mundo externo, que pode voltar-se contra nós, por uma normose ou sistema capitalista; e as ações e atitudes dos outros homens, como os *serial killers*. Por detrás da variedade e da aleatoriedade de cada uma dessas fontes do medo, sejam de causas que se julgam naturais ou sobrenaturais, e do papel que aquilo que nos é desconhecido exerce na produção do medo, posteriormente discutido como *unheimlich*, há uma ideia unificadora: a da morte, como culminância de todos os medos. No ensaio *A cultura dos monstros: sete teses*, de Jeffrey Jerome Cohen (2000, p. 25), há uma afirmativa que corporifica a metáfora do

monstro pelo medo, ansiedade e morte, etimologicamente a palavra *monstrum* como o ser que revela, que mostra. Sendo essa monstruosidade capaz de questionar as estruturas tradicionais de organizar o conhecimento.

Carroll cita a construção de monstro como agente não natural, seria quando a personagem é possuída pela entidade e mostra comportamentos estranhos, fazendo-a perceber o mundo com apenas tom de preto. Cabe entendermos que, a existência da entidade ou do monstro ainda se faz, pois assim como as doenças psíquicas, precisam de tempo para assimilação e controle, que seria em estabelecer limites de gatilhos causados pela não compreensão destes. Carroll entende que o monstro ameaçador não se faz apenas por aparência física, até porque existe o horror sem um elemento explícito, a ideia de que existe algo antinatural e que é constituído pelo medo de uma personagem, como se a tristeza ou a experiência depressiva fossem inerentes ao ser, criando imagens mentais que são capazes de alimentar esse choque epistemológico com o monstruoso em prática. O que seria então o monstro psicológico? O luto que não foi elaborado começa a tomar forma por sua presença constante, acaba rondando o psicológico colocando na morte uma face específica para formatar o sentimento, o pensamento, e tornar tangível a compreensão da aflição gerada. O tom escuro indica o oculto, que é onde o monstro se esconde, sendo a dificuldade de lidar com o luto armazenado no inconsciente e se apegar a uma ideia para evitar sofrer de maneira abrupta com a dissolução de um sistema familiar tido como comum.

Há fragilidades e estas circundam a razão e tentam justificar o porquê agir agitado, com medo, ansioso. O campo de emoções abriga então, uma proximidade com o universal, a inquietação mental que perturba todos os seres quando o assunto é a ausência quando já se vive a presença, a morte. Ter



consciência da morte é um dos elementos que separam os humanos dos animais, é um medo primitivo e que é ameaçado pela própria razão. O filme trata de um monstro que se alimenta do medo, da tristeza e se solidifica enquanto metáfora para a depressão, onde a protagonista se vê cada vez mais tomada por uma depressão pós-parto e ao mesmo tempo a morte do marido radicada, abdicando de sua vida para cuidar do filho, tendo sentimentos de baixa autoestima, medo, insônia. A narrativa para a construção imagética do monstro passa pela imaginação da criança fazendo com que a mulher projete seus sentimentos ruins em um monstro, havendo a transferência do que é obscuro interno e natural e que se alimenta do medo, para algo externo e sobrenatural. É problemático reduzir a história a uma metáfora, não podendo esquecer que o babadook enquanto entidade é real em certa instância, pois altera a realidade perceptiva dos personagens devido à desordem psíquica.

Schelling traduz *unheimlich* como o que deveria se manter oculto, mas acaba aparecendo (p. 338) e a partir desse significado, entendemos que, o vazio entre o objeto e o sujeito se assemelha a teoria do inquietante de Freud, onde há um espaço que abriga um potencial para a criação de aspectos



levantados acima. Em outros termos, psicologizar a entidade para entender que ela é formada por sentimentos ocultos que a constituem, coloca em jogo os efeitos causados tanto no público quanto no próprio personagem, deixando a familiaridade do termo. Tal artifício é proposital, pois a discussão do filme e o monstro se conectam com o espectador por sua linguagem simultânea com o sobrenatural, e animam os sentimentos narrados, possibilitando expandir a conexão. Deste ponto, nos cabe pensar se o ente é real ou se deve ser reduzido apenas a essa discussão acerca da saúde mental, essa figura metafórica apesar de ser obsoleta ainda consegue gerar a monstruosidade, e nesse caso ela parte do próprio ser humano e das suas limitações em lidar com problemas internos. Portanto, há um contraste entre a racionalidade que estuda como a saúde psicológica traz à tona seus conteúdos do inconsciente, e, por outro lado, a proximidade da manifestação que a entidade metafísica exerce sobre o espaço em que está contida. Assumir que a obra contém uma dicotomia se faz necessário, escolher uma teoria confortável aos efeitos que a história propõe.

Contudo, apesar de Carroll conseguir apontar para um espectro, sua teoria se limita a perceber que os monstros e seus efeitos precisam ser analisados com olhos de outras ciências, neste caso, as de ordem psíquica, porque ao elaborar uma filosofia do horror se faz necessário a compreensão de seu objeto. A esquizofrenia é classificada como uma condição cerebral de maneira crônica, é um distúrbio mental que afeta as capacidades normais dos humanos, como raciocinar, sentir e interagir socialmente, se apresentando como indiferença emocional, pensamentos distorcidos bem como nas atividades rotineiras. Suas causas de manifestação dependem do ambiente, das pessoas, fator químico e genético. Desta maneira, o indivíduo tem alucinações por privação de sono, projetando alucinações

visuais e auditivas, bem como a dificuldade para interagir emocionalmente, abdicando da vida social como estímulos incisivos dentre as relações interpessoais. Ainda é possível entender que a condição abordada no filme retrata uma possível hereditariedade da esquizofrenia para compreendermos o comportamento do filho.

Segundo Foucault, o “monstro humano” é aquele que constitui “(...) em sua existência mesma e em sua forma, não apenas uma violação das leis da sociedade, mas uma violação das leis da natureza” (2001, p. 69). A visão constitucional de Foucault nos permite ampliar a problemática social que é representada pela interação materna e como seus critérios reduzem a imagem da mulher apenas a algo do campo simbólico e que nessa desumanização o monstro cria espaço entre a angústia do público, bem como na personagem, devido ao caráter que funde a realidade com a fantasia de como as coisas realmente parecem ser, a partir de como as percebemos. A protagonista agoniza por perder toda a liberdade que lhe foi experimentada até a chegada do filho, no dia em que seu marido morreu. Desconexão social, insônia, dor física e a limitação da vida sexual, um exemplo de como a castração da mulher, ao estabelecer estatutos de como elas devem se portar, abre espaço para tantas discussões que são enfrentadas a partir do momento em que as enxergamos como problemas.

A história acabou sendo recebida pelo público de maneira positiva e acabou tornando o Babadook como ícone LGBTQI+ após a sua repercussão e disseminação pela internet. A narrativa aproxima a homossexualidade e diferentes espectros de gênero, e também há uma relação direta de monstros com a comunidade que enfrenta a homofobia interna e externa. Então, há a facilidade de ser ver no *Frankenstein* ou em *Carrie a Estranha*, possíveis discussões que podem ser abertas a fim de

entendermos a infinidade de monstruosidades que podem ser construídas a partir do ser humano, e o gênero se ocupa disso em alguns aspectos. A repetida frase: “Let me in” dialoga com a dependência do humano que o monstro tem para ser decodificado a alguma discussão social, psicológica e filosófica. Em virtude disso, a monstruosidade passa por crivos diferentes e não limitados, sendo que a infinidade de relações com o mundo é de ordem perceptiva em diversas narrativas, similares ou não, pois o objeto do horror não está somente no quão horrorizante pareça ser, e sim da proximidade que esse universo tem sobre as sensações do indivíduo.

## **Bibliografia**

CARROL, Noël. **Filosofia do horror ou paradoxos do coração**. Campinas, Papirus, 1999.

FREUD, Sigmund (2010). **O Inquietante**. In S. Freud, Obras completas (v. XIV, pp. 328-376). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1919).

FOUCAULT, M. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

# A metafísica e a mecânica na cópula com o sobrenatural

**Thiago Borges de Almeida**

*Doutorando em Filosofia/UFMG*

O que a intriga é menos a metafísica do que a mecânica, o lado prático de uma união que se dá apesar de uma distinção de ser. Se já é bem ruim sentir um cisne macho adulto metendo os pés palmados em suas costas enquanto ele faz lá o seu negócio, ou um touro de uma tonelada apoiando seu gemente peso em cima de você, como então, quando o deus não se dá ao trabalho de mudar de forma, mas sim mantém-se assombroso, como pode o corpo humano se acomodar à explosão do desejo dele? J.M. COETZEE. *Elizabeth Costello*.

## Monstro 1: Minotauro

**E**ra uma vez um ser que tinha o corpo de um homem e a cabeça de um touro. A intrincada história desse monstro se cruza com a de Dédalo, escultor, arquiteto e inventor genial. Ele foi o responsável pela maquinaria – uma vaca de madeira – que permitiu a cópula de Pasífae, a mulher de Minos, e o touro enviado dos mares por Poseidon, que deu origem ao Minotauro. A intenção era intervir

tecnicamente para que o amor que a filha do rei Hélio sentia pelo touro pudesse ser consumado. Estamos nos baseando nos relatos de Guimarães (2000), em sua obra *Dicionário da mitologia grega*. O que se segue é o que chamaríamos hoje em dia, com o termo da época, de zoofilia, ou, se quisermos evitar os traços da acepção jurídico/moral contemporânea do termo, sexo selvagem. Depois disso, a história ganha ares ainda mais espetaculares com o labirinto, o sacrifício de jovens atenienses, o voo para a morte de Ícaro, o heroísmo de Teseu e o fio de Ariadne. O ponto que nos interessa aqui é esse fato curioso, em que o mundo arcaico da mitologia arma o palco e dá à narrativa os seus personagens, mas ganha os ares moderníssimos da mecânica mais avançada no clímax da consumação carnal. Há quem diga que o nascimento do Minotauro é o pioneiro e mais emblemático caso de reprodução assistida da história da humanidade. A mecânica purifica e dá um caráter asséptico ao ato, mas não garante qualquer controle sobre as consequências da relação inter-específica que ela viabiliza.

O Minotauro se enquadra no conceito de monstro utilizado por Carroll (1999) para definir o horror artístico? Para se enquadrar é preciso que a ciência de sua época questione a possibilidade de sua existência; ele precisa ser considerado um ente impuro; e ele precisa ser ameaçador. Em um mundo povoado por deuses, semi-deuses, quimeras, ninfas, sereias, sátiros e centauros, o Minotauro é um ser possível, como todos esses outros. A fera incontrolável é o resultado indesejado de uma experiência mal-sucedida. Se a ciência da época admitia o Minotauro é porque não se havia ainda estabelecido um conceito de natureza, que fizesse com que algo fosse considerado sobrenatural. O Minotauro é impuro segundo o nosso sentido atual de transgressão categorial, mas não para o que se considerava à época das narrativas míticas. Contudo, ele é ameaçador e por isso precisa ser trancado no labirinto. Só neste último ponto o Minotauro compartilharia, de fato, traços de monstruosidade.

Sob outro ângulo, também a partir de Carroll (1999), o Minotauro é propriamente um monstro em todos os seus aspectos. Basta analisarmos sob a ótica das respostas afetivas, da atitude dos humanos positivos (os personagens) em relação a ele. O ser com corpo de homem e cabeça de touro é um elemento extra-extraordinário em um mundo extraordinário, isto é, ele perturba a ordem extraordinária (que é o natural/ordinário) da narrativa mitológica. Nesse sentido, atribuímos ao Minotauro o epíteto, exagerado, de pai dos monstros.

## **Monstro 2: Jesus Cristo**

Era uma vez um sujeito que era, nada mais nada menos, o filho de Deus. O pai podia ter gerado a sua cria sem envolver terceiros, afinal, ele era onipotente. Mas optou por uma via mais mundana fecundando uma jovem. Estudos bíblicos dizem que Maria tinha entre 12 e 14 anos quando engravidou. Isso não espantou a sociedade da época que já a considerava uma “maior de idade”. Afastemos, portanto, a acepção jurídico/moderna de pedofilia, porque ela não cabe nesse caso. Não cabe também falar em estupro, porque Maria consente. Mas não precisamos afastar a ideia de monstruosidade. O anjo Gabriel, ao se dirigir a menina, diz: “Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus”. (BÍBLIA, Lucas 1, 35). É curioso que ela seja coberta pela sombra e não pela luz. Todo o procedimento moralizante que o cristianismo opera, ao separar o bom sobrenatural do mau sobrenatural, vai na direção de transformar essa sombra em luz.

A pergunta aqui é: teriam as sombras que se abatem sobre Maria produzido um monstro, tal como entende Carroll? O filho de Maria é um ser intersticial, meio humano, meio Deus, que provoca o

ceticismo da ciência de sua época. Ele transgride categorias como vida e morte, por exemplo, ao ressuscitar. Mas ele absolutamente não é ameaçador. Notem que, por essa ótica, Jesus Cristo é o oposto do Minotauro. Ele passa nos dois primeiros critérios, mas a sua anormalidade se associa com o bem. O protagonista do Novo Testamento é uma espécie de “fada sensata” que mobiliza seguidores e detratores em um universo fantástico.

Embarquemos na fábula para vasculhar o que aconteceu com a mecânica. Observem que nessa história não há mecânica. Não deram a Maria nem a oportunidade do orgasmo cósmico, de ser penetrada pelo Espírito Santo e no tremor da carne tocar o infinito. Maria não foi sequer tocada. A virgindade de Maria, a bondade de Jesus, os anjos, os milagres, a ressurreição e toda a fabulação das Escrituras, eliminam ou condenam o atrito mecânico. Tudo se dá no etéreo campo metafísico, incorporado nesse monstro antropomórfico que se sente legitimado a dizer “Eu sou o caminho, a verdade e a vida.” (BÍBLIA, João 14, 6). Se quisermos forçar o anacronismo, Maria é uma bruxa – que copula com o sobrenatural –, Jesus é o herdeiro do Minotauro – o filho dessa figura emblemática dos primeiros monstros. E ele realiza um parricídio: o anti-Minotauro.

### **Monstro 3: o bebê de Rosemary**

Era uma vez uma jovem norte-americana que se muda com o marido para um novo apartamento em Nova York. O edifício Bramford tem um largo histórico de fatos inusitados e habitantes suspeitos. O marido, um ator de pouco sucesso, segue em busca de oportunidades no mundo do entretenimento e se associa a uma assembleia de bruxos e bruxas para alcançar os seus objetivos. A contrapartida



oferecida por ele aos membros da seita é que Rosemary, a jovem, seja a hospedeira do filho do demônio. Com o nascimento do bebê de Rosemary, o personagem Roman Castevet decreta: “Deus está morto! Satã vive! Esse é o Ano um!”. A história contada aqui se baseia no filme adaptado e dirigido por Roman Polanski em 1968.

Como é que se dá a fecundação de Rosemary? O ato é uma síntese entre a relação metafísica do Espírito Santo com Maria e a mecânica entre Pasífae e o touro. O agente “técnico” é o ritual encenado pelos membros da seita e a suíte nupcial que recebe a visita do garanhão reprodutor é um elemento do sonho de Rosemary. Freud explica, da perspectiva dos personagens da história, o que se passa – uma mistura de retorno do recaiado e crença na onipotência do pensamento: “o infamiliar da vivência existe quando complexos infantis recaiados são revividos por meio de uma impressão ou quando crenças primitivas superadas parecem novamente confirmadas.” (FREUD, 2019, p. 98). A manutenção de crenças primitivas faz com que a realidade psíquica tome o lugar da realidade material e Rosemary não apenas engravida como acorda com arranhões pelo corpo. Esse híbrido de mecânica e metafísica, que vai gerar um monstro, é o que mais propriamente se adapta aos requisitos exigidos por Carroll (1999). Pois a ciência não o



legítima, o resultado é um ser intersticial e esse ser é ameaçador. Por outro lado, a mecânica fornece todos os componentes que lançam a narrativa no terreno da verossimilhança. Nem as sensibilidades mais carolas têm, na verdade, bons argumentos para questionar o fato de o bebê de Rosemary ser bastante mais crível do que o bebê de Maria. No *Malleus Maleficarum*, o texto que define o código de conduta da Inquisição, os autores explicam como as bruxas copulam com o demônio: “Ora, não há dúvida de que o Demônio assume uma forma em parte etérea e em parte material, na medida em que possui, por condensação, uma propriedade terrosa. (...) [O] Demônio não pode se apresentar na forma de um corpo aéreo, simplesmente.” (KRAMER; SPRENGER, 2020, p. 240). O nível de detalhamento que os autores atingem, ao racionalizar tudo que envolve a bruxaria, parece um atestado de que a ideologia clerical da época se interessava mais pelo mal do que pelo bem.

Até aqui, ao falar do Minotauro, abordamos uma visão neutra em relação à cópula com o sobrenatural, em que a desmedida se dá por acidente e em que a mecânica é central na geração de um ser intersticial. Forçando um pouco a interpretação, o Minotauro é um animal mecânico, uma máquina. Depois vimos a primeira versão moralizante, pelo lado do bem: o filho da virgem que vem para salvar a humanidade e que é gerado por um milagre. Jesus Cristo é o homem metafísico. Na síntese de Rosemary temos a versão maléfica da visada moralizante, em que, de fato, os dois elementos estão misturados, e que se tem, propriamente, uma obra de horror artístico. Para sermos fieis a Carroll (1999), é só ao bebê de Rosemary que sua teoria se aplica, porque ali as estratégias narrativas estão a serviço do horror artístico. Além disso, Carroll (1999) reconhece que o monstro é apenas um veículo particularmente interessante para se explorar o que de fato é central nas narrativas de horror, ou no fato de elas serem uma forma tão bem sucedida de arte popular:

Assim, para explicar o interesse que temos pelo horror e o prazer que ele nos proporciona, podemos propor a hipótese de que, quanto ao principal, o locus de nossa gratificação não é o monstro como tal, mas, sim, a estrutura narrativa inteira em que a apresentação do monstro é encenada. Isso, é claro, não quer dizer que o monstro seja de algum modo irrelevante para o gênero, nem tampouco que o interesse e o prazer do gênero possam ser satisfeitos por meio de qualquer velha narrativa ou substituídos por ela. Pois, como argumentei anteriormente, o monstro é um ingrediente funcional do tipo de narrativa encontrado nas histórias de horror, e nem todas as narrativas funcionam exatamente como as narrativas de horror. (CARROLL, 1999, p. 258–259).

O prazer que podemos extrair do horror tem estreita relação com a dinâmica da descoberta, com o fato de sermos conduzidos pela narrativa em um jogo de perguntas e respostas, velamentos e desvelamentos, que nos propiciam, ao custo do repugnante, um prazer cognitivo. Nesse sentido, há limitações evidentes na história do Minotauro, apesar de sua riqueza quase infinita. Porque parece que há nela um fundo dogmático que permite esgotar suas possibilidades interpretativas. A inserção da mecânica na história, por Dédalo, é um agente de desencantamento, *avant la lettre*, do mundo. Os bebês de Maria e de Rosemary se prestam melhor ao jogo de perguntas e respostas ao incorporarem em si o ceticismo. Dizem que Polanski quis preservar no filme a possibilidade de que tudo não tenha passado de um devaneio alucinatório de sua protagonista. Enquanto o cristianismo, como vimos, cria, nutre, alimenta e prolifera os seus demônios.

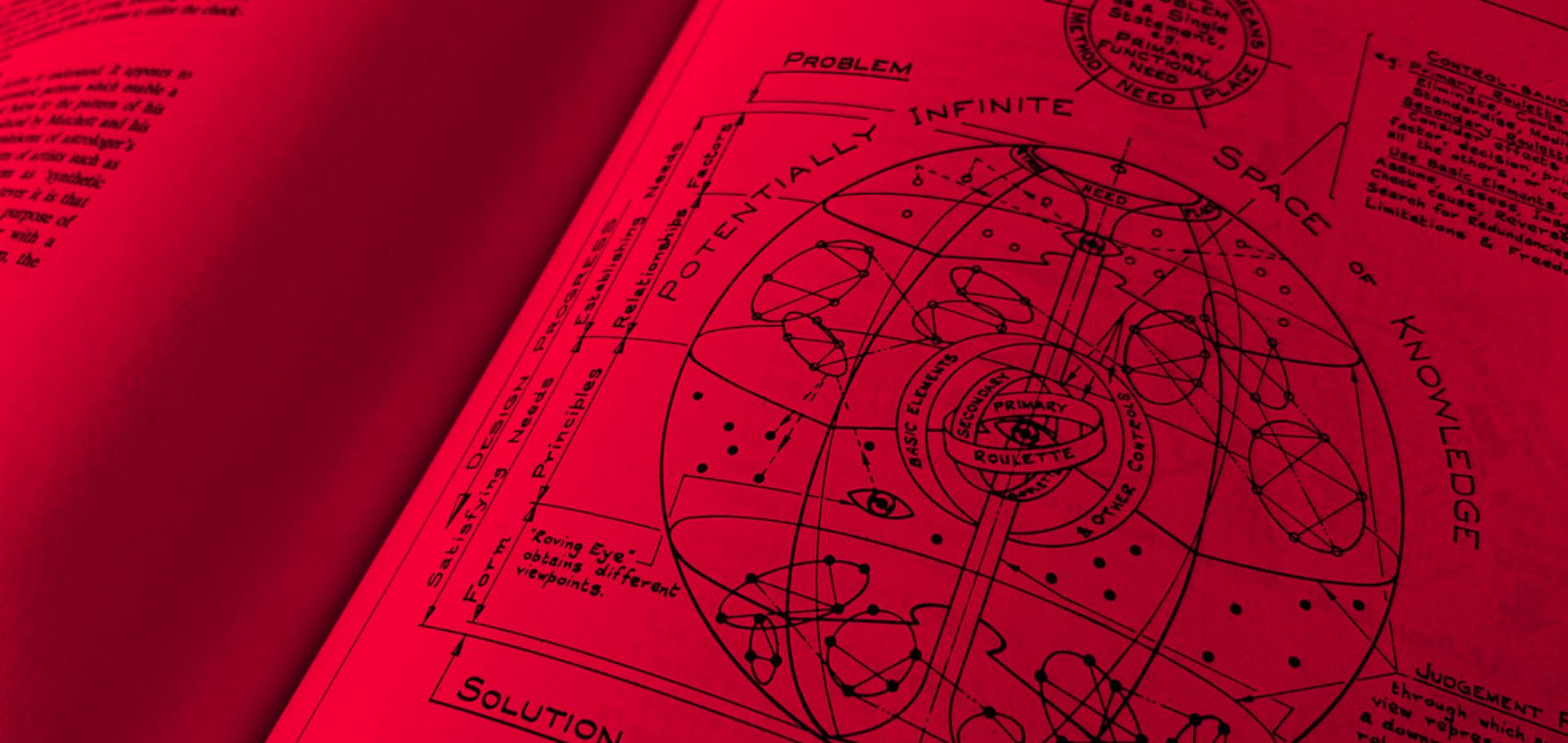
### **Ano um, ou hipótese para uma investigação futura**

Para encerrar, apenas um rascunho de ideia, a partir dos apontamentos anteriores. Exploramos a dinâmica entre mecânica e metafísica por conta de sua relação com o ato sexual e a produção de intersticialidade. Mas esse par pode ser explorado também por outras vias, no sentido de examinar a hipótese levantada por

Carroll com relação à origem do horror como gênero: “O Iluminismo tinha a propensão de ver todos os aspectos do mundo como suscetíveis de análise científica; e, nesse sentido, o sobrenatural era encarado como um fruto da imaginação. (...) [É] tentador especular que pode haver alguma relação entre o gênero do horror e a difusão da visão iluminista do mundo.” (CARROLL, 1999, p. 79). A visão mecanicista patrocinada pelo Iluminismo faz com que os séculos XVII e XVIII fossem conhecidos como os séculos dos relógios. Wiener (2017) diz que os grandes cientistas desse tempo eram os “relojeiros e os polidores de lentes” (WIENER, 2017, p. 62). Em outra chave, Flusser (2006) escreve um ensaio em homenagem ao diabo. Assim ele define a sua intenção: “Se lhe queremos fazer justiça, devemos evitar a influência da propaganda antidiabólica que há tanto tempo deturpa a sua imagem.” (FLUSSER, 2006, p. 21). O tempo e o relógio também exercem papel central na maneira como Flusser argumenta, em diálogo com a perspectiva iluminista: “Chamarei de ‘influência divina’ tudo que tende para a superação do tempo. Chamarei de ‘influência diabólica’ tudo aquilo que tende para a preservação do mundo no tempo.” (FLUSSER, 2006, p. 23). A mecânica moderna, capitaneada pelos relógios, é, assim, um vetor de temporalização do mundo, contrário à perspectiva circular mítica, ou à atemporalidade de entidades metafísicas. A partir desse ponto de vista, há uma relação diferente entre o Iluminismo e o diabólico, isto é, haveria algo de diabólico na mecânica e na sua tentativa de eliminar a metafísica. Na sua ambição de desencantar o mundo, evitando as superstições, o Iluminismo talvez tenha lançado as sementes que germinaram as narrativas de horror, não como resposta provocadora, mas como radicalização da sua compreensão da temporalidade. Isso lembra a contradição envolvendo o Espírito Santo, que se abate sobre Maria como uma sombra. O que decreta o segundo ano um talvez não seja o nascimento de uma criança na Nova York do fim dos anos 1960, mas algum ponto entre os séculos XVI e XVIII.

## Referências bibliográficas

- BEBÊ de Rosemary, O. (1968). Direção e roteiro de Roman Polanski. EUA: Paramount Pictures.
- BÍBLIA. Português. (1969). *A Bíblia sagrada*, contendo o velho e o novo testamento. Tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil.
- CARROLL, N. (1999). *Filosofia do horror ou paradoxos do coração*. Campinas: Papirus.
- FLUSSER, V. (2006). *A história do Diabo*. 2ª ed. São Paulo: Annablume.
- FREUD, S. (2019). *O infamiliar / Das Unheimliche*, seguido de O Homem da Areia. Tradução Ernani Chaves; Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica.
- GUIMARÃES, R. (2000). *Dicionário da mitologia grega*. São Paulo: Cultrix.
- KRAMER, H.; SPRENGER, J. (2020). *O martelo das feiticeiras / Malleus Maleficarum*. Tradução Paulo Fróes. 5ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso.
- WIENER, N. (2017). *Cibernética: ou controle e comunicação no animal e na máquina*. Tradução Gita K. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva. (Big Bang).



TRADUÇÃO

# As obsessões subterrâneas de Thomas Ligotti

**Título original:** The subterranean obsessions of Thomas Ligotti.

**Entrevistador:** Andrea Coccia (2018).

**Disponível em:** Medium - Andrea Coccia.

*Tradução:* LOURENÇO OLIVEIRA GONTIJO

**H**á um tipo de literatura que procede por meio da acumulação. Ela coleta material magmático retirado da fonte subterrânea de nossas obsessões mais obscuras. Essas obsessões infectam a nós todos, porém somente em alguns ela enxameia com tamanha urgência de modo a chegar à superfície do mundo. Dessa maneira elas se tornam histórias e começam a se propagar pelo mundo, a infectar outros homens e outras mulheres, e assim em diante até o último deles.

São poucos os autores exitosos. E esses poucos não “decidiram” propriamente serem. Foram, de algum modo, forçados a isso. Lendo-os percebemos a urgência e a necessidade do que têm a nos dizer. Eis o porquê de suas histórias estarem inoculadas com tamanha força em nossa imaginação, insinuando a si próprias como dúvidas em nossa consciência: tomando um canto de nossa mente e esperando o momento certo para agir, aterrorizar-nos.

Na história da literatura moderna essa atitude perturbadora teve muitos rostos e muitos nomes. Na Europa do início do século dezenove teve os nomes de Ernst Hoffmann e Giacomo Leopardi. Logo depois, em Paris, seu nome foi Charles Baudelaire, na costa oeste americana conhecida como Edgar Poe e H. P. Lovecraft. Alguns anos depois, na metade do século XX, na Argentina, seu nome se tornou Macedonio Fernández, Jorge Luis Borges e Julio Cortázar. Na América de hoje seu nome é Stephen King. E Thomas Ligotti.

Pode parecer absurdo, mas a maioria dos leitores italianos de Ligotti somente o descobriu depois da primeira temporada de *True Detective* de Nic Pizzolato. Um show parcialmente inspirado por algumas das obsessões mais misantrópicas de Ligotti, as quais Pizzolato descobriu ao ler o ensaio niilista *The Conspiracy Against the Human Race*<sup>1</sup>. A descoberta recente de Ligotti é a descoberta de um monstro fantástico: não tínhamos ideia do que estávamos perdendo.

Em 2016 na Itália foi publicado uma coletânea de contos chamada *Teatro Grottesco* pela *Il Saggiatore*. No lançamento tive uma conversa por correspondência com ele, com Thomas Ligotti, um personagem estranho que é tão tímido e tão solitário que alguém se deixaria pensar que ele nem mesmo existe. Mas quem se importa? Mesmo se ele fosse um espectro, não valeria a pena o ler? Finalmente, o que são os maiores autores da história da literatura para nós, os leitores, se não fantasmas que falam conosco por debaixo dos espelhos?

---

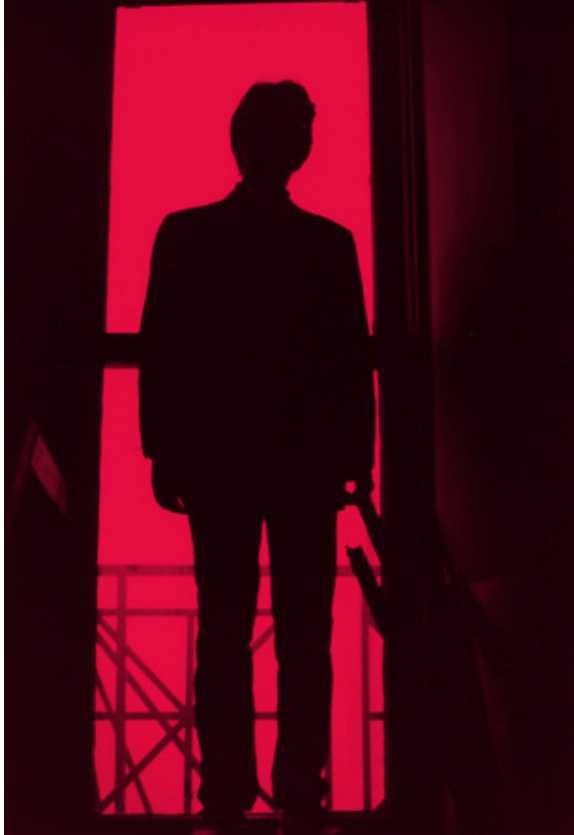
1 *The Conspiracy Against Human Race*, publicado originalmente pela Hippocampus Press em 2011, com prefácio de Ray Brassier. No momento desta tradução ainda não consta uma tradução para o português.



“Todas as obsessões têm sua base na emoção”, diz Ligotti respondendo a minha primeira pergunta sobre as obsessões que o impelem a escrever. “O objeto de uma emoção não importa. Se a emoção é o amor, quem ou o que se ama é além do ponto. A coisa importante é a emoção ela mesma. Minha emoção mais forte sempre foi o medo, especificamente aquele tipo de medo o qual chamamos de ansiedade. Sentimentos de ansiedade podem ter uma causa particular que pode ser nomeada. Por exemplo, pode-se ficar ansioso ao falar para um grupo de pessoas. Mas a ansiedade verdadeira não pode ser explicada. É uma experiência espiritual.”

**ANDREA COCCIA Qual é a sua causa?**

**THOMAS LIGOTTI** A causa da ansiedade é um mistério. Ela pode lhe ocorrer do nada e, repentinamente, você é possuído por ela. Nada existe além da ansiedade. Você é somente o seu receptáculo. Ela pode até parecer infinita, como se ela pudesse perpetuamente se incrementar... ou até você ser sobrecarregado pela sua intensidade e ser destruído completamente. Se alguém perguntasse a razão de tal ansiedade você não poderia fornecer uma resposta que fizesse sentido. Como você poderia explicar tal mistério terrível? A única coisa que pode fazer é de algum modo instigar em outra pessoa como é sentir a experiência dessa ansiedade. Eu penso que a melhor maneira que isso pode ser feito é escrever histórias que provocam essa experiência nos leitores. Esses esforços não serão inteiramente efetivos, assim como ninguém consegue transmitir os sentimentos horríveis que se tem num pesadelo. Você pode por um momento, entretanto, oferecer um relance de sua ansiedade para outra pessoa. A parte estranha dessa obsessão de escrever é que ela pode oferecer prazer e contentamento para ambos o autor e os



leitores, que podem se tornar ligados à sua própria ansiedade e encontrar comprazimento em sua expressão. Esse é outro mistério sem explicação.

**AC Qual é a origem da inquietude que emerge de suas histórias?**

**TL** Além da resposta puramente psicológica que forneci a sua pergunta anterior, a origem da inquietude em uma história pode ser qualquer coisa percebida por nossa mente ou os nossos sentidos. Algumas vezes ideias ou objetos cotidianos podem se tornar estranhos e ameaçadores para nós inesperadamente. Você pode dirigir por uma estrada e avistar um campo aberto com algumas árvores na distância. Você já viu tais paisagens outrora muitas vezes e não sentiu algo de peculiar sobre elas. Mas algumas vezes elas põem sua imaginação em movimento. Você sente que há algo assombrado sobre esse lugar vazio e as árvores que bloqueiam a sua visão para além delas. Essas

cenas se tornam fachadas de algo que você não pode ver ou conhecer. O mundo inteiro é desse jeito. Ele é cheio de vistas e sons e cheiros que você toma por conhecido na maior parte do tempo. Em alguns momentos, porém, eles estimulam seus pensamentos e sentimentos de maneiras estranhas e não mais se parecem óbvios. Eles levantam questões que você nunca considerou anteriormente. Algumas vezes você pode acabar se perguntando “Sobre o que é esse mundo?”. A essa pergunta somente há silêncio.

### **AC** Como as histórias se tornam perturbadoras?

**TL** Eu diria que a história se torna perturbadora quando ela nos faz pensar e sentir algo que nunca pensamos ou sentimos antes, o que é comumente algo terrível. Um bom escritor pode produzir histórias que funcionam em nós desse jeito. *Coração das Trevas* do Joseph Conrad é um excelente exemplo de uma tal história. Poucas pessoas viram o mundo pelos olhos do narrador, que também são os olhos de Conrad. Mas quando leem essa história, elas de fato veem através desses olhos. Surpreendentemente, o que elas veem é algo que já sabiam, especialmente o que é mais horrível em estar vivo. Quase todas as obras que perduram da literatura são baseadas no que é mais perturbador da vida. Poucos aguentam se deter nesses assuntos por muito tempo. Se o fizessem não seriam capazes de viver. Elas seriam deterioradas pelo mesmo horror que destrói o personagem de Kurtz em *Coração das Trevas*. Porém enquanto leem Conrad elas são perturbadas por essa visão. Depois, é claro, elas esquecem de tudo para voltar a viver como antes.

**AC Ao ler as suas histórias o leitor sente algo intensamente subterrâneo, algo que não se pode ver mas se pode perceber. O que é isso?**

**TL** Na minha opinião a vida é fundamentalmente um pesadelo que acaba tão somente quando nós morremos. Poucos concordariam com essa opinião. Não estou sempre sobrecarregado por essa visão da vida. Mas essa é a visão que tive em mente todas as vezes que escrevi uma história. Ela subjaz a todas elas. É o seu estrato subterrâneo, como observou. Isso é o que os eventos superficiais das minhas histórias sempre tentam transmitir ao leitor. Algumas vezes um personagem de minhas histórias dirá francamente que a vida é um pesadelo, um pesadelo completo sem qualidades que o redima. Ambos Poe e Lovecraft fizeram o mesmo em suas histórias. A história de Poe “Berenice” começa com as palavras “O infortúnio é múltiplo. A infelicidade na terra tem muitas formas.”<sup>2</sup> e assim por diante. “Arthur Jermyn” de Lovecraft começa notoriamente com a sentença “A vida é uma coisa horrenda”, um ponto que ele elabora ainda mais notoriamente no parágrafo inicial de uma de suas maiores obras, “O chamado de Cthulhu”. Porém uma história deve transmitir esse sentido de pesadelo majoritariamente por meio de incidentes narrativos e não por asserções expositivas. Só ocasionalmente que é útil dizer simplesmente que a vida é um pesadelo. É uma proposição banal, embora haja vez que seja necessário dizer isso abertamente. Mas então ela perde a sua qualidade subterrânea, sua obscuridade insidiosa.

---

2 Utilizo aqui a tradução de Silveira de Sousa das primeiras frases do conto.

**AC Temos um adjetivo particular em italiano, “*perturbante*”<sup>3</sup>. Não é algo precisamente sobre terror ou medo, é mais como algo rastejante, inquietante, e eu sinto isso muito em suas histórias. O que é isso? Como pode construir algo assim em suas histórias? Como acha que afeta o leitor? E como te afeta?**

**TL** Acho que a palavra em inglês “*perturbed*” pode ser considerada um cognata de “*perturbante*”. Ela tem vários sentidos, um dos quais é ser totalmente insensato. A saúde psicológica é relativa, é claro. Dentre os artistas, um certo grau de desequilíbrio mental é mais útil a eles do que é para a maioria da humanidade. Ele pode alimentar a imaginação deles e a levar para direções não disponíveis a indivíduos que têm uma disposição mais centrada. Estados de depressão duradoura ou ansiedade severa, por exemplo, não são percepções falsas do mundo, embora muitos psiquiatras gostariam que pensássemos que são. São meramente meios mais intensos de intuição do que a vida é para qualquer um em um dado momento. Ela é real, e a sua realidade não pode ser negada. Aqueles que estão constantemente felizes também podem parecer desequilibrados na sua visão do que é comumente chamado da condição humana, que não é de modo algum uniformemente agradável. Nenhum artista pode expressar um estado mental que não é profundamente fundado em sua experiência pessoal. Por essa razão os escritores tendem a ser especialistas em certos estados mentais e emocionais. Poucos são capazes de representar uma ampla gama desses estados, embora tantos finjam fazer isso e podem ser bem capazes disso. Por definição, escritores de horror sobrenatural são especialistas. Eles não escrevem

---

3 Aqui optamos por não traduzir a palavra italiana “*perturbante*” e tampouco a palavra inglesa “*perturbed*” por se tratar de uma discussão acerca de termos para um sentimento que o português também tem a sua palavra: perturbador.

para um público geral, mas para um que é similarmente especializada em seu temperamento. É, pois, que ambos o autor e o público são preordenados a se juntarem. Ambos já estão perturbados no sentido usual da palavra. Se esse não fosse o caso, não haveria comunicação entre eles.

**AC** Esse efeito perturbador parece emergir na imaginação ocidental no tardar do século XVIII, durante a era do Esclarecimento e no começo da primeira revolução industrial, durante o começo clássico da Modernidade. Talvez seja um sentimento peculiar de nossa era moderna, não é? E como era antes? Qual a sua origem? E, por fim, ele pode sobreviver no mundo digital no qual vivemos?

**TL** Eu acredito que a sua observação que o Esclarecimento do século XVIII coincide com a ascensão da literatura do horror, isto é, a literatura gótica, é precisa e interessante. É o caso que eu me subscrevo à visão que desde o tempo do Esclarecimento nós nos temos tornado mais e mais alienados do mundo natural. Certamente isso tem sido um processo atemorizante, e continua a sê-lo nos dias de hoje. Mas não há espaço aqui para analisar o que os pensadores do Esclarecimento chamavam de “progresso”. É suficiente dizer que o nosso assim chamado progresso nos levou além de um mero estranhamento da natureza para a destruição dela. A mudança climática é somente uma de suas manifestações. Na minha visão sempre houve uma antipatia entre os seres humanos e a natureza. Começando no século XIX, certas figuras têm expressado uma preferência pelo artificial ao natural. O poeta francês Charles Baudelaire era preeminente entre eles. Na vida contemporânea o nosso futuro como retratado nas ficções e nos filmes é um ausente da mobília natural. Pessoalmente, eu sou favorável a essa visão da

humanidade se liberando da natureza. Eu preferiria viver em um ambiente de uma estação espacial ao monte de composto dessa terra. Por outro lado, o que estamos fazendo aqui com a nossa tecnologia além de construir outro planeta onde uma nova evolução pode acontecer, em uma esfera espectral, uma atmosfera de fantasmas?

**AC Como você alimenta a sua imaginação? O que lê? O que você assiste? E o que você ouve?**

**TL** Eu não preciso alimentar a minha imaginação. Eu só preciso distraí-la. Na minha mente, isso é o que todos nós fazemos. Estar a sós com os seus próprios pensamentos é uma perspectiva terrível. Terminei de ler todos os livros que me interessavam há muitos anos. Ainda ouço as gravações desses livros – os mesmos de novo e de novo. No momento estou ouvindo a leituras das histórias de Jorge Luis Borges. Se o mundo acabasse amanhã e eu fosse a última pessoa viva, penso que continuaria me aprazendo com as obras de Borges. Elas ainda se pareceriam relevantes para mim, mesmo em um mundo sem outras pessoas. Como Borges, sou um espectador ávido dos filmes. Posso assistir os mesmos filmes de novo e de novo sem nunca me cansar deles. A maior parte dos meus favoritos são filmes dos anos sessenta e setenta: *Lawrence da Arábia*, *O Poderoso Chefão*, *Apocalypse Now*, *O Homem Que Queria Ser Rei*. Tendo a assistir filmes que são baseados em obras da literatura. O gênero cinematográfico inteiro dos filmes “noir” é quase integralmente baseado nas novelas de detetive e *hard-boiled*.<sup>4</sup> Hoje em dia me parece que os programas de televisão são melhores que os filmes. Os melhores são bem literários, enquanto

---

<sup>4</sup> *Hard-boiled* é um termo que não encontro uma tradução exata para o gênero, mas podemos nos servir da expressão “casca-grossa” para aludirmos a seu conteúdo, embora tenha paridade de forma com as novelas de detetive.

os filmes modernos são baseados em roteiros e dependem demais dos efeitos especiais. Quando você ver alienígenas destruindo o mundo uma vez, tal como no filme *Independence Day*, você nunca pode assistir a isso de novo sem ficar entediado. Prefiro assistir duas pessoas falando entre si por centenas de minutos. Ainda escuto música quando estou disposto. A música que prefiro é estritamente composta dos clássicos – tais como aquela feita na era psicodélica – e também música instrumental. Eu tenho sessenta e dois anos, então a música dos últimos vinte e cinco é estranha a mim. Naturalmente, parece inferior ao que ouvia quando eu tinha a sua idade. Pela primeira vez na história da música, pode bem ser inferior a tudo que a precedeu. Mas eu não acho que isso importa de qualquer maneira. Todos os livros, filmes, programas de televisão, e música sendo produzidas hoje ficarão rançosas e serão eclipsadas pelas novas obras nesses campos, não importa o quão inferiores sejam comparadas às produções anteriores nesses campos. Nada dura muito tempo no reino do entretenimento. E tudo que fora sonhado pela imaginação humana é realmente só entretenimento para nos distrair da dificuldade de vivermos as nossas vidas, independentemente do quão longas ou curtas elas podem ser. Quando você está morto, não importa o que acontecerá depois.





# Lista de imagens

- 1** **JAMES ENSOR** Skeletons fighting over a pickled herring
- 5** **CAMILO JOSE VERGARA** Cabrini Green / [camilojosevergara.com](http://camilojosevergara.com)
- 8** **BERNARD ROSE** Candyman (frame)
- 13** **A.M.A. DE NEUVILLE E E. RIOU** Squid holding sailor (edição Hetzel de “20.000 lieues sous les mers”)
- 21** **JOHN CARPENTER** The thing (frame)
- 28** **JAMES CAMERON** O exterminador do futuro (frame)
- 35** **SEBASTIEN ECOSSE** Innsmouth / [artstation.com](http://artstation.com)
- 41** **H.R. GIGER** Alien
- 45** **MIREILLE VAUTIER** Les racines carrées / [mireille-vautier.com](http://mireille-vautier.com)
- 51** **DIVULGAÇÃO** Calabouço Karaokê, BH
- 74** **AUTORIA DESCONHECIDA** Exemplo de banheiro público no Brasil / [ngoisao.vn](http://ngoisao.vn)
- 89** **GILSON JUNIOR** Faceless / [artstation.com](http://artstation.com)
- 100** **LEONARDO DA VINCI** A virgem e o menino com Santa Ana
- 105** **JENIFFER KENT** O Babadook (frame)
- 113** **ROMAN POLANSKI** O bebê de Rosemary (frame)
- 118** **RICHARD COYNE** Diagrama de E. Matchett, citado por Christopher Jones / [richardcoyne.com](http://richardcoyne.com)
- 122** **DIVULGAÇÃO** Thomas Ligottii / Penguin Random House



ENSOR